

REVISTA DA SEMANA

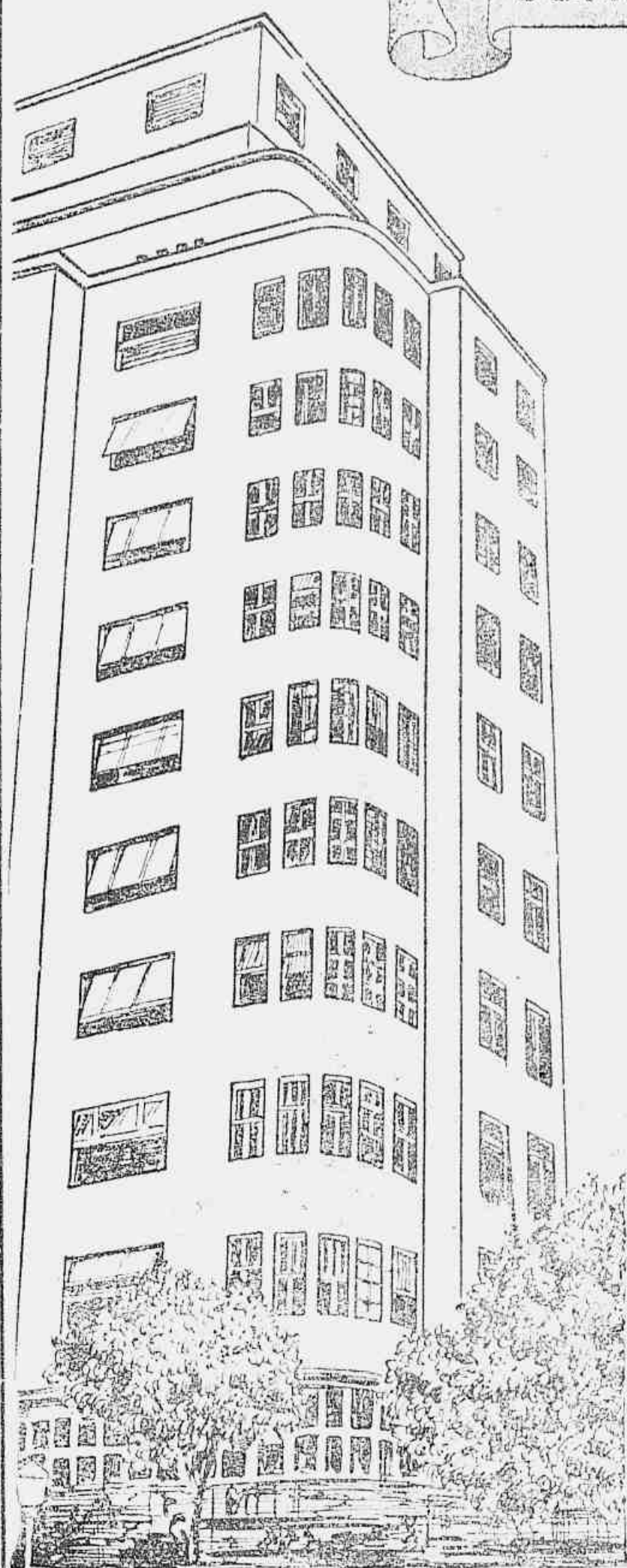
Nº 22 ★ 28-5-49

CR\$ 300 EM TODO O BRASIL



METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS



OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO,
TRANSPORTES
(MARÍTIMOS E
TERRESTRES),
AUTOMÓVEIS,
ACIDENTES
PESSOAIS E
ACIDENTES DO
TRABALHO

SEDE PRÓPRIA DA «METRÓPOLE»
RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.^o e 11.^o

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS
OS ESTADOS DA UNIÃO

RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.^o e 11.^o and.

(SEDE PRÓPRIA)

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

AVENIDA RIO BRANCO, 110 1.^o

A FASCINAÇÃO DO JOGO

TALVEZ não haja país no mundo em que o hábito de jogar seja tão arraigado no espírito público como neste nosso tão belo e vasto Brasil. O motivo dessa pandemia por todo o território nacional decorre do atraso generalizado e da pobreza das populações, em primeiro lugar, vindo em seguida a ganância de conseguir mais opulência, quando o fascínio do jogo se enraiza entre os abastados.

Um estudo a respeito dessa inclinação doentia do brasileiro será de grande vantagem para bases de um programa de libertação nacional diante da lepra do vício do jogo.

Quando entrou em vigor o decreto que aboliu o jogo carteadado e o da roleta nos cassinos, proibindo-os em qualquer recinto, mesmo particular, divulgou nossa imprensa uma estatística surpreendente. Chegavam dos Estados Unidos toneladas e toneladas de baralhos de matéria plástica, destinados aos viciados deste país de decretos. Um dos comerciantes especializados na matéria chegou a afirmar ao repórter que nunca se vendeu tanto petrecho para jogos proibidos como depois do decreto que condenou o vício e cominou as penas da lei.

O assunto faz lembrar a lei seca nos Estados Unidos. Quem bebe álcool não se regenera por simples artigos de leis proibitivas, enquanto a indústria das bebidas alcoólicas continua em seu pleno funcionamento. Da mesma forma nenhum jogador abandona o pano verde, a roleta, o baralho simplesmente porque o clero lança seus anátemas sobre os pecadores, o governo publica decretos bem redigidos, a imprensa combate em artigos candentes a destruição da família e da sociedade nos alcoices da jogatina cancerosa.

Começemos por um processo pedagógico. Proiba-se a venda de artigos de brinquedos que representam roletas, baralhos, dados, jogo de bicho, loterias. Cada criança que se habitua a formar em casa, inocentemente, com amiguinhos e irmãos ou parentes uma rodinha para jogos infantis que nada mais são do que a vesícula germinativa do cassino de amanhã, não está sendo educada para servir a pátria, para defender nossas instituições, para constituir família, para tornar-se elemento de escol na sociedade. Será um viciado que vai desmoralizar o país, degradar a família, prostituir-se até a morte.

Esse caso do delegado Pereira da Costa é típico. Homem probo, consciente de seus deveres, incumbido de dar caça aos viciados do "pif-paf" nesta cidade da jogatina mais desenfreada, conseguiu surpreender uma assembléia de contraventores em cujo meio havia senhoras e cavalheiros da mais elevada categoria social.

A sede do carteadado era elegante e aristocrático palacete cujo proprietário e morador a imprensa não divulga. Alta madrugada, numa dependência dos fundos, toda iluminada, estavam eles a fazer suas apostas, quando a polícia os cercou e intimou a comparecer à delegacia.

Sobre a mesa, fichas no valor de mais de oitenta mil cruzeiros. Depois do primeiro choque de surpresa, cada um dos presentes procurou vencer o prestígio da lei representado pela força da polícia, exibindo suas qualidades de altos elementos da sociedade carioca. Tudo inútil. A polícia exigiu a presença dos contraventores ao posto policial. Ali que se discutissem os seus direitos, se organizassem as defesas.

Isso sucedia às duas da madrugada. Daí por diante, teve o delegado Pereira da Costa que suportar a maior e mais intensa ofensiva de pedidos e pistolões, empenhos e súplicas no sentido de relaxar o flagrante deixando os aristocratas do "pif-paf" regressar aos seus palacetes e apartamentos de luxo, como se nada houvesse acontecido!

Era o cúmulo. Dentre as rogativas que choveram durante todo o restante da madrugada, esse delegado recebeu pedidos até de um ministro! Figuras da alta administração nacional; grandes personagens cariocas; gente da alta-roda social, todos pediam que os presos fossem postos em liberdade sem a menor formalidade, como deuses do Olimpo com plenas e gerais imunidades. Mas o delegado fez linca-pé, respondendo ao ministro:

— "Atendo o seu pedido, sr. ministro, mas, em seguida, dou um tiro na cabeça!"

Vendo o intercessor que essa autoridade estava falando com todo o vigor de sua dignidade funcional, com toda a força de sua coragem moral, teve que recuar e, por fim, o felicitou pela firmeza de seu caráter que não amolecia diante desses recursos de pressão imoral daqueles que deveriam ser os primeiros a robustecer a majestade da lei e prestigiar os seus executores.

A contravenção do jogo nesta capital assume aspectos de calamidade pública, e se amanhã esse delegado criterioso e honesto for afastado de seu cargo, ninguém se espante. É, mais uma vez, a tremenda influência do poder do jogo, o império do "pif-paf" anulando valores morais em proveito dos fascinados pela possibilidade de manter opulências e luxos sem obtê-los como determina o Genesis: "E ganharás o pão com o suor do teu rosto".

RUY SAULO



Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

A fascinação do jogo	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9

REPORTAGENS

Cantadores do Nordeste (Renato de Alencar)	4/6
A explosão de Gericinó	55/58
Levanta-se o bloqueio de Berlim	27/29

BIOGRAFIA

A vida de Haeckel	7
-------------------------	---

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	43

CARICATURA

Bom humor	11
Olho mágico (Théo)	42
O mundo manca e a mula murcha	54

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
---	-------

RADIO

Broadcast	14
-----------------	----

NOVELA

Tentação (Germana Lauazana)	18
-----------------------------------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nos bastidores femininos	19
Sugestões em lâ	20/21
O amor é assim	23
Chapéus	23
Modelos de Barbara Stanwyck	24
Para o seu vestido preto	25
Mães e filhos	25
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	26
As cores e os bordados	26
Sugestões	34
Saias	35
Week-end na cozinha	35
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	36
Interiores	36
Intimidade	37
Detalhes e novidades	38
Chuva	39
Depois das cinco	40
Para gente nova	41

CONTOS

Assim é o amor (Holando Lacorte)	22
A reliquia (Cléo de Souza)	30

CINEMA

Cine-Revista	32/33
--------------------	-------

MÚSICA (Roberto Lyra Filho)	46
-----------------------------------	----

TEATRO (José Fomm)	47
--------------------------	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	49
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	50
---	----

FOLHETIM

Scarlet	53
---------------	----

ILUSTRADORES

M. Queiroz
Osvaldo da Cunha
Orlando Matos

NOSSA CAPA

Cid Charisse, a encantadora morena da Metro, foi a escolhida para a nossa capa de hoje. Excelente bailarina, Cid foi a "partner" de Ricardo Montalban em "Festa brava" e "Numa ilha com você", dois magníficos tecnicolors da Metro-Goldwyn-Mayer.

(Foto M.G.M.)



A GARGALHADA: Aderaldo, o mais famoso violeiro, cantando a "gargalhada", versos de sua criação, aplaudidos calorosamente





Mário Aderaldo, cearense, de Russas, é o neto adotivo de Aderaldo. Esse jovem acompanha os cantadores ao violino, dando grande beleza de harmonia à toada dos poetas, em surdina



O poeta pernambucano Rogaciano Leite, a quem devemos a vinda dos cantadores ao sul do país, no momento em que os apresentava ao público no Liceu Franco-Brasileiro



O poeta repentista Domingos Fonseca, do Piauí, companheiro de Aderaldo. É considerado o mais fértil dos cantadores do nordeste pela agilidade mental e segurança no metro

OS CANTADORES DO NORDESTE

MUITO têm os brasileiros que viver e que andar, a fim de poder afirmar que conhecem um pouco de sua pátria e de sua gente. País de imensa extensão territorial, seus Estados são como compartimentos estanques, como os grandes navios modernos com seções que não comunicam umas com as outras, os chamados porões isolados. Nessas obras de engenharia náutica, tudo se faz para evitar que, havendo água num porão, todo o barco corra perigo. É uma providência de salvação de vidas e de bens. Com o nosso país intellizmente esse estado de coisas é de condenação nacional, de desnacionalização do nosso próprio povo, que não se conhece mutuamente.

A começar pela imprensa. Nossos jornais trazem mais notícias do estrangeiro do que da própria nação. E quando há telegramas ou comentários é porque

**A MUSA SERTANEJA NOS AUDITÓRIOS DO RIO ★
VAMOS TER AQUI UM CONGRESSO DE REPENTISTAS
E VIOLEIROS DOS SERTÕES**

Texto de RENATO DE ALENCAR

Fotos de VIEIRA

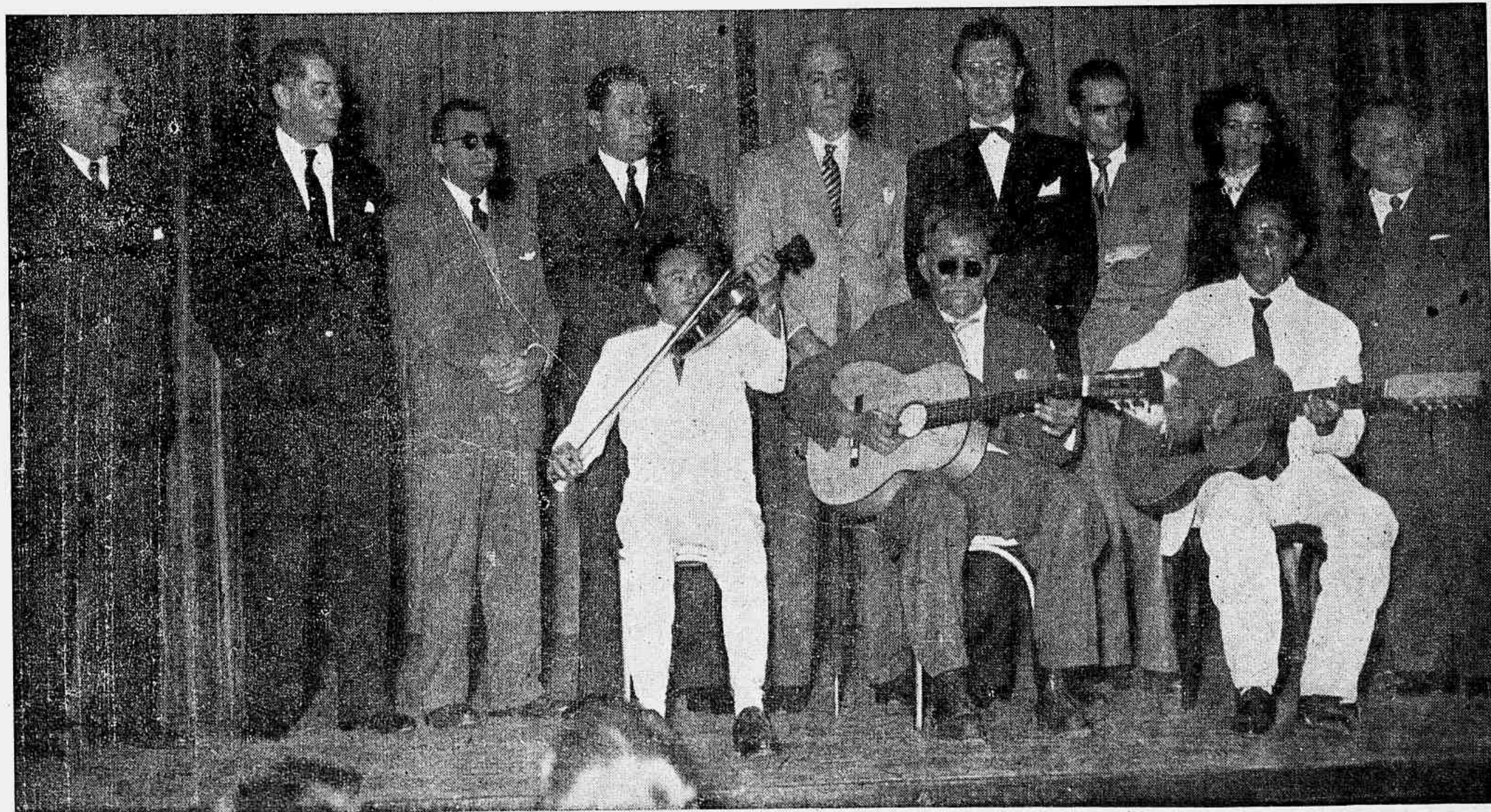
algum crime foi cometido, alguma catástrofe desabou nesse ou naquele Estado da Federação. Em literatura nem é bom falar. O que se publica no Ceará, os próprios Estados limítrofes ignoram completamente, quanto mais o Brasil do sul, terra estranha e longínqua...

Muito se fala em poesia sertaneja; mas, quem, na verdade, já viu um cantador dos sertões do nordeste? A literatura de Catulo Cearense era uma contração, o que sempre dissemos, mesmo quando o

famoso e imortal poeta ainda era vivo. Em crônicas pelas emissoras do Rio, pela imprensa, analisamos a obra de Catulo e mostramos que ele jamais escrevera poesias verdadeiramente sertanejas do nordeste. Homem de grande cultura, versando várias línguas, conhecendo o nosso vernáculo como poucos, nunca esteve no nordeste a não ser quando muito criança, sem discernimento algum. Viu, criou-se, ficou velho aqui no Rio, onde morreu. O que sabia sobre a poé-

tica dos sertões era através de informações de nordestinos como João Pernambuco e outros. Nunca sentiu a alma sertaneja, e enchia seus versos de vocabulário e modismos absolutamente desconhecidos pelos sertanejos. Seu glossário era um sincretismo desarticulado e arbitrário de nomes do interior do centro e sul do país com alguma coisa do nordeste, sem qualquer unidade que caracterizasse a obra do grande poeta brasileiro. Catulo, para poder deixar uma literatura nordestina, exatamente nordestina, precisava ter feito o que nunca fez: — passar uns anos nos sertões de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Voltaria capaz de escrever poemas sertanejos.

Agora Catulo, quem muito fez pela divulgação dos poetas violeiros foi Leonardo Mota, o inesquecível Leota das



Apresentando a festa, membros da Comissão Nacional de Folclore e outras pessoas, posaram com os cantadores. Da esquerda para a direita, dr. Ulisses de Albuquerque, Almirante, dr. Marques Júnior, dep. João Maria de Melo, Gustavo Barroso, Rogaciano Leite, Jansen Filho, Dulce Lamas e o dr. Renato Almeida



Pelas fisionomias dessa parte da assistência, podemos imaginar o que foi um dos desafios entre os cantadores, vendo-se expressões de "suspense", de gargalhadas, sorrisos, perplexidade

noites boêmias de Fortaleza. Leonardo publicou várias obras sobre os cantadores, seus desafios, sua vida. Escreveu e pronunciou por todo esse grande país as mais interessantes e aplaudidas conferências que já houve por aí. Ele sabia dizer as coisas com uma graça, uma inflexão de voz, um jeito matuto inimitáveis. Suas palestras eram um sucesso inatingível por qualquer outro conferencista, saindo-se de tais sessões encantado com a arte de dizer coisas sertanejas desse saudoso beletrista patricio.

Mas, faltava, porém, um homem de letras que fizesse obra mais objetiva, mais útil do que Leonardo. Câmara Cascudo e outros. Faltava um herói, um audaz, um peregrino intímido que trouxesse os próprios cantadores do nordeste para o sul do Brasil e os apresentasse às platéias cultas das cidades, provocando os desafios, mostrando toda a imensa beleza espiritual desses aedos anônimos,

muitos deles analfabetos, sem curso primário, sequer.

Esse corajoso, esse homem tenaz, patriota, chegou ao Rio. E' o poeta pernambucano, de S. José do Egito, Rogaciano Leite, bacharelado em Filosofia com apenas 28 anos de idade e uma experiência literária de um pensador amadurecido nas lides da cultura geral.

Rogaciano Leite é um desbravador de caatingas, sente o cheiro da macambira, adora o ambiente dos sertões adustos, onde as bromélias agressivas ornamentam as malhadas sob a sombra dos umbuzeiros, nos panoramas da natureza agreste, emolduradas de chique-chique, mandacaru, palmatória, corôa de irô, guernas e caatingueiras. Onde o câncão, com sua camisa do "Botafogo", salta de galho em galho ao pino do sol abrasador, como um cuco de relógio a acionar a Natureza adormecida na modorra das sextas quentes. Esse poeta já percorreu

tudo o nordeste e norte do país, realizando excursões culturais, com recitais de poesias próprias. Sendo profundo conhecedor do ambiente dos cantadores, tendo por eles imensa admiração, resolveu reabilitá-los perante os homens de letras e a sociedade brasileira. Não satisfeito com esse programa patriótico, Rogaciano Leite concebeu e realizou a idéia de reunir em Congressos os mais afamados cantadores. Assim, o primeiro foi levado a efeito em Fortaleza, Ceará, em 1947. O segundo, no Recife, em outubro do ano passado, no Teatro Santa Isabel. Dezesseis cantadores de fama deliciaram o público da capital de Pernambuco durante uma semana, tendo sido o Congresso encerrado na "Rádio Jornal do Comércio". Os cantadores se apresentaram ainda em casas particulares, sociedades beneficentes, instituições culturais, de caridade, etc.

Vendo que sua tarefa alcançava o mais

completo êxito, resolveu o poeta trazer os cantadores à capital do país para demonstrações reais desses versejadores ainda desconhecidos no sul. Foi cumprindo o seu programa que tivemos a oportunidade de ver os cantadores na audição do Liceu Franco-Brasileiro, na rua das Laranjeiras, 15, a 14 de maio, às 21 horas.

A sessão foi pública, sob os auspícios da Comissão Nacional de Folclore, de que é presidente o sr. Renato Almeida.

Embora estivesse a noite muito chuvosa, já às 20 horas o amplo auditório do Liceu denunciava grande afluência. As 20.30, todos os lugares estavam ocupados. Umhas oitocentas pessoas lotavam o salão, e o sr. Renato Almeida se desdobrou em providências para conseguir cadeiras avulsas e colocá-las nos espaços vagos do auditório, moderno departamento do educandário, com poltro-

(Continua na pág. 46)



O famoso trio, já no palco do Liceu, rompe a festa da Palavra, estando a improvisar suas sextilhas o cantador Domingos Fonseca, tendo ao centro o cego Aderaldo, e Mário ao violino



Uma parte da grande assistência que, a catorze de maio, lotou completamente o amplo auditório do Liceu Franco-Brasileiro, que viveu uma noite de rara espiritualidade artística

"NUMA recente lição ao microscópio", escreveu Haeckel a seus pais quando estudava na universidade de Würzburg, "o professor Leydig se deteve de súbito e apontou para mim com profundo espanto. 'Nunca vi coisa igual na minha vida!', exclamou. 'Este moço pode olhar ao microscópio com o olho esquerdo enquanto, com o direito, desenha o que vê...'. Esta particularidade da minha constituição física", prosseguiu Haeckel, "é de extrema importância no estudo da história natural."

Além de sua dupla visão física, Haeckel possuía uma dupla visão mental. Era metade cientista arguto, e metade artista imaginativo. Tinha igual prazer em desenhar um músculo humano e em pintar uma paisagem rural. Essa combinação do olho que vê e do coração que anela fez de Haeckel uma das mais notáveis personalidades alemãs do século XIX.

II

Sua ascendência era um misto de aristocratas e camponeses — com predominância do elemento camponês. Nunca, até o fim de seus dias, conseguiu adaptar-se aos refinados artificialismos da nobreza. Na juventude descreveu a si mesmo como "um rapaz impetuoso, de faces vermelhas e cheias, e longos cabelos louros... descurado no vestir e frequentemente esquecido das boas-maneiras à mesa". Tímido em presença dos outros, gostava imensamente de caminhar, nadar e colecionar toda casta de plantas curiosas. Nos dias feriadados adiventurava-se pela floresta em procura de "novos espécimes de seres vivos". Quando lhe perguntavam o que desejava ser, respondia: "Quero ser um Reiser" — forma infantil da palavra Reisender, viajante.

Estava destinado, entretanto, a fazer as suas viagens mais no plano mental que no físico. Seu pai, funcionário público, trasladou-se com a família de Potsdam para Merseburg, e de Merseburg para Berlin. Mas Ernst não acompanhou os pais a Berlin. Matriculou-se na Universidade de Würzburg, onde esperava especializar-se em botânica, de acordo com o seu projeto de "seguir os passos de Humboldt e Darwin nas florestas tropicais". Os pais, contudo, nutriam outras esperanças a seu respeito. Queriam que se dedicasse à medicina.

Toda a sua carreira universitária foi uma luta entre a aversão à medicina e a paixão pela botânica. "Estou convencido", escreveu repetidas vezes aos pais, "que a medicina não é a minha vocação"... "O estudo das enfermidades enche-me de invencível repugnância (provavelmente devida à debilidade nervosa e à hipocondria) e jamais poderei habituar-me a ele". Por outro lado, experimentava o mais intenso prazer quando descobria uma nova planta. "Anteontem fui passear até a margem do Meno, onde os navios são descarregados. De súbito encontrei entre os arbustos uma estranha planta crucifera amarela, aparentada com a couve negra, e que até então eu desconhecia... Bem podem imaginar o meu êxtase!".

Mas os pais de Haeckel não podiam imaginar o seu êxtase. Disseram-lhe que esquecesse as plantas e se dedicasse à medicina. E o filho obedeceu. Comprou um microscópio — para o qual economizara dinheiro alimentando-se unicamente de rim azedo e coalhada — por algum tempo — e embrenhou-se pontualmente nos estudos anatómicos. Completou com êxito esses estudos, assimilou a matéria médica — "o mais terrível instrumento de tortura já inventado para o intelecto humano" — e passou nos exames de formatura. "E agora, meus caros pais, aqui estou eu — Herr Doktor Haeckel — um jovem médico escanifrado, de hirsutos cabelos castanhos alourados, bigode e barba — com três ou quatro polegadas de comprimento apenas — da mesma cor, e um comprido cachimbo na boca". Mas — avisava Haeckel aos pais — quando voltasse a casa levaria consigo mais alguma coisa além do microscópio e dos livros de medicina. "Terão de reservar um quarto à parte para armazenar um formoso feixe (de espécimes de plantas). Será um agradável subsídio ao meu tesouro de botânica".

Embora estivesse licenciado para exercer a medicina, continuava a considerar a "aleatória arte de curar" como uma forma superior de charlatanismo. "Quando adoecemos", dizia, "podemos escolher entre dois caminhos: deixar a natureza seguir o seu curso, se queremos restabelecer-nos,

A VIDA DE HAECKEL

(ERNST HEINRICH HAECKEL — 1834-1919)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

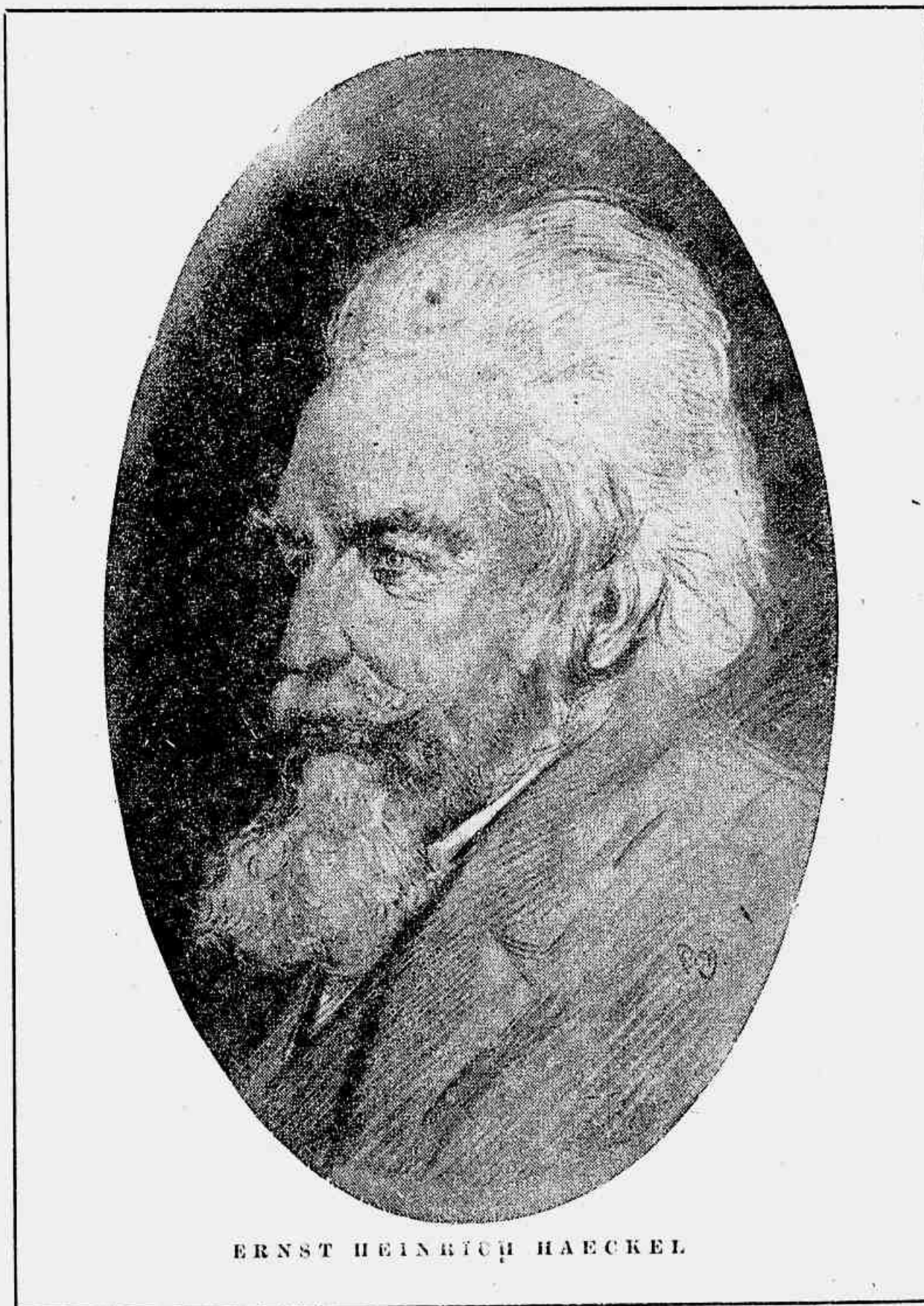
(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

ou consultar um médico, se queremos morrer".

Não obstante, havia-se "reconciliado", conforme declarou aos pais, "com a idéia de uma carreira médica". Serviu como interno durante várias semanas no Hospital de Würzburg, assistindo ao nascimento daqueles "nenês marotos que fazem questão de vir ao mundo numa hora em que todas as pessoas honestas deviam estar farradas no sono". Seus "deveres obstétricos" principiaram numa ocasião das mais inopertunas — exatamente nove meses depois do

as cinco e as seis da manhã. No fim de um ano de atividade, conseguira provar ao pai que não fora "talhado" para a profissão médica.

Que fazer agora? Sem aptidão para a medicina apesar dos seus estudos, sentia-se igualmente inapto para a botânica por causa da má direção imprimida a esses estudos. Por algum tempo acariciou a idéia de consagrar a vida à pintura de paisagens. Mas percebeu que, como artista, era simplesmente um imitador bem dotado, e não um gênio original. Bastante



ERNST HEINRICH HAECKEL

carnaval de Würzburg. "Durante o meu período de serviço no hospital da maternidade, os bebês chegavam literalmente às carradas, de modo que tive de interromper o sono por várias noites consecutivas".

No entanto, "já que a medicina terá de ser a minha carreira, farei o possível para suportá-la". E, realmente, com a científica displicência do estudante de medicina "traquejado", começou a esperar ansiosamente a sua primeira autópsia — "a parte mais interessante, aliás a única interessante, da medicina". E então chegou o dia da primeira autópsia — o exame do cadáver de outro interno "com quem eu estivera conversando intimamente há apenas alguns dias". Este episódio curou-o de ambições médicas para o resto da vida.

Em atenção aos desejos dos pais, contudo, exerceu a medicina por um ano ainda. Mas durante esse período não teve mais de três clientes — principalmente porque ele fixava as horas de consulta entre

bom como amador — durante sua vida, pintou mais de mil paisagens — mas (confessava a si mesmo) lamentavelmente inábil como profissional.

E assim, aos vinte e cinco anos achou-se num beco sem saída. No entanto, acreditava ele havia de encontrar alguma brecha nessa barreira intransponível. Pois Haeckel tinha ardente fé em Deus — ele que, mais tarde, ia negar a existência de Deus. Em carta a seus pais manifestara a decisão de enfrentar amplexivo o futuro, com a inspiração do céu: "Temer a Deus, fazer o que é justo, e não ter medo a ninguém".

III

Tal como esperara, encontrou a sua oportunidade — ou antes, afezrou a sua oportunidade — no campo das ciências naturais. Tinha persuadido o pai a conceder-lhe um ano de férias "para viagens e estudos gerais". Passou a maior parte do ano ca-

tando "formas raras de vida marinha" em Messina. Entre outros espécimes interessantes, descobriu, estudou e classificou esses "puros e belos flocos de neve marinhos" — os radiolários. Escreveu uma monografia sobre o assunto e graças a isso conquistou a cadeira de zoologia na Universidade de Jena.

Então se desenrolou o primeiro dos seus dois romances trágicos. Enamorou-se de sua prima Anna Sethe, moça "de raros dotes de espírito e coração". Casaram-se e viveram felizes — durante dois anos. Foi precisamente no trigésimo aniversário de Haeckel que sua jovem esposa morreu.

Por algum tempo os amigos temeram que ele não sobrevivesse ao golpe. "Só o trabalho pode salvar-me da loucura". De modo que se atirou ao trabalho e, num único ano, escreveu um sumário de suas idéias científicas composto de mil e duzentas páginas — a *Morfologia Geral dos Organismos*. Durante a preparação do manuscrito, viveu como um eremita, trabalhando dezoito horas por dia e dormindo três ou quatro horas.

Haeckel dedicou esse livro à esposa como um monumento vivo. Deu o nome dela a uma de suas medusas favoritas — uma fada marinha "cujos longos tentáculos rasfajantes me lembram os seus formosos cabelos de ouro".

Três anos depois tornou a casar — desta vez não por amor, mas por simples desejo de companhia. Mudou-se para uma "espaciosa" cabana a que deu o nome de *Vila Medusa* e preparou-se para o estudo cotidiano do mistério da vida. A guisa de exercício, dava longos passeios — sempre foi um bom atleta, tendo estabelecido um recorde no salto em distância — lidava no jardim, e batia com os punhos no peito, "para fazê-lo respirar profundamente", diante da janela aberta do seu quarto de dormir. Às vezes recorria a essa ginástica respiratória no caminho de sua casa à escola — para gáudio dos seus alunos.

Na sala de aulas, entretanto, os alunos sentiam unicamente uma grande admiração por aquele professor que "falava como o demônio e desenhava como um deus". Sentado a uma pequena mesa, exceto quando se erguia para traçar um diagrama no quadro-negro, ele dava as suas lições numa voz "apaixonada, cintilante, firme". Ao expor as suas idéias, manifestava deferência para com muito poucos, e não se dobrava diante de ninguém. Não o tolhia nenhum senso de falsa modéstia. Quando um amigo, certa vez, lhe perguntou: "Qual é o seu escritor favorito?", ele respondeu prontamente: "Ernst Haeckel".

Mas se o seu escritor favorito era Ernst Haeckel, o seu cientista predileto era Charles Darwin.

IV

Foi em 1866 que Haeckel conheceu "o genealogista da maior árvore de família do mundo". Esse encontro com Darwin, conta-nos Haeckel, foi um dos momentos supremos de sua vida. "A carruagem deteve-se diante da habitação de Darwin, uma aprazível casa de campo coberta de hera e sombreada por olmeiros. Vi então o grande cientista emergir de entre as trepadeiras que rodeavam o alpendre escuro, e avançar em direção a mim — uma figura alta e venerável, com os ombros largos de um atlas que sustentasse um mundo de pensamentos... A expressão cândida e cativante do rosto, a voz suave e doce, as palavras lentas e ponderadas, o encadeamento simples e natural de suas idéias, cativaram-me o coração durante a primeira hora de convívio, assim como as suas obras sublimes me haviam tomado o espírito de assalto à primeira leitura. Era como se algum sábio sublime da antiguidade helênica, um Sócrates ou um Aristóteles, surgisse rediivo à minha frente".

Haeckel se converteu no paladino de Darwin na Alemanha, assim como Huxley se tornara o paladino de Darwin na Inglaterra. ("A heresia do darwinismo", observou um clérigo inglês, "formou agora uma aliança profana de três agas: Haeckel, Huxley e Hell — inferno.") Ao contrário de Darwin, Haeckel tomou a agressiva atitude de missionário do livre-pensamento. "Não existe Deus", dizia. "E Haeckel é o seu profeta", acrescentava um adversário faceto. Atacava o "fanatismo da religião" com um fanatismo irreligioso igualmente frenético. Escreveu livro após livro para refutar a divindade de Deus e provar a "divindade da Natureza". E a publicação de cada livro era o sinal para uma nova torrente de vitupérios sobre a cabeça do autor. Ao co-

(Continua na pág. 46)



A carreira do militar de primeira linha, é, na atualidade uma das mais nobres e das mais heróicas. Mesmo em tempo de paz num país tradicionalmente pacífico como o nosso, o militar para fazer carreira tem que submeter-se a uma série de provas das mais árduas e perigosas.

Para muita gente que só vê superficialmente, o militar leva uma vida folgada, com bons vencimentos, honrarias e prestígio. Entretanto, para quem examine com mais profundidade a profissão militar quando se tem vocação para a farda e para a vida disciplinada de casernas, embora hoje os vencimentos dos oficiais não sejam desprezíveis, não levam os soldados nem vida folgada, nem isenta de perigos permanentes mesmo em pleno tempo de paz.

Subordinados a transferências para lugares longínquos e muitas vezes opostos; obedecendo a regras disciplinares severas e irrevogáveis; sujeitos a manter na sociedade e na caserna uma linha de conduta consequente com o brio da farda; obrigados a fazer cursos de guerra em acampamentos rodeados de perigos, onde qual-



Cel. João Valença Monteiro

quer descuido poderá causar a morte; a dar instruções aos que precisam de conhecimentos belicos manuseando armas de defesa e de ataque como se estivessem nas frentes de combate; a preparar-se intelectualmente com pesados e longos cursos de Estado Maior, através dos quais o oficial perde noites em estudos técnicos e científicos; a manter aspecto que inspire respeito, quer seja no trajar, quer seja nos seus modos e procedimentos, enfim, ao oficial do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, nos seus variados corpos de tropa, tudo se pede em defesa da pátria, das instituições, da preparação dos conscritos, da manutenção da disciplina, exigindo-se cultura, eficiência, generosidade e vocação militar.

Profissão que exige renúncias e imensos sacrifícios, é essa do militar uma das mais briosas e patrióticas. Foi, pois, com a alma ajoelhada em torno das vítimas da recente catástrofe dos campos de manobras de guerra de Gerichnó, que todo o país se debruçou em volta de quase uma centena de mortos e feridos, para deplorar a fatalidade de um acidente doloroso, que roubou ao nosso glorioso Exército, um punhado de bravos, de defensores do Brasil. Rendendo nosso preito de saudade aos desaparecidos e levando aos hospitalizados a solidariedade de brasileiros, significamos aqui toda a extensão de nossa dor, simbolizada na pessoa do Tte-Cel. João Valença Monteiro, tragicamente morto no cumprimento do seu dever, a patente mais alta tragada pelo torvelinho da tragédia.

a Semana EM REVISTA

A VER NAVIOS A vida moderna, com todo o seu emaranhado de necessidades, cria certos aspectos dos quais podem sair até obras imortais nas artes e nas letras. Na ansiedade cada vez mais intensa de viver, vai o homem inventando, modificando, alterando, adaptando tudo o que lhe pode aumentar a renda. Hoje em dia as profissões se multiplicam de maneira assombrosa, e de qualquer coisa, seja ou não efetiva, se faz uma profissão. Que são eles? Os vigias de automóveis particulares que ficam encostados ao meio-fio de ruas e praças, enquanto os donos vão para os seus gabinetes de trabalho. Do uso intenso do automóvel surgiu esse sentinela que recebe por vez ou por mês os seus honorários. Ele é delicado, atencioso, alisa a carroceria do veículo, espana-a, fazendo jus a melhor gorjeta, a maior confiança do proprietário. Outra profissão que surgiu com a indústria do papel: o trapeiro. Nutre-se este da deficiência da Limpeza Pública. Quanto mais suja uma rua, melhor para a renda do trapeiro. Vive das sobras ou da negligência dos garis. Retraços de jornais pelos recantos de ruas são a vida do trapeiro. Quanto mais sujeira, mais ele tira a vida a limpo... Estas são, porém, profissões firmes, efetivas, que podem durar séculos. Há, porém, outras que surgem num dia, e podem desaparecer no outro. São acontecimentos fugazes, rápidos como a própria sensação da felicidade. Uma das mais recentes foi agora verificada no Rio com o desastre do "Magdalena". E apareceu a profissão de alugar binóculos... para ver naufrágio! Mas como nem sempre há disso, já ninguém quer ver o "Magdalena" e os profissionais ficaram a ver navios... por um óculo!

A RENDA DOS BEIJOS O mais famoso e repelente beijo de que há notícia é o de Judas. Para trair a Jesus Cristo, o Iscariote beijou o Mestre na face. Era o sinal que convençionara com os soldados de Herodes. "Aquele a quem eu beijar é o Cristo". Ficou célebre esse beijo. Artistas imortais como Flandrin, Signol, Ernest Herbert e tantos outros, fixaram em obras geniais esse episódio da paixão de Jesus. Mas, historicamente, o beijo tem outra significação. Sempre foi usado como símbolo de paz, de amizade, de conciliação, de afeto, de respeito, de crença, de fé. Ainda hoje vemos, entre os franceses, o hábito de troca de beijos entre os homens quando em finais de certas solenidades. Não se beijam tocando os lábios às faces; mas fazem aquela menção, dando a parecer que, em verdade, se beijam. No Brasil o mais falado dos beijos foi aquele que Otávio Mangabeira deu na mão de Eisenhower. Em muitos lugares, porém, o beijo é proibido. Está nesse número a cidade de Karachi, na Índia. Todo aquele que for surpreendido a dar um beijo em plena via pública, será multado. Faz poucos dias, um jovem chamado Ezzat Mohamed foi parar diante do juiz porque teve a audácia de beijar a namorada no meio da rua. O escândalo foi tremendo. Todo mundo falou a tal respeito. Paga a multa, foi advertido de que não caísse noutra. No Rio, porém, essa cominação de pena beijicida não existe. Os namorados se beijam em qualquer lugar, com a maior semi-cerimônia. Não sei se valia a pena a instituição de uma multazinha para aumentar os rendimentos nacionais. E nas propostas orçamentárias teríamos: "Renda de beijos... 20 milhões de cruzeiros. Ou é pouco?"

O DEVER DE JULGAR O fato culminante da semana que passou foi o que trouxe a público o litígio do morro do Jacarezinho. O povo que lê jornais e ouve opiniões nos bares, nas barbearias, nas conversas de bondes, nos cafés, nos bilhares, está certo de que o culpado dessa calamidade pública que seria a expulsão em massa de quinze mil pessoas, é o juiz da 5ª Vara Cível, dr. Augusto de Moura. Nada mais errado. A ação não é de despejo, como todo mundo está a dizer e a imprensa a repetir, por equívoco. Há, já lá se vão cinco anos, um processo de imissão de posse promovido pela Companhia proprietária do terreno em que se ergueu uma das maiores favelas do Rio, ou seja o hoje famoso Morro do Jacarezinho. Seguindo os trâmites legais, foram os habitantes intimados, e concedido aos mesmos o legítimo direito de defesa. Até aí ninguém teria razão para dizer que o juiz que assinou a sentença possessória agiu desumanamente. O caso se situa dentro do nosso direito substantivo, base fundamental do regime em que vivemos, ou seja o respeito à propriedade privada. O Morro do Jacarezinho está povoado de casebres e imóveis sólidos, embora modestos, tudo pertencente a pessoas que não possuem título legal de propriedade do terreno. Como todos sabemos, se uma pessoa levanta casa em terreno de outrem, perde o direito ao edifício que construiu. A propriedade do Morro não pode, evidentemente, ficar sem direito de dispor do que é seu, e daí a citação dos réus. Que pode um juiz fazer em tal caso? Ordenar o cumprimento da Lei estribado no Direito. Esse o dever do julgador do feito, e não o de promover solução para a calamidade, exclusivamente da alçada dos outros dois poderes. O que for legal, o juiz cumpre. Não acusemos um homem que está sendo honesto na sua função de magistrado.

SURPRESAS POSTAIS De quando em quando registram os jornais certos fatos que ocorrem entre remetentes, destinatários e o nosso serviço postal. Como é de esperar, sempre existiu no ânimo do nosso povo umas tantas antipatias para tudo o que é serviço público. Essa odiosidade vem mesmo de tempos muito antigos, parecendo que os primeiros funcionários oficiais a quem estavam entregues tais serviços não souberam, ou não puderam, conquistar a confiança, as simpatias dos brasileiros. Naqueles tempos, porém, argumentava-se com as dificuldades do transporte, da falta de preparo técnico, etc. Hoje, porém, com aviação, rádio, cabos submarinos, telefones e até televisão, já não pode haver argumento de defesa como sucedia dantes. Como contribuintes que somos para a riqueza nacional em matéria de movimento de selos do correio, registramos também certos episódios em nosso movimento de expedição postal a assinantes de nossas revistas e mesmo a pessoas que nos escrevem diariamente solicitando esse ou aquele exemplar atrasado de nossas edições. Até aqui ainda não havíamos alcançado um caso-recorde, e sim, apenas, ligeiros episódios sem maior significação. Com surpresa, porém, acaba de ser-nos devolvido pelo Correio um invólucro que expedimos registrado com um exemplar da REVISTA DA SEMANA, em princípios de março de 1935, para o sr. Catulino Dutra, residente em Cacimbinhas, via Pinheiro Machado, Rio Grande do Sul, e que, não encontrando o destinatário, nos foi agora devolvido pelo Correio, depois de... quatorze anos e dois meses! Esse exemplar, que é de 9 de março de 1935, já não é novidade para o destinatário; mas, para nós, não deixou de constituir uma novidade em matéria de rapidez postal.

ÓDIOS DE RAÇAS Por maiores que sejam os esforços dos defensores da harmonia humana sobre este desgraçado planeta, não se nota qualquer vestígio de melhora entre as relações de povos de raças diferentes. Há, em muitos países, segregação de raças. Nos Estados Unidos o negro não dispõe de todos os direitos outorgados aos indivíduos de cutis branca. No Brasil esse preconceito de cor é muito mais atenuado, mas existe. No Rio Grande do Sul é onde tal sentimento de hostilidade ao negro é mais vivo, já se tendo verificado complicações à porta de cinemas em virtude de tais preconceitos. No Rio, como sabemos, há certos estabelecimentos que procuram evitar a entrada de gente de pele preta. Nos Estados do Nordeste sempre houve quadrilhas amesquinhas-doras contra o negro. Há, aparentemente, confraternização entre brancos e pretos; mas, no fundo, não deixa de existir uma indisplicação sempre que surge um motivo para isso. Conta-se que, certa vez, estando Costa Régio no governo de Alagoas, alguém sugeriu que fosse apresentada a candidatura do grande tribuno e advogado dr. Rodrigues de Melo, preto como carvão. O governador fez "biague" e terminou: "Não. De negro em nosso Legislativo basta o que já temos lá". Referia-se a outro bacharel em direito, muito culto, mas pretinho que só S. Benedito, chamado Calheiros. No estrangeiro esse preconceito é ainda maior. Ultimamente a situação chegou a agravar-se muito na África do Sul, como se prova com a moção que o ministro do Interior dr. T. E. Donges apresentou à Assembléia Sul-Africana, proibindo casamento entre europeus e nativos. E ainda se fala em fraternidade universal!

DE BARRIGA PARA O AR Há umas coisas nesta vida que a gente nunca chegará a conclusões definitivas e certas. Por exemplo: na imagem de Cristo na cruz, como devem estar os pés? Separados? O direito sobre o esquerdo, ou o esquerdo sobre o direito? Em assunto de morte, porém, o caso mais curioso que já surgiu nestes últimos séculos foi aquele que nos forneceu o sr. Mateus Krueger, muito digno prefeito do município de S. Francisco do Sul, em Santa Catarina. Esse ilustre administrador, meditando acerca dos mistérios do mundo e da vida dos mortos, acaba de enviar à Câmara de Vereadores o mais interessante projeto de lei de que há memória em todo este grande e fértil país. Segundo seus desejos, os mortos do Babilonga devem ser sepultados de barriga para baixo e com os pés voltados para a porta do cemitério. Qual o motivo por que o sr. Krueger teve essa idéia original? Caso de superstição? Alguma revelação misteriosa? O fato despertou humorismo, e toda a cidade comenta entre "biagues" divertidas a sugestão do prefeito; contudo, achamos que há uma certa razão nisso. Quando estamos vivos, tudo fazemos para conseguir uma vidinha folgada. A posição de decúbito ventral é incômoda; por isso, quando queremos dizer que uma pessoa está muito bem de vida, que sua tarefa no trabalho é pequena, dizemos que esse homem feliz vive de papo para o ar. E' claro que para um morto esse privilégio não assenta bem. Um cadáver de barriga para o ar é uma usurpação dos direitos dos vivos. Quanto à posição dos pés, certamente quer o prefeito evitar confusões no dia do Juízo Final, já estando todos em posição de marcha...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 22 — 28-5-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Séis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Séis meses	Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Séis meses	Cr\$ 140,00
------------	----------	-------------	------------	-------------

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telefônico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Portaria 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, s. 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS



Truman solicita ao Congresso autorização para inverter 1 bilhão e 450 milhões de dólares na defesa da paz, em qualquer parte do mundo. Lutam comunistas e nacionalistas chineses a 20 quilômetros de Changai. Informa o Departamento de Comércio de Washington que a União Soviética reduziu em mais de 50 por cento as exportações de manganês e cromo para os Estados Unidos. Aberto um crédito de 20 milhões de cruzelros, pela Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, para o desenvolvimento da cultura do trigo irrigado naquele estado. Rejeitada pela Assembléia Geral da ONU a proposta-americana para o restabelecimento pleno das relações com a Espanha. Informa o Secretário de Estado dos Estados Unidos ser impossível a inclusão da Espanha no Pacto do Atlântico Norte. Resolve o governo americano intervir na greve da Ford, onde se acham paralisados cerca de cem mil trabalhadores. Em relatório oficial, diz o Departamento de Comércio dos Estados Unidos que a situação econômica do Brasil, de um modo geral, continua favorável; não obstante, aponta como "fatores" a alta geral dos preços e a impossibilidade de manter importações dentro dos limites dos recursos de câmbio. Brasil e Argentina assinam um tratado comercial que estabelece a compra pelo nosso país de 900 mil toneladas de trigo; 600 mil entregues em doze meses e o restante sob condições não estabelecidas. Aprovado pela Assembléia do Estado o projeto criando a "Casa do Estudante Fluminense". Decisão adotada pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos: Liberdade de palavra, mesmo quando o seu exercício estimule o povo a perturbações da ordem. Apresentado ao Senado Federal projeto de lei que determina a Federalização da Universidade de Minas Gerais. Escolhida pelo Conselho Nacional do Petróleo a firma especializada "Hyrocarbon Research Inc." para a montagem da refinaria de 45.000 barris, a ser instalada pelo mesmo Conselho. Nossas instruções do Ministro da Aeronáutica para a promoção de primeiro sargento a sub-oficial. Oferecido ao General Dutra, pelo Presidente Truman, um bolo de aniversário de 1 metro e 20 de altura. Dean Acheson conferência, em Washington, com o embaixador Raul Fernandes. A Assembléia Constituinte reunida em Nova Delhi, aprovou o acordo pelo qual a Índia continua na Comunidade Britânica. Repercute na Câmara dos Deputados o despejo dos moradores do morro do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Só os generais e coroneis com os cursos de Estado Maior e Técnico poderão matricular-se na Escola Superior de Guerra. Instituída a Comissão de Promoções dos servidores municipais do Rio de Janeiro. Portaria do Chefe de Polícia do Rio ordenando severa repressão ao abuso dos fogos juninos. Quasi repetiu com o "Serpa Pinto", em Salvador, a tragédia do "Magdalena". Grandes homenagens prestadas ao General Dutra em Washington. Telegrama de Nova Iorque notícia haver o Ministro da Fazenda do Brasil declarado que este país intensificará o controle das importações, pretendendo, assim, por em dia suas obrigações em dólares com os exportadores norte-americanos. Changai ameaçada de completo isolamento. Queixam-se alguns jornais cariocas sobre a falta de cambiais para importação de papel de imprensa. "E nula a cédula que contiver a legenda de um partido e o nome de candidato de outro partido" foi o que decidiu a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Num lamentável acidente, durante os exercícios militares da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, no campo de manobras de Gerichinó, perdem a vida dez homens e ficam feridos dezenas de oficiais e praças. Falando perante o Congresso americano, o general Dutra declarou: "Creio e espero que a amizade entre nossos dois países mais se fortaleça no trato diário dos nossos problemas, como na jornada comum em busca dos ideais de humanidade e de justiça". Volta ao Senado Federal o caso da venda dos estoques do Departamento Nacional do Café. Nomeado o contra-almirante Antônio Alves de Mendonça para Diretor Geral de Saúde Naval. Reunião secreta da Câmara dos Deputados para examinar a conduta do Deputado Barreto Pinto. Pedida, pelo Ministério Público, a condenação do jornalista José Leal. Praticamente fechadas todas as saídas de Changai. Morreu o arcebispo Damaskinos, primaz ortodoxo que reger os destinos da Grécia, de 44 a 46, após a libertação do país das mãos dos alemães. Chega ao Rio o novo chefe da Missão Naval Americana. Sessão secreta no Senado Federal para tratar do Plano SALTE. Aplauda a Assembléia Fluminense a rejeição do projeto a favor da regulamentação do jogo no estado. Grandes inundações em Alagôas, chovendo torrencialmente em vários pontos do Estado. Desperta enorme interesse entre os filatelistas cariocas a nova emissão de selos "Presidente Roosevelt". Em discurso solene, o Papa Pio XII autorizará a leitura da bula pontifícia sobre a proclamação do Ano Santo de 1950. A Universidade Fordham de Nova Iorque confere ao Presidente Eurico Dutra o título de "doutor honoris causa" daquele estabelecimento de ensino. Apresentado à Câmara dos Deputados, pelo Sr. Café Filho, projeto de lei sobre a criação de um Serviço de Assistência Social supletiva e consequente-proibição da mendicância em todo o País. O Prefeito do Distrito assinou decreto especial promovendo a desapropriação dos terrenos do morro do Jacarezinho. Vítima de profunda depressão nervosa o antigo Secretário de Defesa dos Estados Unidos, James Forrestal suicida-se em Washington, atirando-se do 16.º andar do Hospital da Marinha. Desolador e panorama de destruição e morte da capital e do interior de Alagôas, em consequência da inundação que assolou o Estado. Crescem assustadoramente as águas do Rio Amazonas, já tendo sido destruídos cerca de 50% da produção de juta da cidade de Obidos. Pretendem os nacionalistas chineses fazerem de Changai a "Dunquerque" da China.

Aguardem

Em Junho próximo

O Album de "A CENA"

Um rico brinde de «A Cena Muda» aos seus leitores; um presente especial para as férias de junho, com 100 páginas.

Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso.

A história do cinema em diversos países do mundo.

Mande desde já reservar o seu exemplar.

O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00.

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio à

Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

- 1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito de pagamento. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a "REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CASA CRISTALINO

OFERTAS DE MAIO!

LOUÇAS, CRISTAIS, PORCELANAS, FAIANÇAS,
FAQUEIROS, TALHERES E LUSTRES DE CRISTAL

PREÇOS ESPECIAIS

URUGUAIANA, 35-37

NO MESMO TERRENO

★
Crítica a uma notícia, por
JOSUÉ MONTELLO

★
Rio de Janeiro
1949

algumas questões de ordem gramatical, arroladas por meu caro confrade como impropriedades de linguagem na análise de meu livro.

As arguições capitais que me são feitas, embora pudessem ser incluídas, numa obra de trezentas e quatorze páginas, naquele seio de Abraão dos cochilos de Homero — têm a aboná-las em meu favor copiosos exemplos dos grandes mestres da língua portuguesa.

Transcrevo aqui as palavras de seu comentário restringindo-me unicamente ao que se relaciona a problemas gramaticais: "Sem insistir na tecla apreciativa, apontaremos alguns exemplos que se nos afiguram graves. Nas indicações de lugar frequentemente — e de certo por lhe parecer assim mais bonito — se troca a forma "no", "na" por "ao" "à": ... o avô, "à" cadeira de balanço... até sentir "às" costas a borda saliente da mesa... Eduardo parado "à" calçada... repôs as cartas "à" gaveta"... E, às vezes, no mesmo caso, as duas maneiras: "Um dos relógios "à" parede fronteira. "Na" parede Eduardo descobriu uma ferradura... Outra incoerência e, desta vez, vindo as duas formas num só parágrafo: "Receando que a porta tornasse a "fechar"... a porta tornou a "fechar-se". Mais impropriedades: "...veio vindo "às" recuadas"... Eduardo cuidava do relógio, jamais "o deixando de limpar"... espichou os olhos para uns anjos de ouro que "rodeavam" o altar... aproximando-se de Matilde, como se fosse "acudi-la"... "alumiu" o cigarro..."

São esses, no entender de meu confrade, alguns dos graves erros que maculam minha prosa.

Começemos pelo fim, para alguma originalidade da réplica.

1) A expressão "alumiu o cigarro" é perfeitamente vernácula, ao contrário do que supõe meu eminente amigo. Já no "Leal Conselheiro", no capítulo onde El-Rei D. Duarte fala "Da maneira para bem tornar alguma leitura em nossa lyngoagem", podemos encontrar o verbo "alumiar" nestes versos arcaicos, dos mais velhos pergaminhos da língua:

"Manda o teu messegeiro
Do ceu alto, Spritu Santo,
Qu'esclareça e alumee
Mim que nom mereço tanto,
E dos inimigos me livre
Por nom receber quebranto."

Penso que nenhuma fôlha corrida de pureza vernácula poderia ter a limpidez desse exemplo de El-Rei D. Duarte. Mas é possível que se argumente não ter a palavra, nesse passo, a significação de "acender", "fazer arder", que lhe empresto no meu livro.

Não me seria difícil documentar a procedência desse emprêgo, através de abundantes transcrições de autores abalizados. Limito-me à veneranda autoridade de Frei Domingos Vieira, no seu "Tesouro da Língua Portuguesa", no qual o verbete "alumiar" é registrado com as seguintes significações: "Alumiar — dar luz, emitir claridade, esclarecer, aclarar, elucidar, acender, fazer arder, atear". Um exemplo objetivo? Compulemos o Aulette, no verbete próprio: "Alumiar a lâmpada".

2) Na frase "aproximando-se de Matilde, como se fosse acudi-la", o verbo "acudir", transitivamente empregado, tem seu esteio em Euclides da Cunha, conforme se verifica deste trecho: "Acudiam-no os companheiros" ("Os Sertões"). E ainda o prestígio ponderável de um gramático, neste passo de Júlio Ribeiro: "Se o não acudissem, tinha-se afogado" ("A Carne").

3) Em "uns anjos de ouro que rodeavam o altar", vali-me de Alexandre Herculano para empregar o verbo incriminado: "Veremos os cabeços que rodeiam a caverna de Covadonga" ("Eurico, o Presbítero").

4) Na frase "jamais o deixando de limpar", não vejo o erro que se me atribui. Se é certo que se poderia dizer: "Jamais deixando de limpá-lo", — nem por isso meu pronome estaria incurso em penalidade severa dos códigos gramaticais portugueses. Pelo contrário: o advérbio de negação pode atrair perfeitamente o pronome átono em tais casos.

Rio de Janeiro, 10 de abril de 1949. — Meu caro confrade:

Bastante agradecido às referências elogiosas que fez ao meu romance "A Luz da Estrela Morta" em sua página de crítica literária da REVISTA DA SEMANA, venho pedir-lhe que publique estas linhas em defesa de

Erro seria se eu, em lugar do acusativo, recorresse à forma nominativa, de uso corrente na linguagem oral brasileira. Permita-me que alegremente lhe diga que, na minha opinião, esse pronome está na frase como meu ilustre confrade na Academia Brasileira, isto é: num dos lugares que lhe são devidos.

5) Em Camilo Castelo Branco, em "A Bruxa do Monte Córdova", aprendi a expressão incoativa "às recuadas" que vem empregada na última linha de seu capítulo IV: "O leigo, feita a reverente curvatura, saiu às recuadas". Cândido de Figueiredo aceitou-a e incluiu-a no seu Dicionário.

Embora "sair às recuadas" possa parecer à primeira vista expressão pleonástica, tem a defendê-la a acepção restritiva consignada por Antônio Moraes e Silva na segunda edição de seu famoso Dicionário: "Recuar — andar para trás, para donde se vinha, sem voltar o rosto para essa parte".

Foi exatamente isso que pretendi exprimir, ao fazer minha personagem gradualmente recuar, sem tirar os olhos do relógio ao fundo da sala. Quanto a "veio vindo" é jôgo perifrástico, comuníssimo na língua oral e ainda na escrita. Também se diz, sem dano à gramática: "Vou indo" ou "Vou voltando". Não vejo, portanto, em seu emprêgo, qualquer resquício de erro — e da expressão me valerei sempre que me vier à pena situação congênere para registrar.

6) Se usei, em alguns passos, "fechar" e "fechar-se", não laborei em equívoco. Em alguns casos, como no que me é arguido, deixei governar-me pela eufonia. E isto porque ambas as formas estão certas. Exemplos? Ei-los: De Machado de Assis, nas "Memórias Póstumas de Braz Cubas": "Apenas fechou a noite, corri à casa de Virginia". E agora de Camilo, no "Amor de Salvação": "Fechou-se a noite".

7) Reparo sério pareceria o de que emprego indistintamente — "por me parecer bonito" — "no" em vez de "ao", "na" em vez de "à".

Não há regra fixa para seu uso que não possa ser imediatamente contestada com o exemplo dos grandes autores. Em "até sentir às costas a borda saliente da mesa" não fiz mais do que repetir a lição de Camilo Castelo Branco, em "O Demônio do Ouro": "Consumado o sacrifício desvestidas as sagradas vestes, o sacerdote encostou-se ao gavetão dos paramentos". Se não bastasse a autoridade de Camilo, de cuja jurisprudência vernácula Mário Barreto tanto se valia, aqui está Camões, em dois passos dos Lusíadas, para "errar" comigo: No Canto II, 44:

"Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos."

E no Canto V, 85, de maneira ainda mais clara:

"Até aqui no teu seguro pôrto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo, e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento."

De toda esta exposição se conclui, meu caro e eminente confrade, que estou na obrigação de agradecer-lhe também os reparos que me fez: sem querer, com seu imenso coração de amigo, João Luso me coloca, com os meus pretensos erros de gramática, na mais louvável companhia.

Chateaubriand recorria a Fontanes para corrigir-lhe a sintaxe, nem sempre escorreita. E Alexandre Herculano se valia de um amanuense, que lhe emendava a ortografia. Sem tais secretários — quem é que não erra? Na minha humildade, trabalhando só, é natural que os equívocos aconteçam. Aqui e além, mesmo sem auxílio da lupa, será fácil descobri-los. Talvez como uma advertência às fraquezas humanas, o modelo supremo da beleza clássica — a Vênus de Milo — exhibe-nos os seus braços mutilados.

Receba um abraço de seu confrade, admirador e amigo — Josué Montello.

A DEFESA DA NOTICIA

Meu caro confrade Josué Montello, a sua carta começou por me causar estranheza; e logo depois me fez sorrir. Foi a primeira vez que alguém, a propósito dos meus escritos, principiou daquela exata maneira. Na qualidade de um tanto ou quanto homem dos sete instrumentos, guardo, na minha carteira do "Jornal do Comércio", enormes sobrescritos atochados de respostas acerca de coisas de teatro, belas artes, belas letras, além de crônicas em geral. Ali se encontra um pouco de tudo, inclusivamente a descompostura. Aquêles "bastante", porém, aquêles advérbios de conta, péso e medida, nem mais nem menos, "quantum satis", pela primeira vez, que me lembre, me foi dirigido. E

por tal impressão de surpresa me confesso, não bastante, mas muito e muito obrigado.

1) Do efeito de surpresa passei ao regalo anecdótico. O recurso de citar o "Leal conselheiro" para justificação do emprêgo, naquele caso, do verbo "alumiar", trouxe-me à lembrança um argumento de certa demanda julgada, há alguns meses, em Washington. A sra. John B. Keleher acionara o marido para que este lhe pagasse uma pensão de quatrocentos e oitenta dólares, alegando que a lei, "desde o Código de Hammurabi", obrigava o espôso a sustentar a mulher. A isso, porém, retrucou o advogado da parte contrária, lamentando — sabe Deus com que alegria — não poder a sra. Keleher valer-se de autoridade mais recente, pois o Código de Hammurabi (rei da Babilônia, como Sargum, Nabonassar, Nabucodonosor, etc.) devia datar, pelo menos, de seiscentos anos antes de Cristo. O simile como dizia eminente parlamentar de princípios deste século, não será igual; convenhamos, porém... que é parecido.

Além disso, não se cuida aqui da autenticidade nem sequer da existência do termo "alumiar", naquela época ou ainda mais remota idade. O que precisamos de averiguar é a propriedade ou cabimento de tal verbo no lugar onde o meu prezado amigo o colocou. A sua própria citação do Dr. Frei Domingos Vieira perfeitamente nos serve na circunstância. Sabemos que "alumiar" também significa "acender". Mas nem sempre!! Já um grande filólogo sentenciou que, a rigor, não havia sinônimos. Falta-nos a coragem de ir tão longe... Indiscutivelmente, porém, se dois verbos literalmente diferentes podem ter, em certos casos, a mesma significação, em outros se tornam incompatíveis, bulham um com o outro, "hurlent de se trouver ensemble". Assim, meu brilhante Josué Montello, dentro do verbete do seu citado dicionarista, nos são lícitas as formas "alumiar", ou "acender", tratando-se, por exemplo, de um altar; já, porém, em relação ao cigarro, o "alumiar" me parece insólito, precioso, pedantesco e só explicável, não justificável, pelo propósito de não escrever como toda a gente. Se o meu querido colega pode "acender" um feixe de lenha, não dirá, suponho eu, com o mesmo acerto, que o pode "esclarecer", ou "aclarar", ou "elucidar". E, podendo perfeitamente "acender" o seu cigarro, está absolutamente impedido de, como significado de "alumiar", "fazer arder" um altar, quanto mais uma catedral inteira. Os dicionários não valem em absoluto nem andam à mercê da aplicação que cada um lhes queira dar; é necessário obedecer-lhes, mas sem nos deixarmos tyrannizar por eles — conciliando-os com o critério e o bom gosto. E não desejo, nesta réplica singela, acumular as citações, mas outro mestre em linguagem deixou dito que os homens de letras não escrevem simplesmente com as palavras, mas sim com o espírito das palavras.

2) Euclides da Cunha não era acentuadamente purista nem sobremodo lhe importava a correção gramatical, quando lhe acudisse a maneira mais caracteristicamente expressiva de uma gente ou uma região. Como Medeiros e Albuquerque, francamente se gabava de desprezar as exigências dos mestres, em benefício da compreensão mais pronta e corrente por parte dos leitores. Não se deve, pois, estranhar que ao verbo "acudir" ele ligasse, como, alguma vez, Júlio Ribeiro, em lugar do complemento indireto, o direto. Consultemos, caríssimo camarada, o seu dileto — e meu também — Domingos Vieira e verificaremos que, signifique o verbo em questão "intervir", "responder" ou assumo outro sentido, nunca o segue daquela referida maneira o artigo "o" ou suas variantes. Assim, nos exemplos ilustres aqui citados, vêm: "não acudir "à" fraca força humana... "ao" coração acode o sangue amigo... em vez de galardão acode a pena (a pena, sujeito, bem entendido)... acudiste "ós" remédios e à justiça... o pepino, o melão, e verde alface que acudirão depois com prêmio certo... acudir "por" um rei que é primo vosso"... Nunca, por nunca ser, nos surge, de fonte autorizada, a maneira "acudi-lo", "acudi-la". E, em contraposição aos dois autores por V. alegados, meu prezadíssimo Josué Montello, quisera eu que V. me apresentasse igual dizer em Machado de Assis, Ruy Barbosa, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, João Ribeiro, Fausto Barreto, Silva Ramos, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Augusto de Lima, Ramiz Galvão, Laudelino Freire, para só citar alguns grandes e já mortos.

3) Em escrever "uns anjos de ouro que rodeavam" o altar" consiste um dos "pretensos erros" contra os quais o meu preclaro amigo tem que recorrer a exemplos forçados, para não dizermos

(Continua na pág. 52)

BOM HUMOR



— Você não pode tocar algo menos romântico? E' que nós estamos brigando.



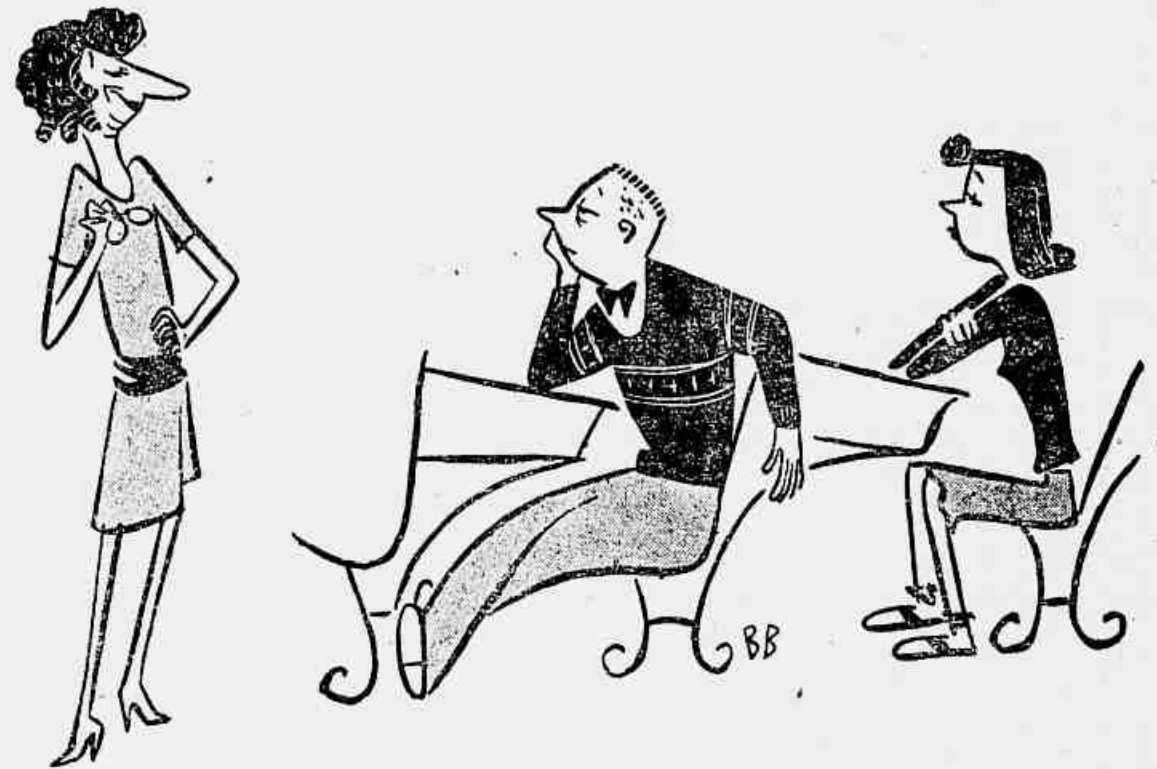
— Mas eu procuro um tipo com que o garoto não possa trabalhar...

NA CABEÇA...

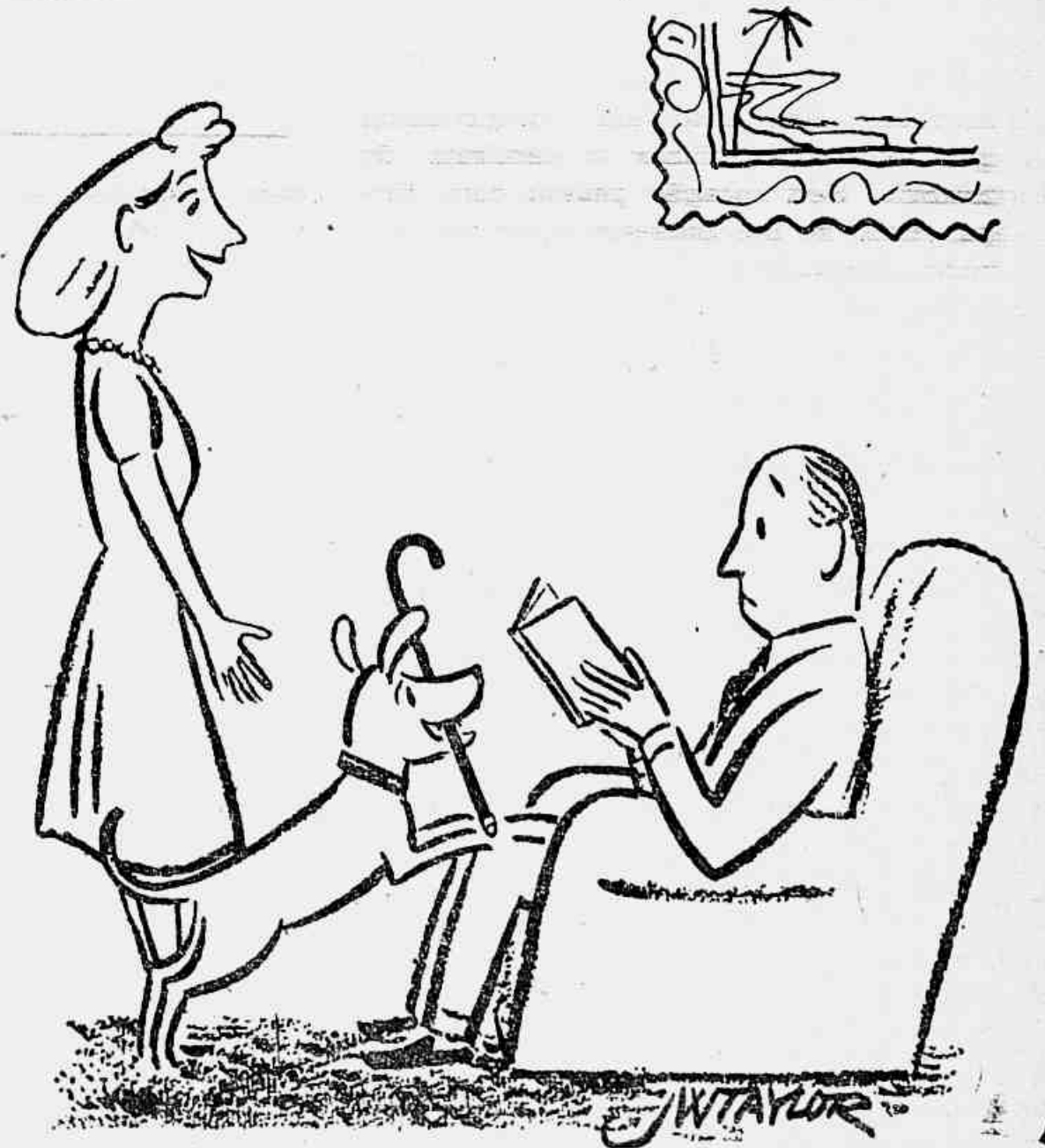
A professora era uma solteirona, dessas pessoas que gostam de esconder a idade para o que fazia tudo: pintava os cabelos, usava os vestidos bem curtos, sempre de tecidos claros. E também fazia questão de dizer que ensinava para matar o tempo, até que encontrasse um homem a quem julgasse digno de ser seu espôso, pois já havia rejeitado muitos partidos.

Um dia ela falava dos seus planos e do espôso que imaginava ter. E concluiu: "Depois disso, quando completar 60 anos, minha ambição se resumirá num sitiozinho para nele me distrair".

Foi quando se ouviu uma voz lá do fundo da classe:
— "Professora, porque ainda não comprou?"



— Console-se amigo, há uns dez anos atrás ele tocava muito pior...



— Veja meu bem: ele quer que você bata o tapete!

Sedes QUEIMADOS

CAPÍTULO XX

Para Jennifer estava ela diante de um mundo de sonhos. A liberalidade, a finura de Stan contrastavam com o seu viver entre o trabalho da loja e a cozinha de Betty. Ao regressar de um desses passeios com o violinista, e que ficava horas à pia a lavar a louça, era que a jovem meditava nas belezas da vida aristocrática.

Certo dia foram almoçar no "Cliff House" com a mais bela das vistas sobre o Pacífico muito azul. O tempo nada significava para ele. Entusiasmado com Jennifer, já lhe comprara uma linda pele de lontra para evitar-lhe o frio naqueles passeios ao ar livre. Viu pela etiqueta que o seu custo fôra de vinte e cinco dólares, e refletiu que fôra mais cara do que o aluguel que ela e Betty pagavam pelo apartamento, mensalmente.

Naqueles dias havia Stan realizado um excelente festival em Oakland, justamente na quinta-feira à noite. Disse ele a Jennifer que o concerto alcançou grande sucesso, recebendo uma das maiores ovações de sua vida, e que muito se lembrara dela, desejando que estivesse presente.

A fisionomia de Jennifer dava a impressão de que ela estava radiante sob as abas de um chapéu novo, embora de baixa custo, enfeitado com três gardênias de algodão. A jovem estava muito bem vestida naquele dia, tendo ao ombro um pequenino "bouquet" de flores naturais que muito lhe realçava a beleza.

— Começo, Stan, a afeiçoar-me muito ao seu gosto — disse ela a olhá-lo firmemente.

Jennifer começou a verificar que já não o fitava como dantes, e sim com outro sentimento. Ouvindo-a dizer isso, ele ficou em silêncio durante uns minutos, enquanto ela compreendia que estava a trilhar o caminho do triunfo. Seu coração pulsou com força, como se lhe quisesse anunciar que tudo sairia bem.

— Venha, vamos... — disse ele abruptamente. — Voltemos mais uma vez lá para baixo. Tenho um presente para oferecer-lhe e quero saber qual sua impressão, se gosta dele.

Já eram mais de três horas. Betty, as duas filhas e Jennifer iam jantar com ele, no hotel, às deztoito horas e meia. Jennifer havia prometido à madrastra que estaria em casa a tempo de pentear as meninas, frisando-lhes os cabelos para que se apresentassem elegantes no hotel. Mas já se achava meio preocupada com a perda de tempo. Uma espécie de desassossego, de preocupação, começou a invadir-lhe o espírito. Todo o seu encantamento daquela manhã passou a transformar-se em uma espécie de melancolia. Stan deveria seguir para Los Angeles às 21 horas. Ela estaria contente que ele fosse feliz nessa viagem, mas um pensamento persistia em torturá-la. Que fim teria tudo aquilo? Que lhe estaria reservado para o dia de amanhã? Per-

turbada e confusa, Jennifer se manteve em silêncio enquanto desciam à cidade baixa.

Súbito lhe veio à mente a inconveniência de ir com Stan ao seu apartamento no hotel. Com certeza o presente que lhe queria oferecer estava nos seus aposentos. Ficaria ela no salão de espera? Subiria com ele? Também era provável que o acompanhante do violinista estivesse lá, fazendo exercícios, praticando. Teria isso alguma importância?

Hesitante, timidamente, ela falou a esse respeito; Stan, vendo-a mais triste e uma preocupada expressão no seu rosto, acalmou-a:

— Não se preocupe, Jennifer! — E começou a rir.

O apartamento que o artista ocupava no hotel era luxuoso e mobilado com muito gosto. Vasos de flores, tapetes caros, cortinas, tudo em cor creme de uma suavidade encantadora. Poltronas acolchoadas e modernas, confortáveis, davam uma sensação de paz, descanso, felicidade ao ambiente. Espelhos de belo efeito, tudo muito

um objeto caro, impossível de ela mesma adquirir nas lojas?

A proporção que ele ia desembrolhando o invólucro muito bem feito em papel caro, caprichosamente confeccionado para presente, ela também ia ficando perturbada, ruborizando-se. Quando a caixa apareceu, ela pôde ver que se tratava de um presente caríssimo. Ali estava o nome do mais famoso fabricante de peles impresso em letras douradas. Percebendo o que seria o presente, ela recuou:

— Não... não... Não quero que você... Não preciso de... — e se engasgou emocionada, gaguejante, vermelha.

— Não precisa de quê?... Você ainda não o viu! Mas... por que está assim tão vermelha? Está com medo?

Sim, provavelmente ela estava com cara de quem está assombrada. Ela era mesmo uma jovem tímida, hesitante, sempre indecisa e preocupada, confiante e ingênua.

— Está você pensando que isto aqui é uma pele de marta muito cara e que você não pode aceitar? — interveio

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vítima de um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregar-se no grande magazin "Vogel-sang", ganhando muito mais e onde, contra sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa.

bem disposto. A um canto da sala, grande piano de cauda; mas, contra o que Jennifer supusera, não estava ali nenhum companheiro de Stan.

Para a jovem isso não lhe pareceu bem. A quantos sobressaltos estava sujeita uma mulher! Era verdade que a amizade de Stan não passara, até ali, de mera afeição sem maiores preocupações. Foi até a uma das janelas e olhou para fora. Lá embaixo a cidade se mexia através de todos os seus tentáculos. Um vento muito frio corria naquela tarde. O sol tombava para o ocaso e um princípio de nevoeiro se formava sobre o mar. Reinava no ambiente uma calma convidativa à meditação. Estava Jennifer a pensar numa porção de coisas, quando foi despertada de suas preocupações pela voz de Stan:

— Aqui está — disse ele aproximando-se com um volume nas mãos e o depositando numa mesinha.

Jennifer, que de princípio esboçara um sorriso de gratidão, subitamente ficou séria, corando. Que seria aquilo? Deveria aceitar no caso de ser

— Muito agradecida, Stan. Você é muito gentil. — Meditou um instante e disse com voz muito triste:

— Muito obrigada; mas não posso ficar com o presente. Você sabe que não posso. Sinto imenso; mas não posso. Sei que lhe causo decepção com esse meu procedimento; mas... é este o meu dever.

Depois de dizer-lhe isso, ela o deixou sozinho no apartamento, desceu ao térreo e se dirigiu para o "Vogel-sang", cujo departamento de embalagem e expedições ainda estava aberto, subindo por ali ao andar superior.

Umaseis mulheres que estavam em serviço a viram chegar. Umaseis lhe fizeram cumprimento com a cabeça, enquanto outras sorriram.

A jovem simulou que ia ao seu gabinete privado para escovar a roupa, fingindo que desejava tirar-lhe algum pó ou mancha, mas em verdade o que desejava era ficar só, sozinha. Nada tinha que fazer naquele resto de dia, a não ser voltar para casa e enfrentar Betty e as filhas. Sentia seu coração pesado como chumbo.

Jennifer sabia que Betty e as meninas a estavam esperando desde muito. Uma hora, ou mais. Prometera-lhes estar em casa a tempo de preparar as garotas, penteá-las e irem todas jantar com Stanislaus Lichtenstein no hotel. Agora, ela não queria mais saber de nada. Nem de pentear as meninas, nem de jantar com o violinista.

Atordoad, perturbada profundamente, ela foi para casa. Ao entrar teve a triste surpresa de ver Elna a chorar, procurando telefonar a um médico chamando-o para socorrer a irmã que havia caído na rua e fraturado o pulso.

Betty se esforçava para evitar maiores alaridos, impondo silêncio às filhas. Jennifer chegou e começou a ajudar nas providências a tomar, enquanto chegava o socorro médico e Faddy era conduzida ao hospital para radiografias e encanamento do osso fraturado.

Serenado o ambiente, Jennifer levou Elna a um cinema, a fim de espairecer o choque que lhe causara o acidente com a irmãzinha. Antes, porém, telefonou a Stan narrando-lhe o triste sucedido, o que as impedia de ir ao jantar que ele tão gentilmente oferecia.

No dia seguinte Jennifer contou a Betty o caso do casaco de pele. A madrastra a ouviu atentamente e fez um gesto de aprovação com a cabeça, quando a jovem terminou o relato com estas palavras:

— Sem dúvida ele fez isso apenas por amizade desinteressada; e não passei de uma tola em não haver aceitado o presente.

— Não deve pensar assim — replicou Betty. — Estou certa de que ele não fez isso apenas por uma questão de amizade inocente.

— Não diga isso!

— Por que não? Repito-lhe, Jenn, você é uma criatura ingênua. Não pense que um homem rico e, ainda por cima, casado convida uma mulher para ir ao seu apartamento para oferecer-lhe um casaco de pele grã-fino, sem qualquer intenção oculta. Se ela vai, ele procura um meio de executar seus planos. E' assim que muitas moças de bons procedimentos, de boa família, caem nas mãos desses homens, quando os acompanham em passeios de hiatés, vão aos seus apartamentos, sem que nada suspeitem de mau. Eles conseguem seus intentos com mentiras e farsas.

Jennifer estava com as faces ar-dendo. Como sempre sucedia quando estava amolada, pegou do baralho e

começou a jogar sozinha, entregue aos seus fundos pensamentos. Depois procurou responder à observação de Betty, com certas razões que colhereira na loja onde trabalhava:

— Bem... Mas há algumas jovens que vão a jantares e almoços nos hotéis, ali se encontram com amigos, usam orquídeas, vestem muito bem... e nada de errado lhes sucede.

Emocionada com suas próprias palavras e sentindo uma enorme angústia dentro do alma, Jennifer ficou embaraçada como as cartas que manuseava. Reclinou a cabeça sobre os braços à borda da mesa e começou a chorar.

Betty diminuiu o volume do rádio e olhou-a com pouca simpatia. Em seguida sugeriu:

— Se ao menos você fosse uma vez depositar aos pés do Senhor as suas desventuras...

Betty e Seely eram agora membros da igreja.

— Oh! — respondeu ela meio aborrecida. Ergueu a cabeça, começou novamente a jogar as cartas. Depois murmurou: — Todos temos nossos aborrecimentos, nossas desventuras, mesmo recorrendo ao Senhor. Você mesma, Betty, tem seus embaraços...

— Eu não! Eu não tenho complicações! — respondeu Betty com energia. — Não vivo a nutrir ninguém que me complique, você sabe. Eu não deixei Clint? Sabe você bem disso.

— Oh! Betty! — gemeu Jennifer, impacientando-se. — Como pode dizer isto! Ele gosta de você...

— Sei disso... Mas ele andou bebendo... eu também andei...

Betty se embrenhou em recordações do passado. A certa altura Jennifer a interrompeu com um fungado, como se ainda estivesse a chorar. Betty fitou-a e prosseguiu, concluindo aquele passeio pelos tempos idos:

— Bem me recordo daquele domingo, pela manhã, com minha pequenina Elma a deixar seu leito a chorar, e você com Faddy indo para a cozinha. Mas, apesar disso, nada me perturbou naquela manhã de domingo — disse ela solenemente.

Mas Jennifer, que muito conhecia as manhas da madrastra, fitou-a com certa astúcia nos olhos e perguntou subitamente:

— Bem... vi-o, sim — respondeu ela um tanto constrangida.

— Onde?

— Bom... No escritório, duas vezes.

— Betty... — voltou Jennifer com voz pausada, após um momento de silêncio — você bem sabe que quando um homem já bebeu uma vez...

Betty parece que não gostou da advertência e, fechando o rádio, concluiu:

— Clint Slade não bebe uma gota de álcool, há já dois anos.

CAPÍTULO XXI

Uma semana ou duas depois que Stanislaus Lichtenstein desapareceu das cogitações de Jennifer, Nancy Newell convidou-a, na loja, para almoçarem juntas. Muito criteriosa, disciplinada, a jovem lançou ao seu superior hierárquico um olhar como quem quer saber se deve aceitar, sendo-lhe respondido que nada havia de mal nisso.

Ao chegarem à rua, disse-lhe Nancy que ia, primeiramente, à "Casa Rousseau". Ao ouvir este nome, imediatamente veio ao espírito de Jennifer a lembrança de Stan, o casaco de peles...

— Estava eu com Edith Nieland — explicou Nancy — quando ela viu umas coisas naquela casa; porém, como não podia comprar... Mas eu posso e vou adquirir. Como vão ficar loucas! — E deu uma gargalhada de indefinível prazer.

Jennifer foi com ela até a loja e ficou a olhar o modo distinto com que um empregado atendia a colega, trazendo-lhe vários artigos, inclusive um casaco muito fino, semelhante ao que Stan lhe oferecera.

Ela já o vira antes. Da cadeira em que estava sentada não se cansava de admirar-lhe a beleza.

— Agora, Nancy, espere que eu veja como lhe fica — disse Mrs. Olliphant, que tinha sido colega de colégio da mãe de Nancy, tias e primos e conhecia toda a família. Depois de mirar o casaco que Nancy experimentava, ela explicou:



— Este casaco só ainda está aqui na loja porque o sr. Stanislaus Lichtenstein, depois de comprá-lo para oferecer à sua esposa, voltou e trocou por um outro para criança.

Fez-se silêncio enquanto Nancy, que estava um tanto volumosa e disforme, se mirava ao espelho.

Quando deixaram a loja, Nancy falou:

— Granny me disse que eu teria o que quisesse por ocasião do meu aniversário natalício. Muito bem; é isto o que eu quero, bem como um cavalo, para passear e ir a Nova York, quando ele for no próximo outono.

Depois foram almoçar. O cardápio era o que de melhor e mais apetitoso se poderia oferecer a uma pessoa que não estava muito habituada a passar bem, às suas custas. Mas Jennifer não se serviu com alegria. Tinha o coração magoado.

Aquêles dias primaveris estavam como que estragados para ela. Almoços, passeios, tudo lhe parecia insípido. Para ela o mundo inteiro estava errado. Passavam-se os dias sem que ela parecesse estar vivendo. Fosse na loja ou na cozinha, Jennifer estava fora do mundo.

Quando disse a Betty que tinha ido almoçar com Nancy, a convite da mesma, a madrastra ficou contente e disse:

— Oh! Que felizada você é!

Monty, porém, lhe perguntara por que motivo perdia seu tempo com aquela gorducha pueril.

O pintor havia estado fora por uma semana e havia regressado ao atelier fazia pouco.

Jennifer, logo que ele regressou, subiu ao terraço e foi falar-lhe, depois de arrumar os pratos do jantar.

Monty estava a uma das janelas que davam para o terraço, mas de cos-

tas. Percebendo que alguém se aproximava, olhou por cima do ombro e fez um gesto de desalento, ao ver que era Jennifer; em seguida foi até a tela que estava a terminar. Vendo que ele separava com cuidado certas peças de roupa, perguntou-lhe em tom frio, como que percebendo que ele também estava assim:

— Vai a algum lugar?

— Sim... Ao México com Jim Sparks — respondeu friamente.

Nenhuma demonstração de afeto, nenhum sorriso, nada que significasse uma só daquelas antigas manifestações de simpatia e carinho com que ele a tratara sempre. Jennifer se deixou cair numa cadeira e procurou controlar-se. Que teria acontecido de errado entre ela e ele? Depois de curto silêncio, voltou:

— Por quanto tempo, Monty?

(Continua)



NATURE BOY

Fox de Eden Abhez

There was a boy
A very strange enchanted boy
The say he wandered very far,
Very far over land and sea.
A little shy and sad of eye
But very wise was he.
And then one day
A magic day be passed my way
And while we spoke of many things,
Fools and kings
This he said to me:
The greatest thing you'll ever learn
Is just love and be loved in return.

★

COMPREENSION

Bolero de Cristobal Doval

Un algo se interpone
Para poder amar-nos no sé,
No lo comprendo
Pero es la realidad
Me quieres y te quiero
Me adoras e te adoro
Pero apesar de todo
Me debes de olvidar
Mi vida, es diferente
Nada puedo brindar-te
Te quiero con el alma
Pero no debo amar
Se no comprendemos para que
Sufrir quimera que solo nos amargen
[la dicha de vivir
Para que seguir viviendo si no
Puedes resignar-te
Para que seguir queriendo si
Jamás yo cambiaré
Es mejor que yo me vaya y que
Sufra la partida
Aunque estemos separados
Pero con felicidad
Es mejor que yo me vaya y que
Sufra la partida
Aunque estemos separados
Pero con felicidad.

★

QUARTO VAZIO

Samba de Herivelto Martins

Meu quarto agora está vazio
Já não tenho mais retrato
Já não tenho mais edredon
Os meus tapetes foram limpos
Já não têm marcas de pés
Não recordam mais ninguém
O meu criado mudo
Já se esqueceu de tudo
Como tu te esqueceste também.

E quando a chuva chove lá na rua
O asfalto se torna um espelho
Refletindo a imagem tua
Mas quando os carros passam
Desfazendo essa visão
Eu desperto p'ra verdade
Sofre mais meu coração.

PAUSA PARA A MEDITAÇÃO

NO rádio, como nos demais setores de atividade, há gestos que dignificam uma existência, tornando-a credora do apreço e da simpatia de todos. Ditados pelo coração, eles vêm em socorro de almas sofredoras que, na maioria das vezes, se encontram à porta do desatino, tamanha a dor que lhes tortura. E nessa hora de aflição, quando todos os recursos parecem baldados, a palavra doce e amiga de alguém, é como um bálsamo derramado do céu sobre a ferida que sangra. Este foi o caso que observamos em "Pausa para a Meditação" programa que, a princípio, nos pareceu absurdo no "broadcasting" carioca. Só depois de alcançar a sua grandeza, acompanhando a relevante iniciativa de Júlio Louzada, sentimos vontade de expressar nossa opinião sincera, embora sabendo contrariar a alguns.

Experimentados em ouvir conselheiros, tínhamos razões fortes para duvidar do êxito do locutor da "Hora da Ave Maria". Porém, um só gesto desse elemento da Rádio Tamoio, bastou para jogar por terra toda a nossa convicção. Júlio Louzada, que já era grande em nosso conceito, tornou-se maior, ainda. É que, submisso aos seus sentimentos cristãos, numa dessas horas amargas, veio ao encontro de alguém que necessitava de socorro imediato, colocando-se inteiramente à margem das ambições humanas para proteger e amparar uma criaturinha indefesa. Foi o caso da rádio-ouvinte Norka, vítima das intempéries da hora em que vivemos. Ele, o modesto locutor da PRB-7 e responsável pelas apresentações do programa "Pausa para a Meditação", agigantou-se perante os seus fans, através de um profundo ato de solidariedade humana. Quem ouvimos solucionando o caso da infeliz Norka, não foi aquele amigo das palestras de café. Foi o irmão carinhoso, o filho dedicado, o amigo dos momentos difíceis.

"Pausa para a Meditação", com esse caso, mostrou de quanto é capaz o sentimento eminentemente social que lhe imprime Júlio Louzada. Dando margem a que uma criaturinha não fosse arremessada ao pecado, após a prática de um ato impen-sado, ele abriu novas esperanças para quantos aguardam a palavra amiga de quem lhes queira prestar um benefício. E, o programa que nos pareceu absurdo, tornou-se, para nós mesmos, audição obrigatória de todos os dias. É que nada melhor pode existir no mundo, do que a prática de atos como o que Júlio Louzada fez, salvando das garras de um monstro, uma pobre e infeliz criatura, que, num gesto de irreflexão, procurou minorar a própria miséria de seu lar. — A. MIGUEIS.



Léa Coutinho, com sua "bossa", está animando as apresentações da Guanabara. A revelação de "Calouros em Desfiles" continua fazendo sucesso na constelação radiofônica da Cidade Maravilhosa.

RÁDIO FLASHES

ASSIM PENSAM OS CRONISTAS

Ond. reclama que não se durma em cima da televisão, como é tão do hábito de nossa gente. ★ Enquanto isso, Al Neto revela que os anunciantes que maior preferência dão aos programas de notícias ou comentários são os fabricantes de roupa. ★ Por sua vez, Eurico Noqueira França diz que Guiomar Novais dispõe, sem dúvida, de processos típicos de execução, que lhe compõem a fisionomia particular de intérprete. ★ E Egaz Muniz, em sua seção de Radar, indaga: Por que Manuel Durães e seu admirável elenco, exclusivos da Record, não são designados para a onda PRA-5? ★ Finalmente, Carlos de Freitas descobre que os que gostam de novelas de rádio são em maior número do que aqueles que não gostam.

BIOGRAFIA SINTÉTICA

Heber de Bóscoli Ribeiro, filho do médico Agnelo Ribeiro e dona Gella de Bóscoli, nasceu a doze de abril de 1921, na rua Senador Vergueiro n. 148, no Flamengo. Em 1937 venceu um concurso para locutores, na Vera Cruz, tornando-se speaker dessa emissora. Meses depois ingressou na Cruzeiro do Sul, onde chegou a desempenhar as funções de locutor-chefe, trabalhando ao lado desse grande Paulo Roberto. Em 1940 transferiu-se para a Rádio Nacional, onde veio a lançar a "Hora do Pato" e o "Trem da Alegria", programas que lhe valeram algumas críticas desfavoráveis. Quatro anos depois, passou-se para a Rádio Mayrink Veiga, onde permaneceu até 1948, ano em que ingressou na Tupi. Em fins deste assinou contrato com a Globo, aí permanecendo até agora. Heber de Bóscoli é casado com a rádio-atriz Iara Sales, existindo um filho do casal. Pesa cinquenta e dois quilos; calça número quarenta; tem um metro e setenta e cinco de altura; torce pelo Flamengo e é dono de um sítio em Jacarépaguá.

CURIOSIDADES

Francisco de Assis Xavier Cugat Mingall de Bru y Deulofeo, eis o nome completo desse famoso "band-leader" que a Rádio Globo apresentará nos últimos dias de maio. Caricaturista e músico, sobra-lhe tempo, ainda, para dirigir os destinos de uma gravataria instalada numa das ruas de New York. Aliás, os motivos são gra-

vates de sua fabricação, são por ele mesmo desenhados. Xavier Cugat é, também, autor de "Minha vida é a rumba", livro em que conta a história de seus sucessos musicais. Aproveitando sua "tournee" pelos países latino-americanos, a Metro vem de lançar em nossos cinemas "Numa Ilha com Você", em que o regente da mais endiabrada orquestra da atualidade aparece.

ACONTECEU NO RÁDIO

Jaime Moreira Filho, Ademir Pimenta e demais integrantes da equipe desportiva da Emissora Continental mudaram de pouco. Ingressaram na Rádio Clube do Brasil, ora sob a direção de Carlos Brasil. ★ Contratado pela Rádio Ministério da Educação, estreou ao microfone PRA-2, o violinista polonês Henry Lewkowicz, que veio precedido das melhores referências da crítica europeia. ★ Voltou a atividade radiofônica, a conhecida locutora e produtora Maria de Lourdes Alves. Seu retorno deu-se através da Mayrink Veiga, onde lançou o programa "Club Juvenil". ★ Max Nunes está escrevendo uma peça para a Companhia Jaime Costa, ao mesmo tempo que projeta novas produções para o microfone PRE-8. ★ Derival Caimi, a fim de evitar complicações, deu uma entrevista a um vespertino carioca, na qual declarou jamais ter sido comunista. Ele é, segundo suas próprias palavras, cem por cento nacionalista. Muito bem! ★ George Fernandes viajou para a terra bandeirante, a fim de desobrigar-se dos compromissos assumidos com uma das emissoras da paulicéia. Enquanto isso, procedente de São Paulo, chegou ao Rio Teófilo de Almeida Sá, que veio gerir os destinos da PRA-9. ★ Haroldo Elias está participando da programação da Globo. Também o conjunto "Los Cubancheros" foi contratado para animar as apresentações de Rapsódia Carioca. ★ Regressou do Paraná, onde estivera em gozo de férias, Luis Brunini, figura bastante popular nos meios radiofônicos da cidade. É o irmão do locutor Raul Brunini. ★ Anuncia-se, como certo, o ingresso de Saddy Cabral no cast de teatro cego da Mayrink Veiga. O conhecido artista, ao que se informa, preencherá a vaga deixada pelo rádio-ator Rodolfo Mayer. ★ Léa Coutinho está integrando o cast da Guanabara animando com sua "bossa", os programas de música popular da emissora do edifício Darke. ★ Wolner Camargo vem de reformar seu contrato com a Globo, o mesmo acontecendo com o locutor esportivo Luis Mendes que, a princípio, era apontado como o novo elemento da Continental.



Jaime Moreira Filho trocou o prefixo PRD-8 pelo PRA-3, acompanhando seus colegas de equipe. Agora, ao lado de Ademir Pimenta, Valdir Amaral e outros, ele pode ser ouvido na onda da Rádio Clube do Brasil.



**De um bom presente
depende seu futuro!**

SCHWARTZMANN é o melhor presente que poderá proporcionar à sua família! A sonoridade perfeita e aprimorado acabamento, a fabricação sólida e esmerada com a melhor matéria prima nacional e estrangeira, fazem de **SCHWARTZMANN** o piano que satisfaz às mais requintadas exigências artísticas.



**DUPLA REPETIÇÃO
TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS**



SCHWARTZMANN

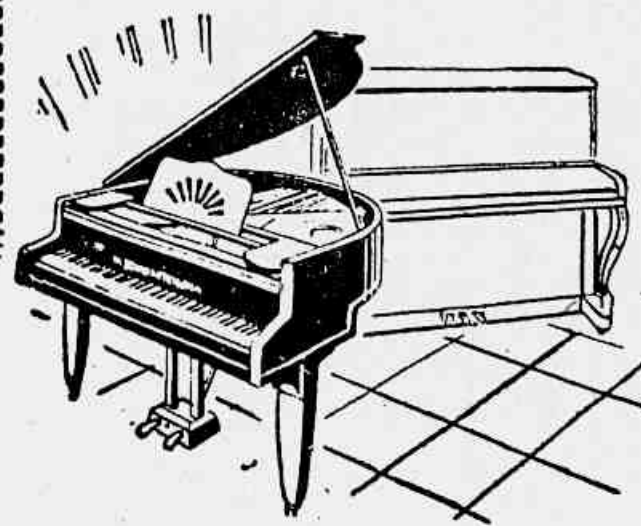
Lojas e Exposições:

S. PAULO: Avenida Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478 • RIO: Avenida Rio Branco, 257-A
R. Xavier Toledo, 272 • Fone: 4-1452 • Fone: 32-7522

Fabrica e Escritorio Central: Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • S. PAULO

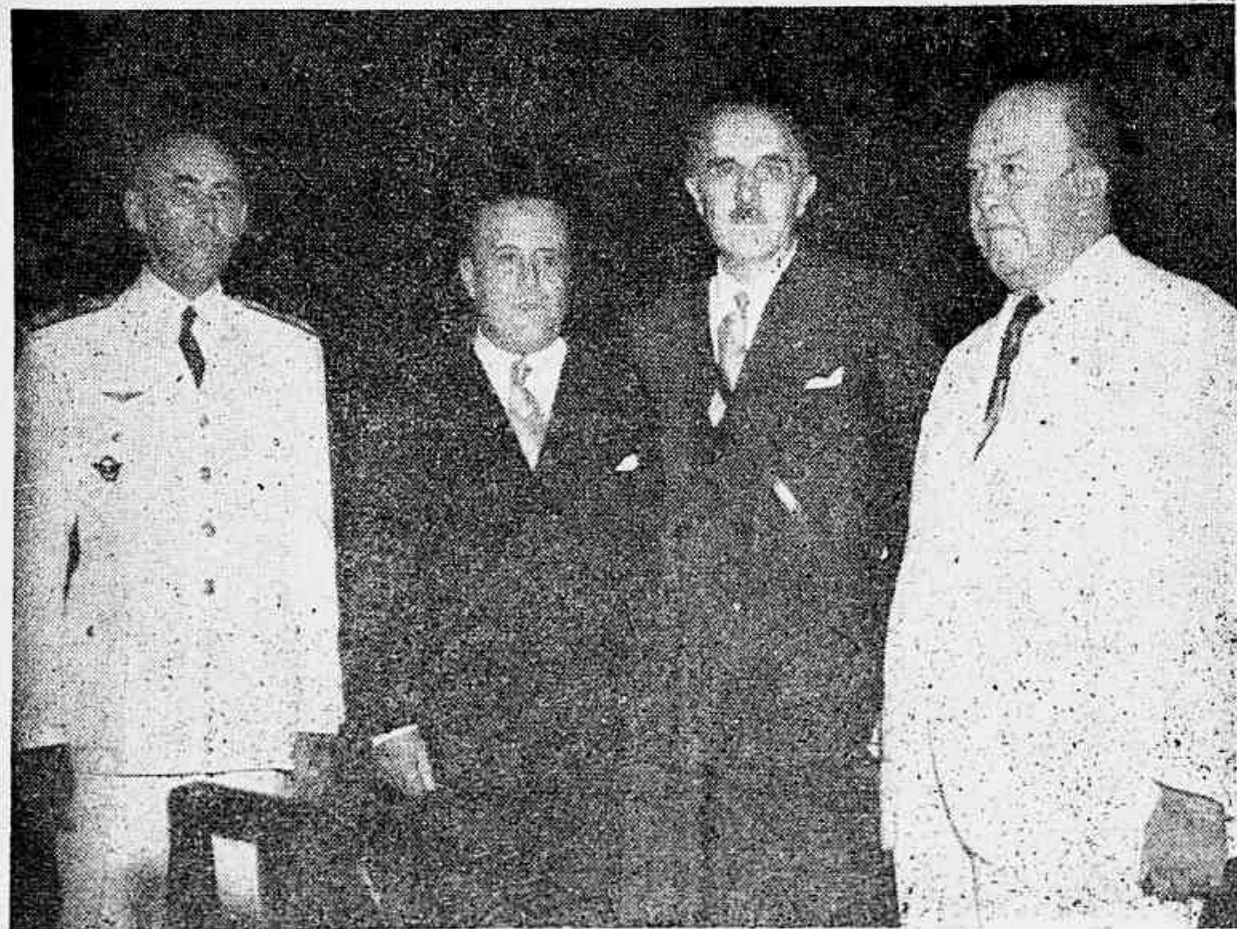
**Visite-nos ou
escreva-nos**

**para conhecer as
vantagens e as
facilidades que
SCHWARTZMANN
lhe oferece, no seu
plano de vendas.**





O JOCKEY CLUB AOS CADETES DO AR FRANCÊSES



Não é demais dizer-se que o Jockey Club Brasileiro transformou-se na sala de visitas da nossa metrópole mercê das atenções que invariavelmente dispensa aos nossos hóspedes ilustres. Ainda na última edição da REVISTA DA SEMANA destacávamos esse encantador aspecto das atividades sociais da aristocrática entidade turfista, e já agora temos a registrar as homenagens prestadas aos cadetes do ar franceses, quando de sua recente estadia entre nós, em visita de cordialidade. A nossa tradição de hospitalidade e finura de trato está sendo maravilhosamente interpretada pelos homens do Jockey Club, não perdendo essa sociedade ocasião de cercar aos que aqui aportam do maior carinho e das mais cativantes gentilezas. As fotografias desta página mostram diversos flagrantes da tarde em que os aviadores da França receberam essa manifestação de simpatia no Hipódromo da Gávea, durante a qual lhes foi oferecido um "cock-tail" pela diretoria do Jockey.



No alto da página: Flagrante apanhado durante o "cock-tail", no Hipódromo da Gávea. Ao centro, à esquerda: Outro grupo em que estão a senhora Rubens Antunes Maciel, a senhora Hubert Guérin, o senhor Embaixador da França, a senhora e a senhorita Antônio Augusto Xavier. Em baixo, à esquerda: O coronel Guillaume de Rivals Mazères, comandante dos cadetes franceses, o senhor Rubens Antunes Maciel, vice-presidente do Jockey Club, o senhor Embaixador da França e o senhor brigadiero Armando Trompowsky. À direita, um flagrante da "pelouse".



Quem se dirige a Copacabana, passando pela Praia do Flamengo, tem a atenção despertada por um monumental edifício em final de construção.

Evidentemente, não é um prédio comum.

O seu majestoso aspecto logo se destaca no cenário maravilhoso que o rodeia, e que lhe aumenta ainda mais sua beleza.

Imponente, de linhas sóbrias mas perfeitas, é talvez o maior edifício de apartamentos residenciais da zona Sul.

Fiéis ao nosso programa de apresentar o que há de mais novo e belo na cidade, não nos poderíamos furtar ao prazer de mostrar aos nossos leitores mais essa novidade.

Assim é que, aí temos o "Edifício Barão da Laguna".

Conforme se encontra indicado em placa que existe à sua frente, conseguimos com o seu proprietário e incorporador, o Banco Hipotecário Lar Brasileiro, S. A., permissão para visitá-lo, e é dessa visita o resultado da extraordinária impressão que nos causou.

Formando um só bloco, o "Edifício Barão da Laguna" é, na realidade, um conjunto de cinco edifícios independentes, isolados, e que de comum só têm a fachada. Essa interessante forma de autonomia dos prédios, redundante, como se pode observar sem esforço, numa grande vantagem para os que nele residirem, qual seja a sensação de se encontrarem em uma casa, com as vantagens decorrentes de um apartamento.

A amplitude dos seus grandes apartamentos, compostos, todos eles, de dois salões e quatro ótimos quartos, se alia a magnífica, por que não dizer, excepcional vista que lá se descortina.

E' com prazer, pois, que registramos essa feliz contribuição do Banco proprietário e incorporador desse magnífico conjunto de prédios, para o agradável acabamento da orla do Flamengo, adornada pelos mais bonitos edifícios de caracter residencial que possui a nossa metrópole, e que apresenta, sem dúvida o "Edifício Barão da Laguna", como um dos principais, sob todos os aspectos, naquele aristocrático bairro

Rio de Janeiro

CRESCE...



ELA sempre foi uma boa esposa, até que o destino a obrigou a escolher entre a felicidade e o cumprimento de seu dever. — A vida com o meu esposo — começou ela — havia sido fácil. Tinha caráter simples, e inimigo de discussões, sendo esta, possivelmente a causa por que levei treze anos sempre sabendo manter-me sem interromper a plácida harmonia de nossa vida em comum.

Recordo sua atitude naquela noite em que tanto dancei com Armando Gorman, em "La Canhada". Em lugar de aborrecer-se, meu esposo comentou com naturalidade: — Como dançam bem vocês dois!

— E' sua senhora quem me inspira — comentou Armando a rir.

— A mim também!... — redarguiu Teodoro melancolicamente — mas nunca pude fazer-me compreender.

— Nem precisas fazê-lo — disse eu — procurando animá-lo e um tanto abespinhada com a maneira por que me tratara Armando enquanto dançávamos.

— Quando aceitei trabalhar com o meu esposo — disse-me ele — acreditei que seria um serviço tedioso. Agora, porém, vejo que estou em companhia dos deuses!

— Teo é um excelente chefe — respondi procurando fazer crer que não percebera a intenção — se você trabalha bem ele corresponderá com generosidade.

— Eh! Se com isso quer levantar uma barreira conjugal, com o fim de deter-me, pode ficar certa de que não ouvi nada! Claro que Teo é um grande homem. Sempre soube escolher meus chefes: porém... Que tem isso que ver conosco? Nunca ouviu falar de amor fraternal?

— Se isto é "fraternal", prefiro sorvete de baunilha!

— Aqui mesmo está a baunilha — voltou ele — e já que parece apreciar tais coisas...

Notei que Armando estava a fazer blagues, a falar com espírito de troca; contudo percebi que, no íntimo, ele estava a mostrar-se apaixonado por mim. Então procurei cortar o mal pela raiz: — Peço-lhe, por favor, não continuar. E' assunto que me aborrece.

Ele sorriu maliciosamente e murmurou:

— Acredito...

Nada mais significava aquele duelo senão a troca de palavras entre um homem e uma mulher, frente a frente, e ambos sentíamos isso com absoluta clareza. As vezes esses encontros ocorrem, mas nada significam na realidade. Apenas um incidente passageiro, que mais diverte do que ofende. Quando regresssei com Teo, estava contente comigo mesmo, ao vê-lo ao meu lado. Mas... quem era esse Armando Gorman para que eu me prevenisse e me colocasse na defensiva?

Ao nos colocarmos, os três, no assento da frente do nosso carro, vi que Armando se acomodou muito próximo a mim, como se quisesse encostar, premeditadamente o seu corpo no meu. Tratei de afastar-me sem dar a perceber, para que ele visse que não me agradavam aquelas atitudes. Não sei, porém, qual o motivo, por que ele insistiu a pressionar-me e eu já não recuei.

Logo que chegamos à nossa casa, perguntei a Teo qual era a capacidade desse novo gerente de vendas.

— Nunca vi um outro como ele — respondeu o meu esposo. — Se mantivermos os contratos que encaminhou, teremos que ampliar o negócio.

— Então, com certeza, vai permanecer contigo muito tempo.

— Muito tempo? Penso que não sairá nunca.

A partir daquele primeiro contacto passei a vê-lo com frequência. Por duas vezes o convidamos para jantar conosco, e, por outras duas vezes nos levou a cabarés de luxo. Uma vez tornamos a ceiar na "Canhada". Datou daí o passar Armando a cortejar-me assiduamente.

— Gosto imensamente deste lugar — disse-me enquanto dançávamos. — Especialmente quando a tenho em meus braços.

— Não lhe parece que está levando nossa amizade a ponto perigoso e muito avançado? Além de tudo, lembre-se de que meu esposo é o seu chefe!

Tentação

— Que tem quer ver isso conosco? Você também o sente. E' como um incêndio... Que fiquemos dez minutos a sós, e...

— E... o quê? — interroguei altivamente.

— Quer você convencer-se do que digo?

Foi-me conduzindo através dos pares que bailavam, atravessamos a sala, chegamos sob a grande arcada, atingimos a porta principal do salão, tudo isso sempre a dançar. Era uma noite sem lua, e os pares, completamente entregues a si mesmos, nada percebiam do que se passava além de suas pessoas. Logo que chegamos a um desses can-

Era uma expressão com a qual parecia dizer-me que, dali por diante, seria eu quem lhe ia obedecer os caprichos.

Como poderia eu voltar a olhar meu esposo e a enfrentar todos aqueles pares no salão de baile. Sentia-me envergonhada do episódio violento, e tinha medo.

Tornou a enlaçar-me como se nada houvesse ocorrido de mais e voltamos a bailar, percorrendo o mesmo itinerário que usara até ao terraço. Logo que nos sentamos à mesa, disse ele com a maior calma, com grande cinismo:

— Saímos um pouco para dar uma olhadela à paisagem. E' linda. Devem ser os ares de junho.

— Sempre é bela a paisagem aqui. O



teiros de árvores ornamentais de grande volume, Armando se inclinou e, rápido, quase selvagememente, abraçou-me com força e beijou-me com ardor, apaixonadamente, dominadoramente.

Em vão procurei afastá-lo de mim. Aquele beijo me perturbou os sentidos; fiquei com um tumulto no espírito, um grande temor. No íntimo, porém, não me desagradou o atrevimento. Estive a ponto de cair ao chão, tonta, perplexa, o que me fez segurar-me a ele. Aquilo era de mais. Não estávamos a sós, e sim num lugar público, cercados de gente. Meu esposo aguardava-nos em nossa mesa.

— Armando! — implorei. — Armando!...

Minha voz era de súplica. Eu, eu que me julgara tão altiva! Eu agora lhe implorava não me compromettesse.

— Percebeu o que eu queria dizer? Agora me diga se importa ou não essa nossa amizade!

— Deixe-me ir... deixe-me ir...

— Por ora é só.

rápido do que eu e me segurou, perguntando-me:

— Quando vamos delvar de lado esse jogo?

Percebi suas palavras. Senti grande receio. Teo nunca havia sido para comigo um homem apaixonado, com esse calor próprio dos famintos de amor. Eu estava certa de que todas as mulheres apreciavam essas lutas para a posse, travadas entre elas e os homens. Eu nunca havia experimentado essa sensação, sentimento absolutamente novo para mim. Procurei desiludi-lo:

— Não! Não! — bradei com energia

No meu interior, entretanto, havia uma segunda natureza que parecia desejar a aventura, ao mesmo tempo em que eu temia, sentia medo.

Para surpresa minha, Armando nunca persistiu com o auxílio da força. Parecia que estava convencido de que eu terminaria por apaixonar-me por ele, unindo minha vida à sua.

Haviam decorrido várias semanas depois desse assédio, quando Teo me contou, um dia, à mesa do jantar:

— A senhora Gorman chegará na próxima semana.

— A senhora Gorman? A mãe de Armando?

— Não! Sua esposa.

— Não sabia que era casado!

— Nem eu tão pouco. Mas já têm dois anos de casados. Sua esposa, porém, ao que parece, está sentindo certas alterações...

— Um filho?... — indaguei alarmada.

— Creio que não. Talvez perturbações nervosas. Armando não se mostrou muito inclinado a falar a tal respeito.

Veio-me à mente o possível motivo por que ele me perseguia tanto. E senti uma espécie de alívio.

No dia seguinte recebi a visita de Armando.

— Suponho que Teo já lhe disse algo acerca de Dora.

— Sim. Mas... porque não nos avisou que era casado? Porque todo esse...

— Ela, praticamente, não é minha esposa! E' uma menina choramingas, um tormento, um desastre!

— Mas você se casou com ela!

— Estava louco. Acreditei que podia ajudá-la. Isso não é amor. Oh! Irma! Não quer você compreender-me? Esperei tanto tempo! Tanto tempo esperando encontrar uma mulher, uma mulher para meu amor... Uma mulher que não é outra senão você! Não podemos evitar que seja você a esposa de Teo, nem que eu me tenha casado com Dora por uma razão absurda. Agora só contamos com o nosso próprio amor... só contamos conosco mesmos...

— Há alguém mais além de nós dois... Tudo isto é muito inconveniente, perigoso, mau...

— Sim... mas, que lhe pode oferecer Teo? Nada que a emocione, que a faça viver... E você o sabe.

— Não é verdade!

Mas, quando me vi fora de seus reclamos, tive que sair a passeio, para divertir-me, para distrair, pois estava com a mente incendiada por um vulcão de sentimentos abrasadores. Eu sabia que Armando tinha razão ao dizer que pouco tinha Teo a oferecer-me.

Nos dias seguintes procurei evitá-lo e tratei de conhecer-lhe a esposa. Quando vi Dora diante de mim, tive a maior surpresa de minha vida. Era pequena e silenciosa, com uma cutis muito alva, vestindo com muito gosto, embora com modéstia. O que mais me causou surpresa foi sua reserva, sua timidez, olhando sempre para Armando, quando tinha que dizer uma palavra, por mais simples que fosse:

Tratei de tornar-me sua amiga, a fim de fazermos uma frente comum contra os assédios de Armando. Mas era evidente que ela não desejava relações comigo nem com qualquer outra amiga às quais eu a apresentara numa festa que realizáramos especialmente para vê-la integrada em nosso grupo de amizade.

Transcorreram mais de três semanas sem que eu e Armando tivéssemos oportunidade de falar a sós. Por fim, numa tarde em que Teo deveria permanecer no escritório, em virtude de uma reunião

(Continua na pag. 47)



Vos Bastidores Femininos

COM que facilidade, minha cara, você procura desfazer a reputação de uma criatura; com que facilidade você procura destruir o conceito em que muito se vêm mantendo durante longo tempo; com que facilidade, enfim, você procura ridicularizar pessoas que muitas vezes deveriam merecer o seu maior respeito. Qual a sua finalidade? Qual o seu benefício? Você o faz, mesmo que não o queira confessar, movida por espírito de inveja e despeito, por reconhecer, talvez a sua inferioridade diante daqueles que pretende destruir. Quando o lógico seria que você, reconhecendo os seus defeitos procurasse se elevar à altura daqueles que inveja, você acha mais fácil tentar destruí-los com os seus comentários maldosos, com a sua intriga, com os seus "venenos".

Esta é Martha Hyer, da RKO, exibindo um modelo em jersey estampado, bordado a lantejoulas, próprio para jantar

No entanto, longe está você de alcançar o seu objetivo porque não é tão fácil como julga destruir aquilo que foi obtido por uma atitude sempre digna e honesta, por gestos que caracterizam a pessoa verdadeiramente distinta.

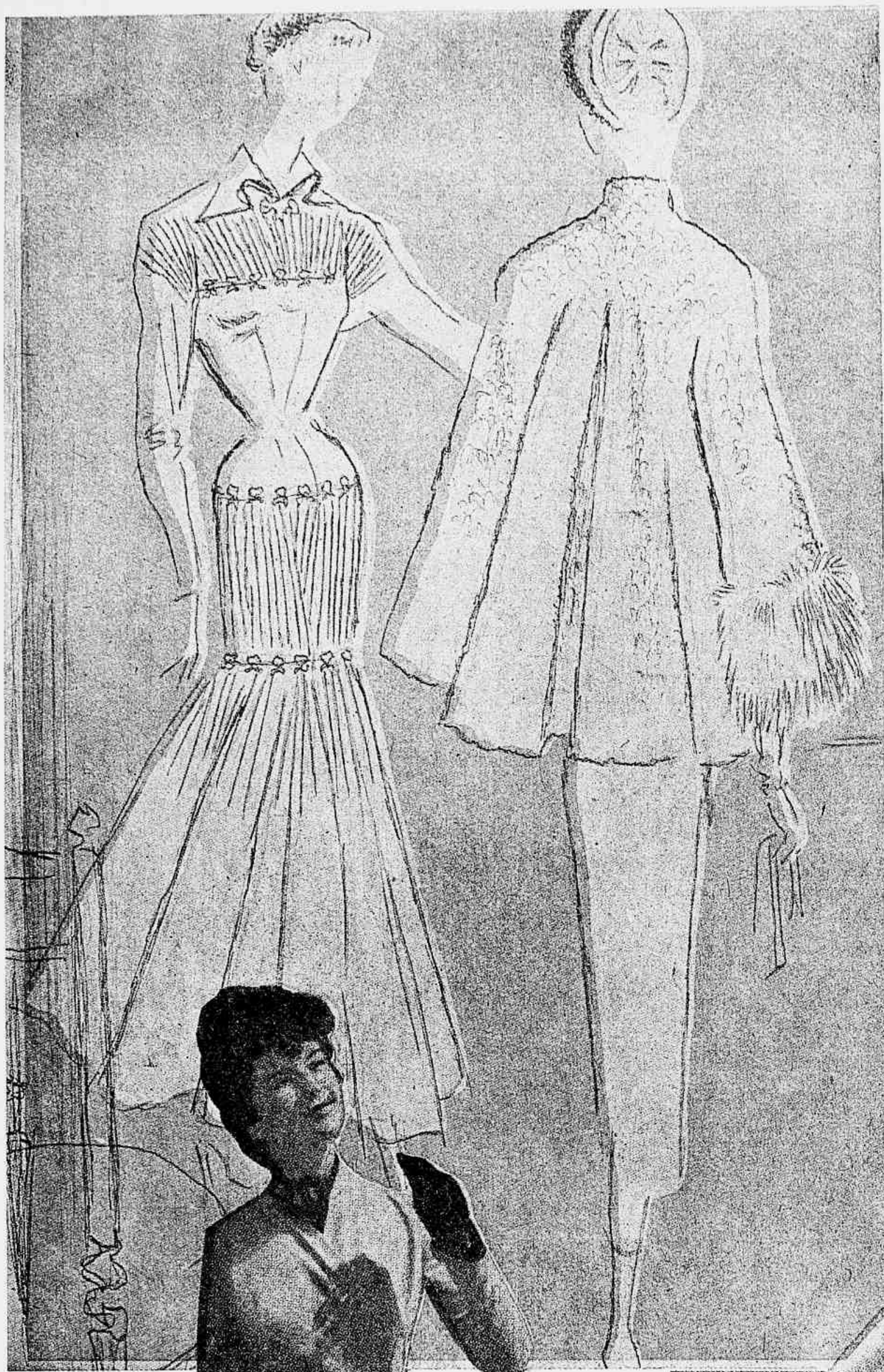
Se no início você obtiver algum sucesso, o deverá certamente ao fato de se haver cercado de pessoas iguais à você, de espírito, mesquinho, sem capacidade para melhores ações. Entre estas, o sucesso será absoluto; com elas você formará um grupo de invejosos e despeitados que vêm na maledicência um meio de dar expansão aos seus sentimentos inferiores.

Porém, nunca obterão êxito entre pessoas de caráter sadio porque essas depressa compreenderão a sua intenção. Essas, esteja certa, fugirão de você na primeira oportunidade, pois lhes desagradam as suas intrigas, as suas maldades, o seu "veneno".

Além disso, saberão também que são prováveis "vítimas", pois não poderão nunca crer que exista em você um pouco de honestidade ou sinceridade.

Em tudo isso, só ha um prejudicado: você mesma. Porque, não conseguindo os seus objetivos — as pessoas que você tenta alcançar pairam muito acima de você! — você sentir-se-á ainda mais inferior, aumentará a sua inveja e o seu despeito e isso, certamente, não a fará feliz.

O. B.




 OM o inverno às portas, já é tempo de pensarmos seriamente no nosso vestido de lã. A preferência deverá recair sobre as lãs macias e finas, de excelente queda, nas quais podem ser executados os mais complicados ou os mais simples modelos. Carven, apresenta um modelo em lã cinza, com saia em "plissé soleil", terminando em bicos nos quadris. Charles Montaigne sugere um modelo muito ajustado, com bolsos muito abertos e abotoados nas costas. Também em cinza é este modelo de Marcel Rochas, com decote muito profundo e recorte na frente que termina em "echarpe" atrás. Também de Marcel Rochas é o "duas-peças" com saia com "pences" externas, jaqueta de linhas sóbrias.

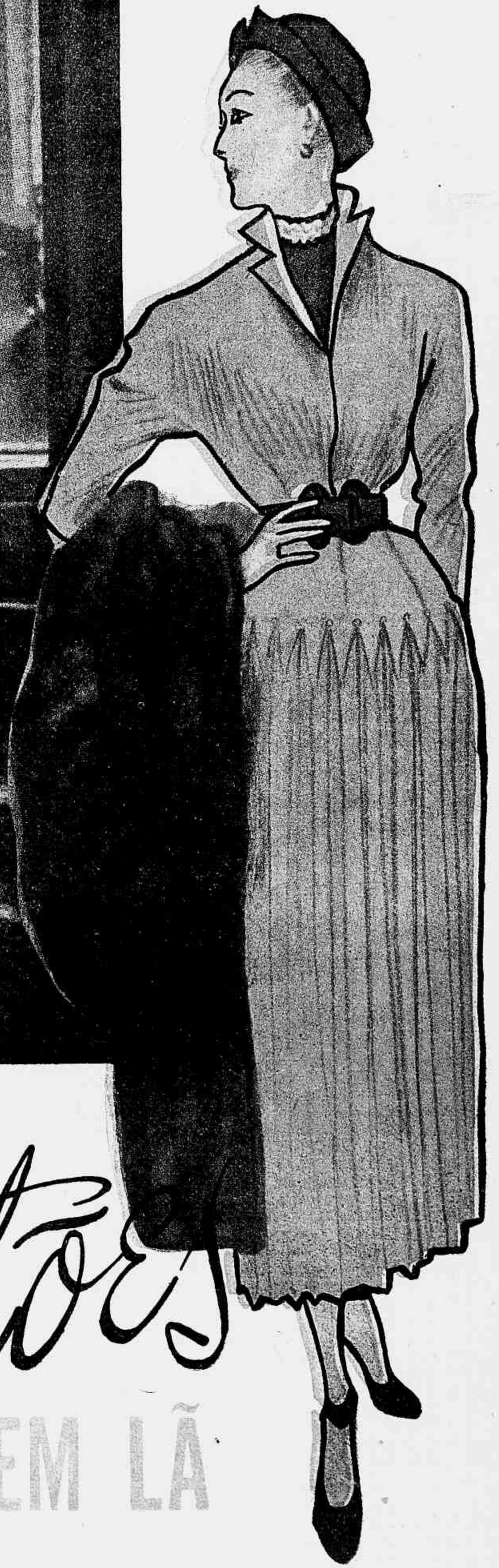
MARCEL ROCHAS

CARVEN



Sugestões

EM LÃ





A história que se vai ler é a transcrição fiel de uma das muitas que ouvi. Porém numa linguagem diferente — o que a meu ver lhe tira algo do sabor regional.

Ouvi-as ao pé do fogo. No terreiro em noites de lua. No rancho dos camaradas. E ainda durante longas caminhadas a cavalo.

Devo dizer que um ano mais ou menos vivi na fazenda de um tio meu, onde fiquei familiarizado com os costumes e gente de lá.

Por curiosidade e mesmo para não ficar à toa, tomei parte em toda sorte de trabalho junto dos camaradas. Travei conhecimento com todos, inclusive com os moradores da vila, que distava da fazenda uns nove quilômetros de chão.

Nunca em minha vida senti maior prazer do que o de ouvir um "causo" quando contado por um caboclo no aconchego de um rancho quando a chuva bate grossa no telhado e o vento assobia dobrando as árvores. Não sei por que, mas creio eu ser essa gostosa sensação causada pelo motivo de se pensar que lá fora tudo está molhado e frio, enquanto que no abrigo simples do rancho, todo enxuto, sentimo-nos livres da tempestade, aquecidos pelo calor do fogo.

Nem nunca houve algo que me prendesse mais a atenção e me impusesse tanto respeito como um caboclo contando um "causo". Oh! a solenidade dos ouvintes! O jeito de contar — pausado, floreado, fantasiado, com uma autoridade de conhecimento de causa. Que lindas mentiras tive oportunidade de ouvir! E a minúcia dos detalhes: "Era de tardinha e a sombra do coqueiro tava tomando banho no rio"; ou então: "Um urutau gemeu em cima da hora que o tal descarregô a garrucha no peito do valente". — Assim. Frases assim. Com pormenores encantadores que pintam paisagens bucólicas de tapera, terreiro e riacho — brasileiríssimas.

ASSIM É O AMOR...

CONTO DE HOLANDO LACORTE

Foi nesse tempo que pude ouvir esta história, que é, como já disse, uma das muitas que ouvi. É uma história verídica. Pois segundo quem me contou conheceu o fato. Foi protagonista e testemunha. Portanto quanto à sua veracidade, a minha opinião é igual à do leitor.

O "CAUSO" DO JUCA BARROSO

Juca Barroso era um pobre diabo que andava por aquelas paragens. Eu nunca soube certo onde ele morava. Sei que andava sempre pela vila.

Uma ou duas vezes por mês aparecia na fazenda. Não devia regular bem do cérebro o coitado. Andava fazendo trejeitos e caretas falando sozinho. A criançação fazia-lhe caçoada pelas ruas. Dizia-se uma porção de coisas a seu respeito; mas lá chegaremos.

Quando aparecia na fazenda vinha como sempre: barba e cabelos compridos, enfiado numa calcinha de brim xadrezado tão estreita que não sei como conseguia meter-se nela. Procurava logo pelo meu tio.

Titio vinha e fingia ignorar o motivo da visita, como se já não estivesse acostumado.

— Como vai, Juca? Que é que há?

O caboclo então descobria-se, baixava a cabeça, olhava na ponta do dedão do pé que se dobrava contra o chão cavando a terra que nem cabeça de cobra querendo entrar num buraco. Depois passava o chapéu surrado de uma para outra mão uma porção de vezes, respondendo por fim sem tirar os olhos do chão:

— Vô bem, obrigado, e o siô?

— Eu também vou bem. Mas afinal, Juca, você quer falar comigo...

— O siô sabe, né... eu, né...

Meu tio achava graça naquele nervosismo e fazia as perguntas a propósito e continuava:

— Vamos, Juca, desembucha logo.

Mas qual! O homem demorava para responder. Continuava cavando o chão com o dedão do pé e a cabeça baixa. Meu tio então saía rindo, voltando dentro em pouco com uma sacola cheia de feijão, arroz, batata, mandioca, farinha e dava-lhe ainda uns cobres trocados.

Juca retirava-se agradecendo, desejando boa sorte, abençoando, e lá se ia estrada fora com uma pressa danada, talvez com vontade de beber. Sim, porque o Juca bebia o dia inteiro. Só deixava de beber aquelas poucas horas que vinha falar com meu tio.

Certa vez, eu e mais cinco camaradas precisamos pousar na vila. Fôramos para tratar de um negócio de gado, e a pessoa que procurávamos só estaria no dia seguinte. Então, para não perdermos a viagem, resolvemos pousar na casa de um compadre de meu tio.

A noitinha entramos no botequim do "seu" Eufrásio, o único do lugarejo. Estávamos ali quando entrou no buteco o Juca, bêbedo como sempre e falando sozinho, com a criançação a lhe fazer troça.

— Põe uma canguara aí, Eufrásio — foi pedindo mal entrou.

— Largue mão, homem — respondeu o

botequineiro. — Você já está ruim. Chega de pinga!

— Si quisé dá, dê, si não quisé não dê. Não bebo aqui, bebo ali; si não bebo ali, tenho meu litro no rancho. — Disse e saiu excomungando tudo, louco de raiva.

Como era natural, eu e os rapazes não pudemos deixar de rir do acontecido. Foi quando "seu" Eufrásio, chegando-se a nós, falou:

— Não ria não, moçada. A coisa é p'ra chorar. O pobre do Juca tem seus motivos. Se ele anda assim e bebe tanto, tem suas razões. Ecutem. — E começou:

— Já lá vão duas dúzias de anos pouco mais ou menos. Naturalmente eu não era isto que aqui está. Não era bonito mas também... Não era p'ra se jogar fora. Era moço enfim.

"O Juca, Juca Barroso, êsse que saiu daqui agora, regula comigo na idade. Pois bem. Juca tinha um irmão mais novo chamado Juvenal, que era o rapagão mais guapo que esta vila se orgulhava de ter. Moço forte e bom que só êle. Nunca vi tanta coragem e força unidos com tanta bondade. Não havia pôtro chucro que êle não amansasse. Juvenal tinha fama por todas estas redondezas porque era turuna na amansação. Era chamado aqui, ali, na fazenda dêste, na fazenda daquele, para amansar chucros.

"Certa vez foi chamado pelo sr. Damião Pereira, que era dono de uma fazenda. Homem ruim que só a peste! Juvenal estava tendo muito trabalho lá, pois o fazendeiro tinha um bom lote de animais para serem amansados.

"Damião Pereira tinha uma filha, Ana Maria. Daí toda a encrenca. Era bonita que nem uma santinha de cartão. Tinha os olhos pretos como asa de graúna. Morena e delicada como pomba-rôla. Não sei por que diabo de mania todas as tardes ia ela espiar por detrás duns galhos o Ju-

(Continua na pág. 45)



De LUCILE D'ARLEMONT



Chapéus

Para "cocktail", para o teatro ou para qualquer outra reunião social, Virginia Mayo, "estrêla" de Samuel Goldwyn e da Warner Bros, oferece três maravilhosas sugestões.



De muito longe viera aquele jovem. Ainda inexperiente, chegou ao Rio e procurou ambientar-se.

Não viera gozar as delícias da Cidade Maravilhosa. As excursões turísticas ficariam para mais tarde. Precisava trabalhar para continuar o seu curso universitário.

Conseguiu um emprego e matriculou-se na Faculdade de Medicina. Era estudioso, correto, afeiçoado à vida de estudante. Sempre escrevia aos pais dando-lhes conta de seus progressos, de suas impressões desta cidade de tentações.

Debruçado sobre os livros e vivendo uma vida de privações para poder manter-se e pagar os estudos, comprar livros e estar sempre em dia com as lições, ele não tivera ainda tempo para divertir-se. Muitos colegas riam dele. Ainda era muito moço para viver assim. Ele respondia que só tinha uma aspiração: formar-se em medicina e ir morar com seus pais nos sertões de Mato Grosso.

Tudo corria normalmente, dentro do ritmo habitual, da rotina de todos os dias e de todas as noites. Quando um colega o convidava para assistir a uma festa de aniversário em casa de gente amiga.

Ele procurou excusar-se. Não era conhecido de ninguém, nem fora convidado. Mas isso não seria obstáculo. Seu colega o dissuadiu de tais razões, dizendo que, como convidado e íntimo da casa, estava autorizado a levar seus amigos. Ele era um deles, e dos mais dignos.

Naquela noite de um sábado, o jovem estudante de medicina travou relações com uma jovem presente à festa. Ambos dançaram, a trocar impressões, a sorrir, sentindo o calor de duas almas românticas.

No dia seguinte, um domingo, ela lhe telefonou. Encontraram-se e ele a acompanhou a passeios. Tudo parecia um mundo novo. As montanhas, as praias, as estradas pavimentadas que contornam o Rio tudo se lhe apresentava como se estivesse a nascer para a vida.

O idílio foi breve. Melhorando de colocação, pensou em desposá-la. Escreveu aos pais dando-lhes a notícia. Eles aprovaram e desejaram felicidades.

Noivos. Casariam dentro de um ano.

Durante a convivência, o jovem universitário foi notando que sua eleita demonstrava certas atitudes de volubilidade, coisa incompatível com um amor verdadeiro e sincero.

Seu curso começou a sofrer alterações. Comparecia pouco às aulas. Deixara o emprego. Descolocado, recorreu aos pais, que o ajudaram, confortando-o, animando-o.

Ela, diante de sua situação crítica, começou a evitá-lo. Ele percebeu que não podia mais reconquistar-lhe o amor, amor frágil que não resistia a um simples sopro da adversidade.

Desesperado, alucinado, desiludido, ingeriu violento tóxico. Morreu. Aos pais deixou uma carta esclarecendo seu gesto. A ela, um bilhete, desejando-lhe felicidades.

E esse esperançoso rapaz, tão fino, tão culto, tão educado, tão afetuoso e bom, abandonou sua carreira, esqueceu os sacrifícios, o amor dos pais, em face de um insucesso amoroso. E porque?

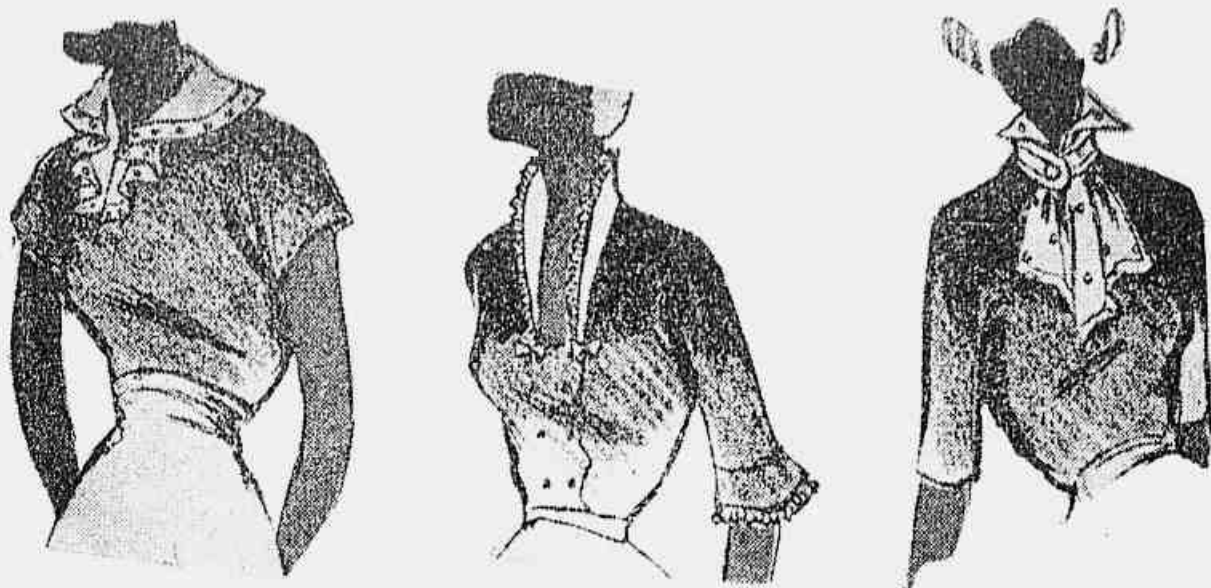
Porque... o amor é assim...



MODELOS DE BARBARA STANWICK

Barbara Stanwyck, essa creatura estranha e simpática, usará, em seu próximo filme para a Universal-International, um guarda-roupa elegantíssimo, do qual destacamos estes modelos. À esquerda: Em jersey de dois tons com saia em "plissé soleil". "Plastron" plissado no blusão. Ao alto: Em lã fina, cinza claro com recortes sobre os ombros, bolso na saia sobre o qual se renne todo o "godet". Gola e punhos brancos. Gravata de "pois". Em baixo: "Manteaux" de linhas sobrias e elegantes em lã vermelha





A esquerda: Gola e "jabot" em linho com bordado inglês. Ao centro: Gola guarnecida de plissé. A direita: Bordado inglês

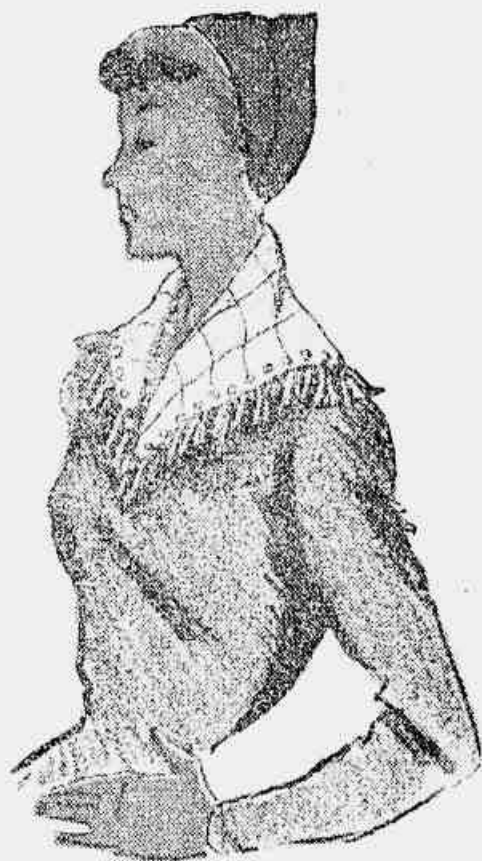


PARA O SEU VESTIDO PRETO

to ou mesmo dar-lhe um aspecto "diferente" você encontrará aqui algumas encantadoras e úteis sugestões, em golas e punhos.



Organdi com festões e bordado inglês



A esquerda: Em linho, com bordados ao redor. A direita: Em seda com nervuras e franjas



A direita: Em organdi com motivos bordados a ponto de sombra. A esquerda: Em organdi com aplicações em tecido diferente

PROTEJA A SUA HORTA!

SE nos fundos da sua casa existisse uma horta, se as sementes comessem a brotar, você não lhes dedicaria grande parte do seu tempo, protegendo o novo broto contra o vento e contra o sol? Você permitiria que uma erva daninha viesse prejudicar o desenvolvimento e a vitalidade do novo broto?

Claro que não! Você certamente não faria isso. Você ficaria de guarda na horta, se necessário fosse, com uma espingarda numa das mãos e um revólver na outra. Você teria o cuidado de verificar que esses novos brotos recebessem o necessário adubo, a necessária luz, e naturalmente faria tudo para que o seu desenvolvimento se processasse dentro da maior perfeição possível. Por aí se vê que nem mesmo uma horta poderá atingir a maturidade e dar bom fruto sem que tenha perto de si a vigilância de um ser humano.

No entanto, por grande que seja o desenvolvimento da criança comparado ao desenvolvimento da planta, não é raro vermos com que indiferença permitem que esse desenvolvimento se prejudique. Deviam ter sido criados num jardim cuidado pelo amor, cercados pela devoção dos pais, cuja vida haveria de ser tão digna que pudesse servir de exemplo



Sugestivos e encantadores são os dois modelinhos para meninas até 10 ou 12 anos

à criança. Infelizmente, porém, muitas crianças vivem em jardins onde falta o amor, onde lhes falta o menor cuidado e onde são entregues à própria sorte. E' de admirar então que essas crianças se envenenem e se estraguem física e moralmente? Que exemplo tiveram elas? Em que ambiente se formaram? Amam e respeitam os seus pais porque sabem que



Um casaquinho e chapéu do mesmo tecido, "toilette" elegante que esta graciosa "estrelinha" da RKO sugere para a sua filhinha

êles se amam e respeitam entre si? Ou será que já perceberam que não existe entre os pais o amor e o respeito que seria de esperar?

Uma criança criada sem amor, terá sempre atitudes que refletirão a atitude dos pais para com ela. Já é tempo de compreenderem os pais que não se criam crianças sadias física e mentalmente se não lhes fôr dada a necessária assistência mental e espiritual. Já é tempo, afinal de compreenderem os pais que a criança precisa de algo mais do que um prato cheio e uma roupa bonita; ela precisa, para que se desenvolva normalmente, e para que venha a ser feliz, de muito amor, muito respeito e muita compreensão.



CONSELHOS

Uma educação sadia facilita a vida da criança, em todos os seus setores. ★ Uma criança que é preparada para enfrentar as diversas fases de sua vida, tudo encarará com naturalidade, poupando trabalho e aborrecimento para si e para os pais. ★ E' muito comum negligenciarem as mães na alimentação dos seus filhos quando êstes estão na idade escolar. E' um erro grave que deve ser corrigido.

DR. SABÓIA RIBEIRO

DOENÇAS GLANDULARES NA INFÂNCIA

PELA herança a doença surge na criança em regular número de casos, como uma perturbação de glândula ou glândulas internas, e que, em geral, se reflete de uma maneira particularmente saliente na própria fisionomia da criança. De fato, quase nunca falta a esta um quê de anormal, denunciando logo a anomalia glandular, conforme o caso, atingindo o sistema osseo, o sistema linfático, o sistema formador do sangue, o próprio sistema da nutrição.

Em todos esses estados o aspecto fisionômico da criança é por vezes vivamente interessado, e é justamente a esse reflexo das doenças sobre a fisionomia que os cientistas e pediatras chamam de *fácies*. Algumas são de uma caracterização inconfundível; porém o que importa, sobretudo, é a extrema gravidade que revelam alguns desses *fácies* e que por vezes se mostram menos reconhecíveis.

O *fácies* tireoideano, por exemplo, na criança, é de uma significação importantíssima, por denunciar um distúrbio que atinge, em primeiro lugar, a inteligência da criança, obrigando ao tratamento o mais precoce, sob pena de ocasionar-lhe mais tarde males irremovíveis.

Chama, em primeiro lugar, a atenção o aspecto da fisionomia da criança — face vultosa e balôfa, cabeça achatada de cima para baixo com testa fugidia e enrugada (*crânio de azteca*); olhos pequeninos e sumidos; nariz largo e chato (essa a chamada *face de Gull*, dos médicos, que corresponde à cara de lua cheia, do povo).

A fisionomia parece rígida, sem expressão. Só uma ou outra vez a criança exterioriza uma espécie de esgar, contraindo-a. Se o bebê sente fome, necessidade ou dor, não sabe chorar, ou gemer, manifesta tudo isso grunhindo, ou sob a forma de verdadeiros mugidos.

O cabelo é escasso, quebradiço, seco. As unhas, sujeitas à descamação e rachaduras. A coloração da pele é pálida e cêrea. Um caráter importantíssimo da pele: ela não adere aos tecidos subjacentes, e rola, por assim dizer, sobre estes, inteiramente livre (é a *pele laxa* dos pediatras). Comumente está mais ou menos infiltrada.

A perturbação da inteligência nunca falta. As vezes, só com o tempo se vai acentuando o distúrbio, principalmente quando a criança está sendo alimentada ao seio, pois então, devido aos hormônios tireóides que passam no leite materno, sua diminuição na criança é suprida, e os fenômenos ficam detidos para só irromperem por ocasião do desmame.

Fora desse caso, o distúrbio logo se manifesta por muitos sinais ou sintomas. O menino passa dias inteiros dormindo, apático. Cresce, e não reage aos ruídos; não reconhece as pessoas da sua convivência; os olhos sempre fixos num ponto, a criança passa o dia babando, um ou outro movimento reflexo.

Muitas vezes, existem lesões para o lado do ouvido, e a surdo-mudez se instala na criança agravando ainda mais a deficiência do psiquismo.

Aos raios X os ossos têm uma estrutura esclerosada.

No chamado *Nanismo tireógeno* os membros são curtos, mas somente os membros, e delicados. A moleira custa a fechar. A dentição se inicia tardiamente (acima de 8 meses, em geral).

No *Mixedema congênito* há sempre um atraso ou atrofia da tireóide, que já data do nascimento.

Atribui-se à sífilis e ao alcoolismo, em geral, a origem do sério distúrbio, porém as infecções agudas maternas, durante a gravidez, máxime as infecções pneumocócicas, podem também causá-la.

Mas há outras formas do mixedema ligadas, umas a uma degeneração da glândula por influência do meio (cretinismo endêmico), outras a causas complexas (mixedema infantil adquirido).

O *Mixedema congênito*, instituído cedo e em tempo o tratamento, é doença curável; retardado, e instalado o déficit psíquico, sua cura pode-se ter por ingrata e, mesmo, perdida.

Deve-se ressaltar, porém, que nos casos de insucesso há que considerar, ainda, a hipótese de uma ausência total da glândula, que corresponde a uma incapacidade absoluta de recuperação, isto é, a uma *Atireose*. Assim se explica muitos insucessos no tratamento desses estados.

O *Mongolismo* — anomalia orgânica sempre congênita — assemelha-se em muitos pontos com o *mixedema*. O mesmo nariz em sela, a mesma língua enorme exteriorizando-se pela boca aberta. Esta, continuamente deitando saliva em grande abundância.

O que, ao exame externo, logo diferencia o mongolismo do mixedema é a conformação especial das fendas palpebrais, aqui inclinadas como num chim, e além disso a extrema mobilidade da face da criança, que está como permanentemente fazendo careta. A um exame mais atento dos olhos vamos encontrar um arco de concavidade lateral no ângulo palpebral interno. As orelhas são notoriamente afastadas. O dedo mínimo, além de curto, encurvado para dentro; aliás, toda a mão é tósca e lembra uma pata.

Existe uma notável flacidez e distensão da musculatura das articulações, de modo que se dobram os membros, como os de um polichinelo, sobre si mesmos. O crescimento e a dentição são muita vez retardados.

Observado o crânio para o lado do occiput, este é achatado (*braquiocéfalia*). A cabeça tende a dobrar-se para trás.

Com frequência outros sintomas se juntam à forma dos olhos mongólicos: há estrabismo, nistagmo; distúrbios funcionais mais tarde se mostram, como a hipermetropia, o daltonismo, a diminuição da agudeza.

A causa desta anomalia não é aqui, por outro lado, como no disteroidismo, uma perturbação de glândula.

A influência de uma gravidez trabalhada e penosa, o papel das deficiências alimentares tem sido muito lembrado.

Conhecemos um caso em que os pais eram pessoas já bastante idosas.

Parece-nos que todos os fatores físicos e morais, como a estafa e as decepções, a subnutrição e debilidade ocasional ou orgânica dos pais, sejam capazes de ocasionar o mongolismo. O fato é que é uma exteriorização de degenerescência, por isso mesmo de cura inviável.

Interessante notar que no mongolismo o estado psíquico apresenta modificações que não fazem supor o infante fím que o aguarda.

Alguns revelam essa ou aquela habilidade, inclusive certo pendor musical.

Aos 2 anos ou pouco mais o menino mostra uma vivacidade que chega a iludir. Sabe imitar as pessoas, faz gracinhas. Mas tudo isso se mescla de atos agressivos e disparatados. A aquisição dos bons hábitos não a revela com o correr da idade; são pouco asseados consigo mesmos e não têm a intuição da ordem nem da disciplina.

Pode-se associar o disteroidismo e o raquitismo ao mongolismo. Nesse caso pior o seu futuro.

Não sobrevivem muito tempo essas crianças. Não raro uma infecção intercorrente as levam mais cedo ou mais tarde, e o tratamento mostra-se impotente na maioria das vezes.

Vê-se, por aí, que uma das maneiras por que se exterioriza, na criança a herança mórbida dos pais é o mal funcionamento de glândulas como a tireóide no caso do *mixedema congênito*.

Há duas outras perturbações glandulares da criança que com relativa frequência também se encontram: o *nanismo hipofisário* e o *infantilismo hipofisário*. Seu fundo hereditário é perfeitamente aceito.

O *Nanismo hipofisário* é uma discrinia capaz de gerar confusão com o *mixedema*. Neste nanismo existe uma evidente harmonia morfológica da criança — cabeça, tronco e membros são todos atingidos, e não somente os membros.

O distúrbio se prende essencialmente à hipofise, e instala-se cedo na criança.

O *Infantilismo hipofisário* faz sua aparição por ocasião da puberdade. Os órgãos sexuais mostram-se excessivamente rudimentares. As massas musculares se distribuem mal, parecendo infiltradas de adipe, moles, particularmente abundantes pelas mamas, flancos, nádegas. Os caracteres sexuais secundários contrariam a natureza do sexo — mamas muito desenvolvidas no homem, ausência de barba, voz aflautada, região peitoral glabra, pele delicada e sedosa. Muita vez se associa o diabetes insipido, a albuminúria ortostática.

O crescimento é tipicamente exagerado em muitos casos. Aos raios X se depa-ram não raro alterações para o lado da sela túrcica (leito da hipofise).

Nem sempre o *fácies* é expressão de uma anormalidade glandular, haja vista o *fácies* sífilítico no recém-nascido, cabeça em forma de "pera" ou "balão", nariz em forma de sela, veias temporais puladas, e coloração asiática da pele; já na criança mais crescida, dentes incisivos da 2ª dentição de bordas semi-lunares, irite plástica (olhos), otite média supurada (ouvido) e hidrastrose do joelho.

Cumpre assinalar, porém, que, em face de todas as discrinias, a sífilis e a tuberculose devem ser sempre investigadas, porque, muitas vezes, constata-se a presença de uma ou outra (a tuberculose latente da criança, às vezes, possui seu equivalente nas meras manifestações do sistema linfático, com seu *fácies* *esclerofulítico*); ora, isso, evidentemente, mostra a importância dessas doenças em relação à saúde dos filhos e quanto devem ser cuidadas antes de todas as unificas com vistas à prole.



Este tipo de suspensórios dispensa os botões. Vê-se na gravura o dispositivo de suporte automático, feito de material plástico

As côres e os bordados na elegancia masculina

Londres — A notícia sensacional da moda masculina para 1949 refere-se a volta dos coletes de cor. Estes periodicamente aparecem e tornam a desaparecer da indumentária masculina. No princípio do século constituíam requinte de elegância, passando mais tarde a ser vistos na Grã Bretanha somente quando ostentados por duques ou lixeiros em domingos... Agora, porém, tornaram a aparecer.

Já faz mais de uma estação que são vistos os coletes "avulsos" em "weed" de xadrez, sendo usados primeiros com trajes de montaria e em seguida com qualquer indumentária esportiva. A moda recentemente renovada do "paletot" em lugar do jaquetão para a indumentária masculina de meia cerimonia provocou igualmente, se bem que a título experimental, o aparecimento de coletes de cor lisa contrastando com o traje de passeio. Entre eles vemos os coletes de linho, e fina lã, em claros matizes de cinza, bege, "bois de rose", azul e verde.

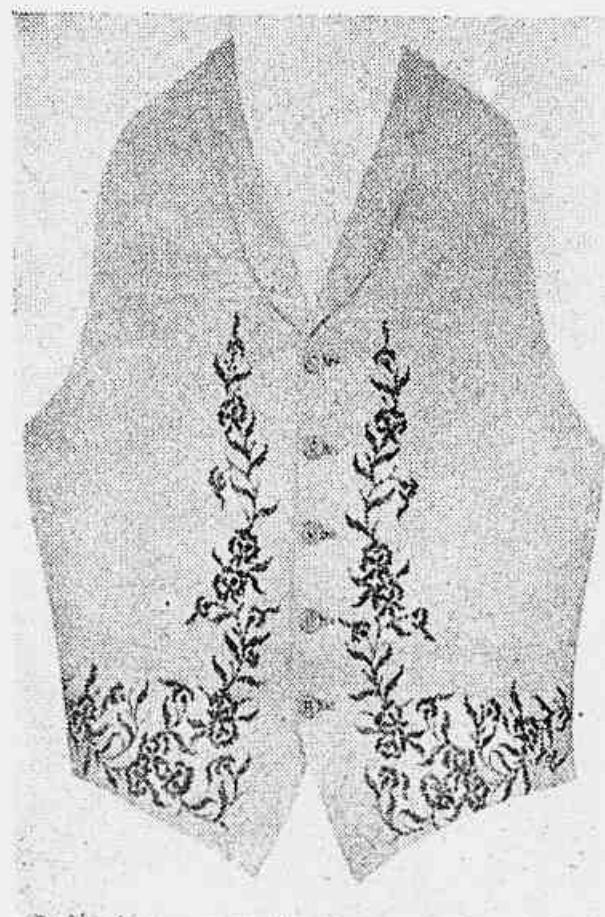
A nova moda se estabeleceu, e o colete bordado constitui seu resultado lógico e mais recente. Estes se apresentam bordados em desenhos de flores e folhas, ou em volutas.

Também os trajes esportivos apresentam combinações inéditas e ousadas de tecidos e de cores. Uma casa famosa de Londres aconselha aos seus clientes que evitem a

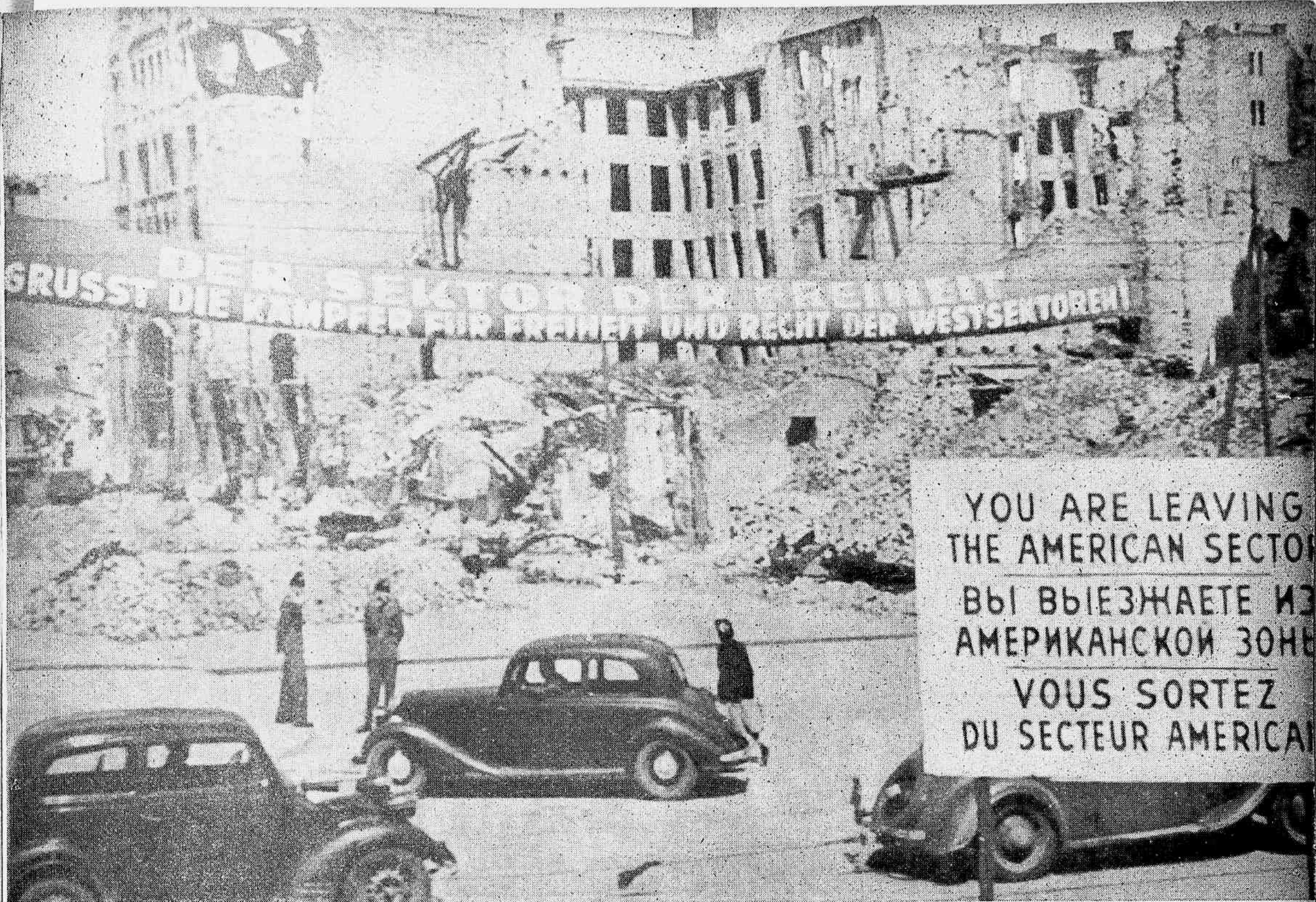
combinação banal de jaqueta esporte e calça de flanela cinza. Uma jaqueta esporte agora faz parte de um "ensemble" de passeio. É usada com calças de malha de lã em tons de azul es-uro, "marrom", ou mesmo mes-cla "Levat", contrastando com a cor principal da jaqueta. As calças são também algo mais estreitas que anteriormente.

O termo de "week — end" por sua vez se apresenta um tanto mais "recherche", tendo geralmente "paletot" com três botões e lapelas comuns e calças de corte encorpado. Ainda que este traje seja essencialmente um termo de duas peças pode ser usado com colete contraste. Os tecidos preferidos para o ter-mo de "week-end" são a flanela, e o "Levat" tweed.

A jaqueta esporte é confecio-nada em tweed irlandês, ou She-land. Do B. N. S. especial para REVISTA DA SEMANA.



Colete bordado estilo "Regência", uma novidade da moda masculina



Na manhã de 12 de maio, via-se esta grande faixa que diz o seguinte: "O setor da Liberdade sauda os lutadores pela Liberdade e os direitos do setor ocidental"

LEVANTA-SE O BLOQUEIO DE BERLIM

QUASE um ano esteve a grande cidade de Berlim a viver sob um regime de hostilidades diplomáticas, de pressões perigosas de uma "guerra sem tiros" que, para muitos, estava sendo a espoleta para a deflagração de uma nova tragédia sobre o mundo inteiro.

Não vamos aqui comentar, analisar, criticar os que mantiveram a capital da Alemanha como cobaia de experiências deploráveis. O caso, embora muito divulgado pela imprensa do mundo inteiro, será, futuramente, objeto de páginas para os historiadores que tiverem de estudar o episódio sensacional.

Mas o que já não sofre contestação é que a dificuldade irrompeu em torno da questão da moeda que deveria prevalecer em Berlim. Como sabemos, os quatro grandes — Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia — ainda hoje, ao escrevermos estas linhas, não chegaram a uma combi-

TEXTO DE JOHN T. V. SMITH
FOTOS KEYSTONE

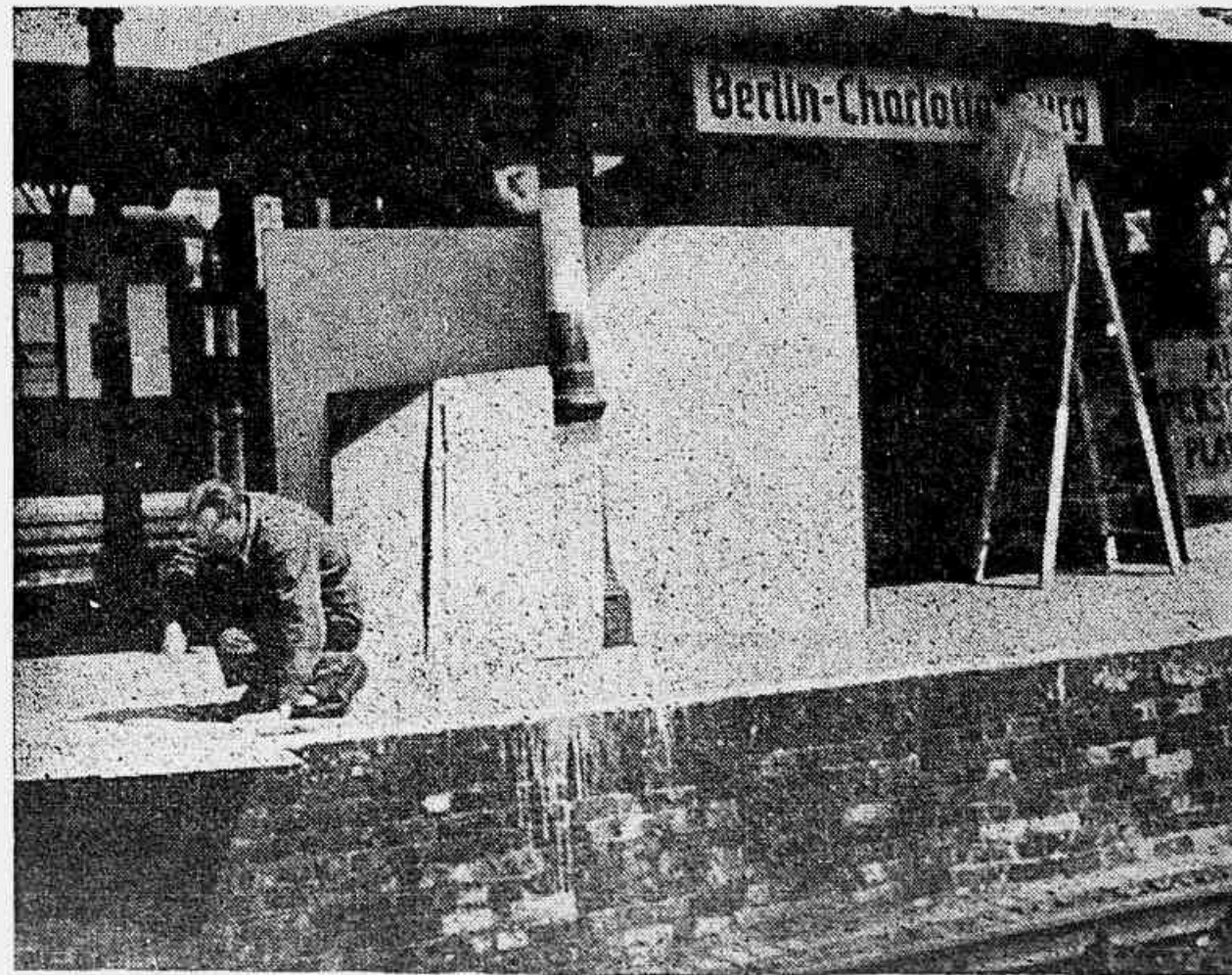
nação total acerca do caso da moeda alemã. Por esse motivo, há dinheiro ocidental e dinheiro oriental.

A política soviética na Alemanha é toda ela dirigida no sentido de bolchevizar a nação, introduzindo ali os processos russos, de forma que a Alemanha sob seu controle não se torne, amanhã, num país hostil, capaz de criar perigos ao leste do Elba. Mas do outro lado, na direção do oeste, estão as democracias, as quais não suportam que a política de infiltração russa forme na Alemanha ocidental um aliado de Moscou. Esse ponto, o mais grave, só será decidido agora na reunião dos chanceleres, em Paris.

A situação da Alemanha é uma espécie de unha encravada no dedo grande da Europa. Quem procurar desenravá-la, fica na situação de cirurgião ou pedicuro, com a obrigação de curá-lo ou amputar o dedo enfermo... Como é fácil de imaginar, todos querem que a unha se desencrave e desapareça a inflamação que ameaça espalhar-se por todo o corpo do doente — a Europa. Entretanto, todos temem que esse cirurgião venha tornar-se o "dono do enfermo"...

Além do caso de Berlim propriamente dito, há o intrincado Ruhr. Quem dispuser do Ruhr e do seu carvão, domina a vida política e militar da Europa. E' esse outro assunto perigoso, ligado a Berlim e à administração total do país, ponto vulnerável que vai ser debatido na Conferência de Paris pelos quatro chanceleres.

A URSS já tem declarado que precisa fazer parte da



O primeiro ônibus atravesar entre as diferentes zonas da capital germânica. O carro ao lado diz em alemão: "Hurrah! Ainda vivemos". A direita: Esta é a estação de Charlottenburg que serve para a recepção e despachos de trens que se destinam à capital germânica já agora em atividade



Durante toda a madrugada muitos grupos de operários trabalharam na remoção das barricadas erguidas nas fronteiras, impedindo o trânsito agora livre

comissão internacional que vai administrar o Ruhr. Teremos, brevemente, outras ocorrências sensacionais. Se os outros grandes não concordarem com isso, é possível que novamente se toldem os ambientes europeus, e a paz entre, mais uma vez, na penumbra projetada pela sombra trágica de Marte.

O risco mais imediato era, porém, o do bloqueio de Berlim. Com o fechamento da fronteira russa para o ocidente, quatro milhões de pessoas passaram a sofrer toda sorte de privações, durante 330 dias. Falta de calor, de eletricidade, de viveres, de roupa, de paz, de esperanças, de tranquilidade.

Por sua vez a zona russa sofria horrivelmente com a falta de artigos manufaturados, de aço, de carvão, etc.

Os aliados do oeste lançaram mão daquele recurso de guerra, quando uma população está sitiada por exércitos inimigos: o abastecimento pelos ares. Centenas de grandes

aviões-transporte levavam a Berlim ocidental milhares de toneladas de gêneros de toda espécie, diariamente. A despesa com esse serviço é simplesmente fabulosa, mas os Estados Unidos e a Inglaterra tudo sacrificaram a fim de que a população sob a sua guarda e assistência nada sofresse, inclusive a da zona francesa.

A prova foi terrível; mas uma coisa ficou demonstrada: a eficiência da aviação anglo-norte-americana, num caso absolutamente inédito.

Por diversas vezes foi tentado um caminho que levasse ao fim que se obteve a 12 de maio: o levantamento do bloqueio de Berlim; mas, infelizmente, não houve meio de chegarem os delegados das quatro potências a um resultado satisfatório.

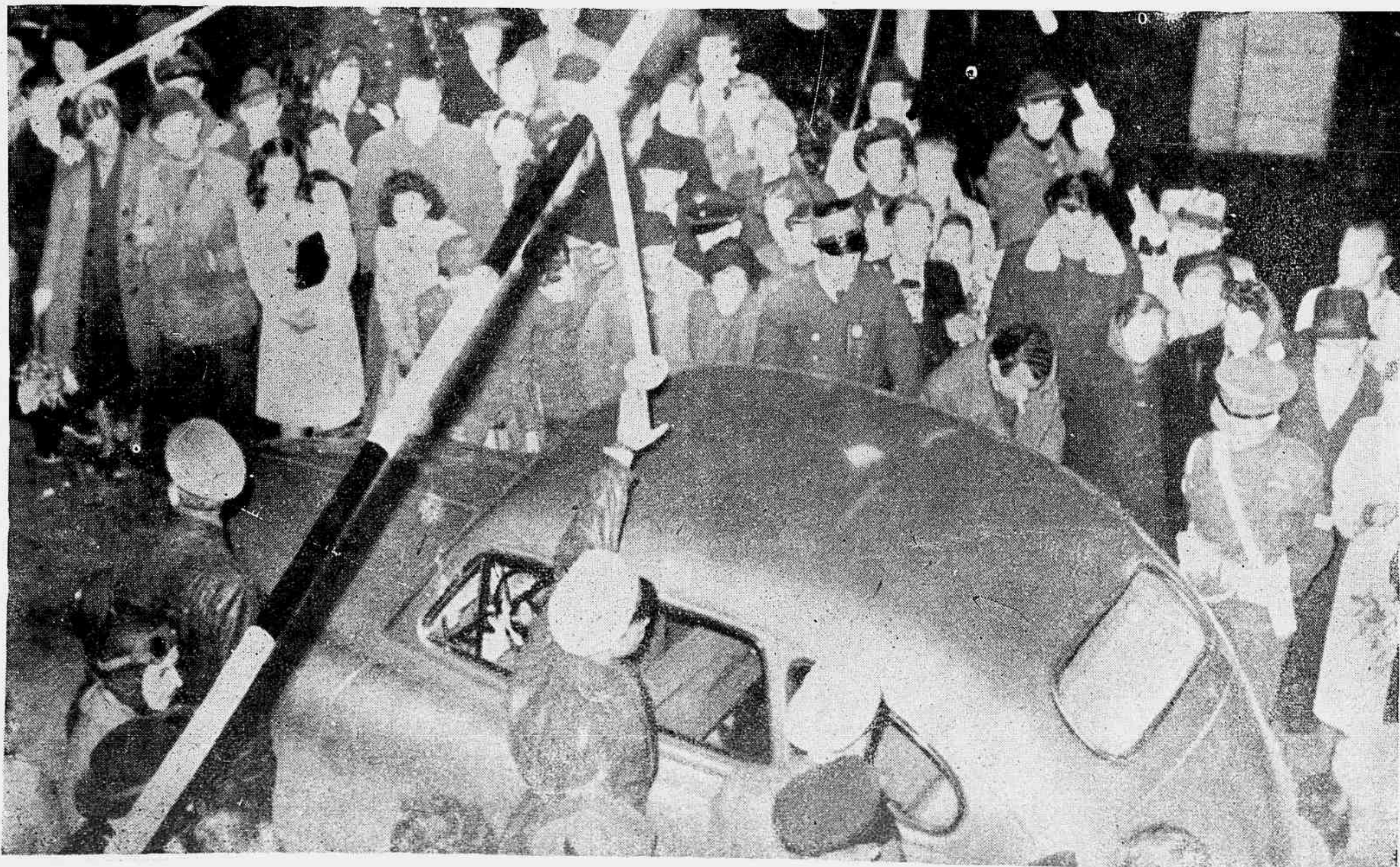
Felizmente, porém, os russos viram que já estava em tempo de acabar com o cerco antipático e martirizante de tão grandes populações. Os crimes de câmbio-negro, as

perseguições policiais contra os contrabandistas, a tensão reinante, os prognósticos de irrupção de hostilidades de um dia para outro, o desassossego geral, precisavam desaparecer. E isso só se conseguiria com o levantamento do bloqueio, tornando a reinar entre as várias zonas de Berlim maior harmonia, mais amplo entendimento, maior confiança recíproca.

O mundo já havia mergulhado em sangue por causa de um corredor fatídico, o corredor polonês, aquela faixa de terra que, por imprevidência de tratados, seccionou a Alemanha em duas partes, separando a Prússia do resto do país. Dantzig e Gdânia ficaram atravessados na garganta da Alemanha até que explodiu a guerra de 1 de setembro de 1939, com todo o seu cortejo de desgraças durante quase seis anos. Para os observadores políticos e militares, outro corredor, o chamado "corredor de Berlim".

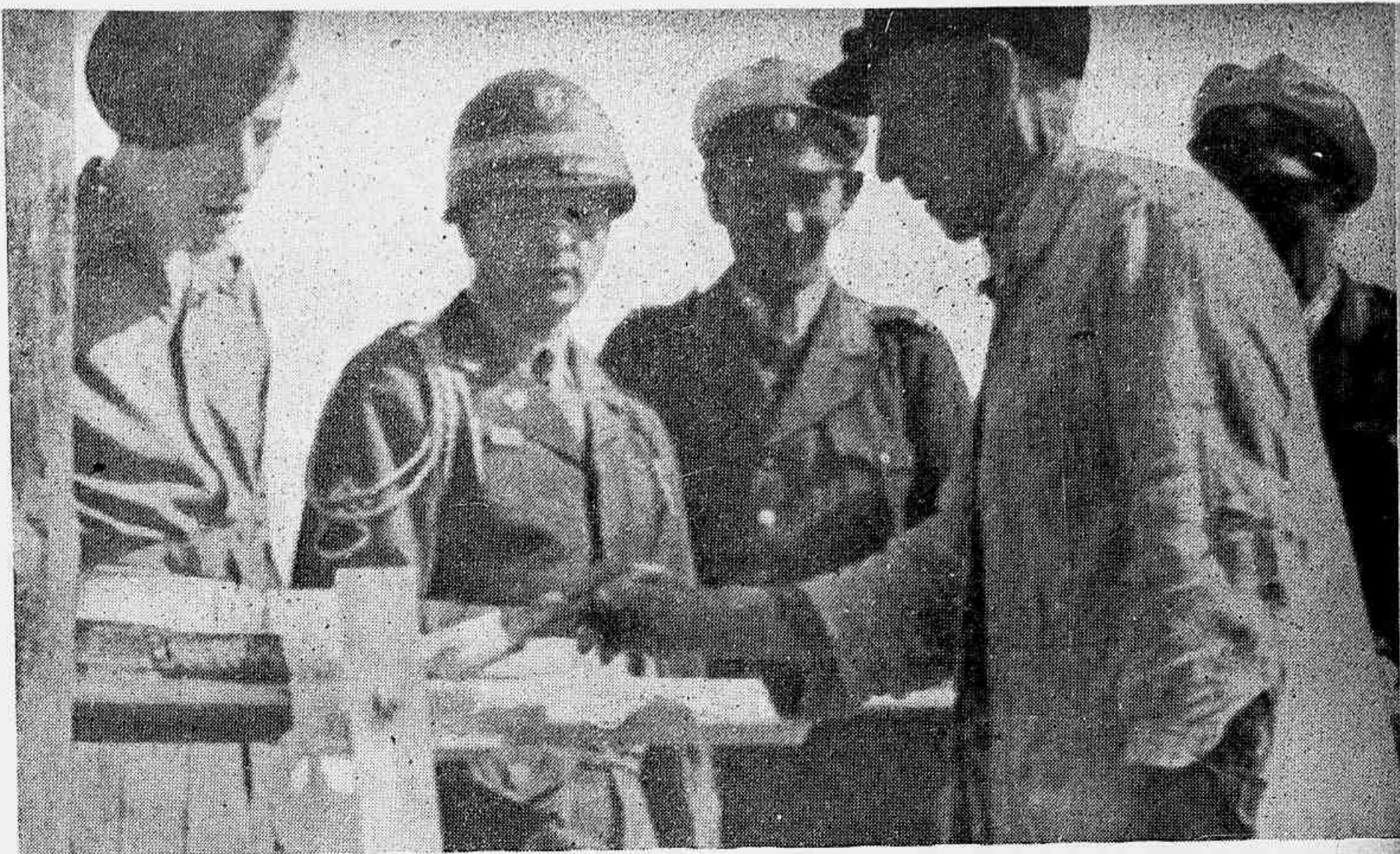
(Cont. na pág. 52)

Momento exato em que numa das passagens bloqueadas, eram suspensos os travessões, dando passagem aos primeiros veículos do ocidente para o oriente





Em cima: O primeiro Ministro da Africa do Sul, Dr. Malan e sua esposa, informados pelo Cap. do Grupo B.C. Yarde, sobre o trabalho do corredor aéreo de Gatow. Em baixo: Lego que foi suspenso o bloqueio de Berlim, iniciou-se o controle telefónico da cabine de estradas para Helmstadt, fazendo a primeira ligação



De cima para baixo: Os guardas britânico, americano e alemão, observam a remarcação de barreiras por um trabalhador germânico numa das fronteiras da capital. A primeira fila de passageiros que vão do setor oriental nos



rens que servem as várias zonas da atribulada capital da Alemanha. O primeiro caminhão que vem da zona britânica e atravessa a fronteira sob controle soviético é coberto de flores pelo povo entusiasmado



A Reliquia

CONTO DE CLÉO DE SOUZA

Só depois de homem feito pude desvendar o mistério do chalé verde. E ele ficava ali, na ladeira João Gomes, "caminho da minha roça", ou melhor, viela que dava acesso ao meu colégio.

Nunca lhe percebi uma presença humana. Mas a casa mostrava-se sempre muito limpa e tratada. Pela frente e dos lados, as largas janelas abriam-se para o jardim que tinha um repuxo encimado por uma estranha cara de cavalo, esculpida em madeira. Era esta figura o que mais atraía o menino a parar ali. Então, na época das chuvas, lavada pelas bâtegas, livro do limo, mostrava-se mais nítida e mais despertava minha atenção. Perguntava-me muitas vezes por que ela resistia assim, meses a fio, à ação da água, sem desgastar-se. Lembra-me que, certa vez, levei a pergunta ao velho que à hora do jantar me satisfazia:

— Meu filho, a figura é talhada em madeira impodrecível, do mesmo material usado para as construções hidráulicas, compreende?

E dando tom mais severo à voz ainda disse:

— Espero que, daqui por diante, evite o mais que puder parar pelas imediações do chalé.

Bem vontade tive de indagar de meu pai o "porque" daquela admoestação. Mas sabia, de antemão, que ele jamais permitia que se lhe retrucasse, principalmente em se tratando de inquirições muito curiosas. Depois — pensei — para que a tentativa de indagação ao velho, com o iminente perigo de arriscar-me a uma repreensão ou quando muito obter dele uma explicação sem pormenores, de todo insatisfatória? Eu tenho o Tavico — continuei pensando — e amanhã mesmo ele me há de satisfazer plenamente a curiosidade.

A cara de cavalo que por tanto tempo fora para o meu espírito um centro de interesse, desaparecera, por completo, desde o momento em que me levantara da mesa do jantar. Por toda a noite absorvia-me uma interrogação maior e uma ansiedade enorme pela hora do colégio, pelo meu encontro com Tavico.

Sim, ele devia saber tudo quanto houvesse de mais, no chalé. Não era ele o meu colega mais velho, o mais experimentado, um rapaz a quem o pai confiava as chaves da casa, deixando-o perambular pelas ruas até tarde da noite? Porque eu sempre achei que só à noite se pudesse espreitar algo na casa verde. Durante o dia, nas idas e vindas para o ginásio, era impossível. Muitas investidas já havíamos feito, eu e alguns colegas mais traquinas. Certa vez, ao entardecer, quando o movimento da ladeira era constituído apenas do ruído dos colegiais, fizemos um pacto de silêncio. Depois, pulamos o gradil, eu e o Osvaldinho, chegando até a porta principal da varanda. Tentamos forçá-la, porém inutilmente, pois era cortada em vigoroso jacarandá. Pelo orifício da fechadura mal percebemos o interior de uma sala às escuras.

Foi desta vez que toquei longamente na curiosa figura do jardim e, estranhando-a, pedi explicações a meu pai que aguçou absurdamente minha curiosidade para o mistério do chalé.

No dia seguinte, mal começa a contar, numa roda, o que aprendera sobre a figura de madeira, o Osvaldinho me interrompe insatisfeito:

— E ele não disse nada sobre o abandono da casa?

— Não, e até proibiu-me de andar por lá...

— Pronto, está provado que alguma "coisa" deve haver naquele chalé — concluiu, com perceptível malícia.

A campanha para a aula de português viera interromper nossa conversa. Corremos todos e cada um procurou lugar na sala onde, na cátedra, o padre Saturnino

já assumira a sua atitude grave, à espera que também nos perfilássemos. Sempre exigiu dos discípulos, como condição de respeito à sua pessoa e disciplina e ordem na classe, a posição de sentido no início e fim das lições. Feito isto, podíamos tomar assento e começava então suas preleções.

Mal me ajeito na carteira, deixo o olhar passear pela classe... Oh, o Tavico não está e logo hoje que precisava tanto dele! — exclamo baixinho.

A aula vai alta, mas só vez por outra, quando o professor engrossa o timbre da voz, percebo que estou ali. Em verdade, encontro-me na ladeira João Gomes, às voltas com o chalé. E o Tavico que não veio, logo hoje faltar o Tavico... Assustado-me, de repente, com uma pergunta do professor, que, ao que parece, percebeu meu anelamento:

— O senhor aí, da última fila, vamos, rápido, o plural de colosso?

Fico perplexo por alguns momentos. Ouço sussurros de todos os lados dos colegas que me "assopram". Fico confuso, paro, mas não para procurar a resposta no cérebro e sim para fazê-lo voltar ao chalé. Respondo, afinal, em voz alta:

— Colóssos, professor!

O mestre passa adiante, felizmente apenas com um extenso oh! Mas alguns colegas riem-se, valendo-me abertamente. (A deixa valeu-me um apelido. Pelo resto do meu tempo de ginásio ninguém mais chamou-me por outro nome que não fosse o de Colóssos.) Só me refaço da vergonha sofrida quando, no primeiro intervalo, avisto Tavico que viera para a segunda aula e, juntos, começamos a falar do chalé:

— Dizem que ali mora um indivíduo — iniciou Tavico — um homem solitário e misterioso que tem a mania das coleções.

— Coleções?

— Sim, gosta de guardar objetos de arte, quadros, insetos, plantas exóticas, flores...

— Mas meu amigo, se a casa não apresenta nenhum movimento!...

— Dizem que chega e sai, noite alta, quando vem trazer prendas para o seu museu.

— E o zelador?

— Dizem que é uma velha e feia mulher que ele encontra sempre desperta e ordena os serviços...

— Muito estranho, realmente.

Fomos chamados para a nova aula. Porém no segundo intervalo o diálogo prossegue:

— E a pobre mulher, Tavico, além de velha e feia, ainda passará seus dias encarcerada?

— Não, simplesmente troca as noites pelos dias.

— Como?

— Dizem que o estranho patrão sempre que chega mune-se de uma grande tocha e, juntos, passam algumas horas a cuidar da casa e do jardim.

— Muito estranho...

— E você observou, em tudo que lhe disse, como tive o cuidado de começar minhas frases por um "dizem"?

— Sim — observei.

— Isto porque eu mesmo nunca vi nada. Já montei sentinela no portão do chalé uma noite inteira, inutilmente. Meu tio, que é caçador, por toda parte onde anda busca, em vão, encontrar o desconhecido. As poucas pessoas que vislumbraram presenças humanas naquele lugar, não se expressam bem, narrando que as sombras desapareceram tão logo lhes pronunciaram a primeira saudação...

Nesta altura, é claro que já me sentia bastante trêmulo e com a curiosidade aba-





fada. Não sei muito satisfeito da conversação com o meu colega, mas daí por diante comecei a dar razões a meu pai. Os últimos meses que me restaram de colégio cortava voltas para desvencilhar-me da casa assombrada.

★

Alguns anos se passaram e volto ao lugar de minha adolescência. Uma noite, na rua, mal despeço-me de alguns amigos entro no primeiro bar que encontro. Pego um maço de cigarros, acendo o primeiro e, enquanto a fumaça se desfaz no ar, deixo os olhos pervagarem pelo ambiente. Só há um homem assentado a uma das mesas. Está tudo deserto e "seu" Manuel já passou a tranca nas duas portas mais largas. De pé, na "caixa", conta a fêria, vagorosamente, enquanto o freguês retardatário permanece no recinto. Faço investida de sair, vou até a porta, mas volto para encarar o único homem que ali está. É alto, corpulento, tem o rosto avermelhado e os cabelos claros despontam detrás do chapéu. Não resisto à curiosidade e aproximo-me:

— Muito boa noite, cavalheiro. Porta ou pintor, com quem tenho o prazer de me avistar?

— Sim, sim, mas... — tentou obstar. Vendo, porém, que eu lhe dava trato amigo, encarou-me com mais serenidade. Observei que os seus olhos pararam no emblema que eu trazia à lapela.

— Vejo que o jovem não é da terra...

— Sim, estou vindo de São Paulo, onde curso a Escola de Belas Artes, na parte de escultura.

O homem ergueu-se e pude observar que a sua fisionomia se transfigurara, perdendo muito da rispidez inicial.

— Oh, muito bem! Apraz-me, sobretudo, neste rude terra, encontrar, afinal, alguém com quem trocar algumas idéias.

E estendendo-me a mão, cordialmente:

— Eu sou Peter Ennes, pintor e dono de algumas coleções.

Quis baixar os olhos para consultar o relógio, preocupado com a hora do meu embarque, mas o homem não me deu tempo para nada. Puxou-me pelo braço, em direção à porta:

— Vamos, fique comigo esta noite.

A princípio vislumbrei nestas palavras um convite à aventura. Os primeiros passos dados diante de meu estranho companheiro foram vacilantes, e no espírito sentia o entrelaço de sentimentos diversos. Intimos temores desequilibravam o meu eu. Era a primeira vez, na minha terra, que me sentia na iminência de viver orgias noturnas. Com o decorrer da conversa, porém, percebi que o homem, saturado de si mesmo, necessitava de um desabafo. Aquiesci. Eu o acompanharia aquela noite. Pois, afinal, eu já não era um homem? Aquêles que eu deixava de passar esqueceria, sim, esqueceria que estava na terra de minha infância, ali mesmo perto do colégio dos padres que sempre primaram por incutir no espírito dos rapazes o sexto mandamento...

Depois, Peter, ao que me dizia, era um artista e não andava eu sequeiro de arte? Sim, decidi-me. Naquela noite, fosse onde fosse, eu estaria com Peter.

— Subamos por aqui — ele medisse, apontando uma rua. — Sou dono de... Mas você embarca mesmo esta noite de regresso a São Paulo?

— Sim, e pelo que vejo devo deixá-lo, segundo logo para a estação, pois o arem deverá sair às 4...

— Subamos, ainda há tempo. Você conhece ou pelo menos já ouviu falar aqui do... Sim, você me disse conhecer mais ou menos o lugar...

Começo a inquietar-me com as palavras entrecortadas do pintor, mas, ainda assim, encho-me de um grande interesse pelas suas revelações.

— Já estamos perto e tenho certeza de que não se arrependerá da caminhada. Vou mostrar-lhe o meu museu — acrescentou, orgulhoso.

— Fica aqui na ladeira? — interrogo-o, convicto.

— Sim, no chalé verde.

Não tive palavras com que responder. Senti-me atônito, extasiado pela oportunidade fortuita que se me oferecia. Com um simples menear da cabeça, porém, permito ao meu interlocutor continuar:

— Por fora, certamente, já o viu muitas vezes. Mas o seu interior...

— Como, amigo, se a casa nunca se abre!

— Desde alguns anos, quando adquiri para ele a sua preciosidade mais rara, trago assim, fechado.

— Parece-me bastante estranho o seu museu, sr. Peter.

— Acha?

— Pelo menos muito diferente de outras instituições congêneres, onde as prendas mais raras são as mais expostas.

— Se a conhecesse, então se a possuísse, por certo pensaria de outra forma. Você vai vê-la daqui a pouco e dará sua opinião. É um legítimo modelo, de linhas perfeitas.

Estamos quase chegando ao chalé. São mais de 2 horas de uma noite fria e escura. Eu, que aos poucos conseguira controlar minhas emoções, começo outra vez a me inquietar. Que estranho espécime seria aquele? Envolvem-me sombras e mistérios. Visões de tempos idos ocupam minha imaginação. Mas já entramos na parte final do percurso e Peter bate ao meu ombro:

— Devo apanhar a valise ali e pode seguir, se é que não vai enganar-se com a casa. A estas horas o portão já deve estar aberto, e espere-me lá pelo jardim.

A noite fechada, quase não me permite precisar a direção tomada pelo meu estranho companheiro. Acompanho seu vulto que se confunde logo com o matagal vizinho e fico pensando onde teria encontrado o esconderijo.

Sigo só, agora menos apressado. Parece que o menino de outros tempos quer vencer o homem. Intimida-me a certeza de, por mais alguns momentos, estar dentro da casa assombrada. Parece-me que um fio de gelo percorre vagorosamente a minha espinha, mas procuro resistir o quanto posso à sensação. E Peter que não chega? Já estou diante do portão. Abro-o sem maior esforço e, dentro do jardim, acendo um fósforo e vejo ainda, nítida e bela, a mesma figura de outrora, arrematando o repuxo. Por que esta demora de Peter? Volto a espreitar a ladeira, entro de novo. Enerva-me o cri-cri dos grilos; o rumor dos ramos nas árvores torna ainda mais ansiosa esta espera. Sigo para a varanda, tateante como um cego, embora o olhar me esfuzile, desvairado. Procuro conter o próprio ofego ao aproximar-se da porta, e — oh surpresa das surpresas! — há luz no interior da casa. Assesto bem o olhar, afino todos os meus sentidos e nem sei que percepções recebo primeiro.

Rocagar de sédas, exalar de perfumes, ruídos de vozes, duas vozes que vinham de dentro, uma sonante, harmoniosa e clara, e outra a resingar palavras incompreensíveis como se fossem de uma velha e feia criatura.

Noto entreaberta a porta da ante-sala, naturalmente para Peter que a esta hora deveria entrar. Encho-me de coragem e penetro no primeiro salão, mal iluminado pela luz que vem dos cômodos contíguos. Tenho desejos de tocar os vultos que me cercam, examiná-los, mas dou os primeiros passos e avisto, deslumbrado, a grande reliquia do museu de Peter: uma mulher belíssima, de formas tão perfeitas como jamais vi outro modelo no meu curso de escultura. Estava vestida de rosa, a cor do amor, trazia uma flor nos cabelos e pude ver um livro em seu regaço. Não fiquei sabendo se lia ou se cismava à toa, da distância em que a contemplava, mas ouvi palavras de muita ternura de seus lábios que traduziam desejos de amor... Tive ímpetos de caminhar em seu encontro, destruir as paredes de cristal da alcova, varas as pesadas cortinas de damasco para estar a seus pés. Mas pensei em Peter.

Aquêles momentos de amor lhe pertencia. Saí desvairado, ouvindo o apito do meu trem que dava sinal de partida. Já na estação, olhei para trás e vi que um homem me acenava, aos gritos:

— Volte, volte, vamos ver a reliquia!

ILUSTRAÇÃO DE OSVALDO DA CUNHA
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA

NAS TELAS

"VENUS, DEUSA DO AMOR" — Cotação para a película: fraquinha. Cotação para Ava Gardner: ótima!

"O PROSCRITO" — "Western" de classe, apresentando o volumoso busto de Jane Russell.

"CINCO ROSTOS DE MULHER" — O azar é que aparece também o rosto de Arturo de Cordova.

"NUMA ILHA COM VOCE" — "Maillots" de Esther Williams, nariz de Jimmy Durante, orquestra de Cugat, danças de Montalban-Charisse, tudo em technicolor. Se gostam...

"INFERNO DOS TRÓPICOS" — O grandalhão, John Wayne ama a franzina Laraine Day, enquanto constrói uma ferrovia...

"ELE E A SEREIA" — William Powell fica todo bôbo quando encontra Ann Blyth fantasiada de sereia. Imaginem se ela não tivesse aquelas escamas a cobrir-lhe as pernas...

"UM DIA NA VIDA" — Poesia e lirismo dentro da tragédia (comentado detalhadamente em número anterior).

★

POR VIA AÉREA

Acabou de ser confirmada a notícia de que David O. Selznick vem de fechar contrato com a Telefilms do Brasil Ltda. para a distribuição de suas películas no Brasil, por intermédio dessa novel companhia. Já se acham aqui, três grandes celatôides desse conhecido produtor de Hollywood: "Duelo ao Sol", o famoso technicolor de Gregory Peck e Jennifer Jones, "O Retrato de Jennie", também de Jennifer Jones, e "The Paradine Case", sob a direção de Alfred Hitchcock, prontos a serem entregues ao público muito breve. Independente dessas grandes realizações bem como outras produções de Selznick, a Telefilms tem ainda a distribuição no Brasil de películas italianas, americanas e inglesas, que são distribuídas para a América Latina pela Foreign Screen Corporation, com escritórios nos Estados Unidos.

★

Samuel Goldwyn acaba de anunciar que planejara este ano uma película com o título de "The Goldwyn Girls", e que será uma revista musical em technicolor.

Embora não se tenha discutido a respeito dos artistas que hão de figurar no elenco dessa produção, nem mesmo a respeito de outros detalhes, supõe-se que o filme contará a história das famosas belezas que integram o grupo de artistas organizado pelo sr. Goldwyn, apresentado pela primeira vez, há 18 anos, na revista musical "Whoopee". Desde então, as Belezas de Goldwyn, as Goldwyn Girls, têm tomado parte principal em todas as películas musicais de Danny Kaye e Eddie Cantor. Calcula-se que a presença das jovens artistas em cada produção musical de Goldwyn vale mais do que um milhão de dólares na bilheteria dos teatros.

Nos últimos anos, essas Belezas de Goldwyn têm viajado pela Europa e pelas Américas, realizando espetáculos que representam a mais extensa campanha de relações públicas na história do cinema. Até a data presente, as Goldwyn Girls percorreram mais de 75 mil quilômetros e visitaram mais de 250 cidades.

Entre as mais celebradas Belezas de Goldwyn que se destacaram na carreira cinematográfica, podem contar-se Betty Grable, Lucille Ball, Virginia Mayo, Laraine Day, Jinx Falkenburg, e Virginia Bruce.

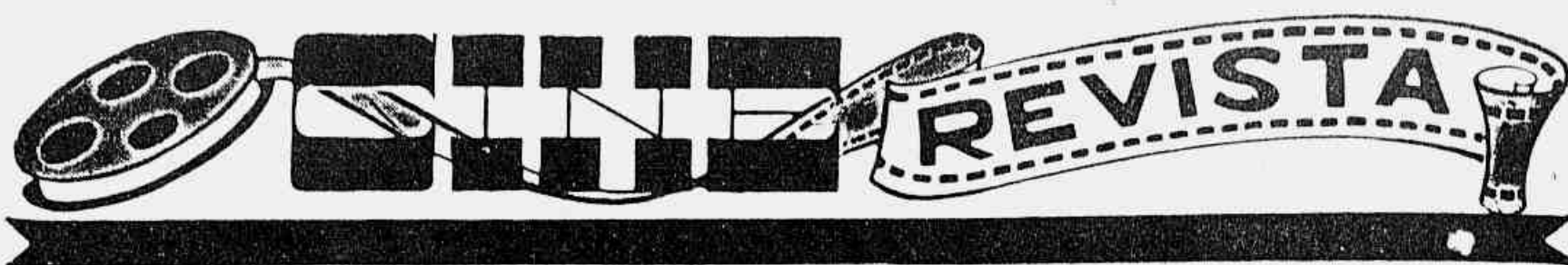
★

O simpático e discreto Paul Henreid acaba de assinar contrato com o produtor Hal Wallis, para atuar ao lado de Burt Lancaster, Corinne Calvet (a importação francesa que faz seu "debut" em Hollywood), Claude Rains e Peter Lorre, em "Rope And Sand", filme que, pelo seu ambiente exótico, está destinado a fazer furor.

★

"Buttons and Bows", canção fenômeno que é uma das sensações do filme technicolor de Bob Hope e Jane Russell, "O Valente Treme-Treme", há mais de dez semanas tem encabeçado a lista das "melhores" na Hit Parade.

Com isso, "Buttons and Bows" continua sendo a música mais vendida nos Estados Unidos, no que diz respeito a discos, partes de piano e partituras, e também a mais tocada no rádio, "night-clubs", e eletrolas públicas.



Por LEON ELIACHAR

SESSÃO ESPECIAL

TRÁGICA PERSEGUIÇÃO

(«CACCIA TRAGICA» — LUX MAR-FILMES)



Um novo diretor: Giuseppe de Santis



Violento e brutal

NÃO sou partidário de uma opinião corrente que se vem formando, de que toda película italiana reveste-se de um realismo que torna o seu cinema o melhor e mais sincero de todo o mundo. Acredito em todos os cinemas — francês, inglês, americano, mexicano, russo, alemão, sueco — desde que esses cinemas tenham bons diretores para orientarem suas realizações. O tão apregoadado realismo do cinema italiano deve-se, em parte, ao tema que caracteriza suas obras mais recentes: as consequências da guerra — abordando graves problemas de ordem social. Todavia, o cunho naturalista que adquirem suas películas deve-se, em sua totalidade, aos diretores de valor, formados dentro da escola neo-realista de Blasetti, Lattuada, Sicca, Zampa, Rossellini e outros mais que vêm surgindo com o seu desenvolvimento, como acontece agora com a estréia de Giuseppe de Santis, diretor de "Caccia tragica".

A Itália ainda vive as angústias e as misérias do pós-guerra; isso se reflete perfeitamente nas suas produções cinematográficas. Ferida mortalmente pela catástrofe, debate-se violentamente para a reconstrução não só de seu solo como do moral de sua gente. "Trágica Perseguição", tendo, embora, um "back-ground" de fundo social, nos leva ao campo, longe das cidades, onde se organizam Cooperativas, capazes de restituir aos camponeses os seus afazeres habituais, conseguir emprego para todos, pois aquela gente pobre e humilde só deseja que lhes dê trabalho para sustentar a mulher e os filhos. Nada mais querem para serem felizes. Todavia, há os gananciosos, os que, por fraqueza de espírito ou por deslocamento total, deixam-se atrair pela cobiça do lucro fácil e desonesto, formando grupos de salteadores, para conseguir a riqueza no mínimo espaço de tempo possível. E é justamente um desses grupos, formado de uma ex-espia alemã e de alguns traidores italianos, que o filme focaliza, descoberto e perseguido pelos próprios camponeses durante toda a película. Em sua fuga desesperada, após um assalto, os fugitivos empregam toda a violência e sangue-frio que o seu egoísmo mórbido traz à tona. O argumento, portanto, não deixa, não obstante focalizar um tema político-social, de ser uma história de mocinho e bandido. O que se tem a louvar na película é a direção magnífica do estreante Giuseppe de Santis, que dá tonalidades escuras ao violento drama. Em verdade, Giuseppe não tem a experiência de um Blasetti, que penetra com a câmera no íntimo dos personagens, para um estudo de caracteres mais profundo e detalhado. O seu valor, indiscutível, reside justamente na cruza como expõe os fatos, na imparcialidade da narrativa. Lembrando um pouco a rudeza de Hathaway, sua força é uma força externa, as cenas são focalizadas cruelmente, e, em alguns momentos, exalta-se, e sente-se, nas cenas apresentadas, os vestígios de uma revolta íntima, estampada na violência e na brutalidade dos acontecimentos. Com grande visão cinematográfica, Giuseppe sabe construir as cenas, sabe encaminhar o assunto com habilidade, dando uma unidade ao conjunto, dentro de um ritmo forte e palpante. Por vezes, de Santis estabelece paralelos verdadeiramente admiráveis, como na cena em que a objetiva fixa, a um só tempo, o interior de uma residência, sem parede, onde entram, num ar de mistério, algumas pessoas cobertas com máscaras. Não se sabe perfeitamente o desfêcho daquela cena, como ignora-se, por outro lado, o destino daquelas terras, vistas através da parede derrubada. Raramente a câmera se detém, e há, por isso, muito movimento, porque a própria câmera sente-se agitada, nervosa, deslocada diante da rudeza dos personagens, uma rudeza externa, como já disse, exposta na figuração dos atos bárbaros de seus personagens, de vez que Giuseppe não possui, ainda, o dom de revelar o interior dos mesmos, o que, certamente, aumentaria enormemente o valor do espetáculo. Apenas um personagem deixa transparecer o seu íntimo, denunciando a sua revolta, a confusão total de seus pensamentos, praticando crimes quase que contra sua própria vontade, atos verdadeiramente contrários aos seus princípios, segundo nos faz crer o argumento, a fim de torná-lo mais simpático ao público. A medida que a descrição avança, mais se acentua essa confusão, e lhe renascem, lentamente, os sentimentos primitivos, ofuscados pela crueldade da guerra, pela ganância que havia tomado conta de seu cérebro, levando-o a unir-se a um bando de criminosos. No entanto, a despeito dessa ausência de estudo psicológico dos personagens e do contorno hábil no que concerne à realidade do enredo, a película ganha uma estranha força e consegue o realismo característico das modernas obras italianas, pela descrição vigorosa do novo diretor, que entra, assim, de forma brilhante, para a galeria dos valores do moderno cinema da península. Após a cena do assalto, onde são praticadas duas mortes violentas: o rapto da pequena recém-casada, ameaçada de morte a cada instante; o delírio do ferido, dentro da ambulância que serve de refúgio aos assaltantes, e que terminam por jogá-lo fora do carro em movimento, impiedosamente, uma das cenas mais chocantes; o assassinio da ex-espia pelo próprio amante, Giuseppe parece que desabafou todo o seu ódio, e impede, no final, que a população do campo massacre o infeliz traidor capturado, e a vida recomeça, serena e feliz, enquanto o jovem se afasta da câmera. E já não se sente a miséria do povo, porque a sua verdadeira riqueza é a paz e a tranquilidade — sem ódios nem ressentimentos...

Intérpretes: Vivi Gioi, Andrea Checchi, Carla Del Poggio, Vittorio Duse e Massimo Girotti. Muito boa a fotografia de Otello Martelli.

DISNEY, O INCANSÁVEL!

TRÊS PRODUÇÕES EM PREPARO ★ UMA VIAGEM À GRÃ-BRETANHA ★ "ILHA DO TESOURO", A MAIS RECENTE EXPERIÊNCIA DO GÊNIO DO TECNICOLOR

Roy Disney, Presidente de "Walt Disney Productions", e Ned E. Depinet, Presidente da RKO Radio Pictures, anunciaram que chegaram a um acordo, segundo o qual a RKO fará a distribuição das três próximas produções do estúdio de Disney.

De particular interesse é também o anúncio de que Walt Disney irá à Grã-Bretanha no verão deste ano para dirigir, pessoalmente, a produção de uma película baseada na novela clássica "Ilha do Tesouro", do escritor Robert Louis Stevenson. Esse filme significa mais uma etapa na carreira de Walt Disney, porque será sua primeira produção de um filme com por cento feito com cenas representadas. Em outras palavras, será um filme todo feito com atores, sem nenhum desenho animado. Produção em technicolor, essa realização vai ser também a primeira que Walt Disney leva a efeito fora dos Estados Unidos.

A segunda dos três filmes de Disney que a RKO distribuirá tem como tema um personagem clássico de literatura, mas da literatura norte-americana. Seu título provisório é "Ichabod and Mr. Toad". Ichabod Crane é o herói do conto folclórico de Washington Irving sobre o "Cavaleiro Sem Cabeça", da série "The Legend of Sleepy Hollow". Bing Crosby narra a parte de "Ichabod" e canta três canções; e "Mr. Toad" será narrado por Basil Rathbone. A película será de longa metragem, e toda em desenhos animados, em technicolor. Essa produção será distribuída antes das outras.



A terceira produção de Disney também será um filme de desenhos animados em technicolor: "Cinderela", talvez a mais encantadora das histórias infantis em todo o mundo, esperando-se que esteja pronta para a distribuição, nos Estados Unidos, na época de Natal.

O acordo realizado entre Disney e a RKO Radio marca o 13.º aniversário das relações de amizade entre o estúdio de Disney e a Companhia, relações essas que têm tido o maior sucesso, desde a produção e distribuição de "Branca de Neve", que iniciou a realização de fitas de desenho animado de grande metragem batendo todos os records de afluência de espectadores, em todo o mundo. Depois de "Branca de Neve", apareceu uma série de grandes películas dos Estúdios Walt Disney, destacando-se entre elas: "Pinóquio"; "Fantasia", outro marco no progresso da arte cinematográfica; "Três Cavaleiros", em que Disney iniciou a combinação de desenhos animados e cenas representadas, ao mesmo tempo introduzindo, pela primeira vez, personagens da América Latina, como Zé Carioca. Ao todo, a RKO lançou, com sucesso, 12 filmes de longa metragem de Disney, além de inúmeros filmes curtos, com Mickey Mouse, Donald Duck, Goofy etc. O acordo ora levado a efeito é para a décima terceira, para a décima quarta e para a décima quinta das produções de Walt Disney.

O sr. Roy Disney, o sr. Depinet, juntamente com o sr. William Levy, gerente mundial de vendas dos Estúdios de Walt Disney, e Phill Reisman, Vice-Presidente da RKO Rádio, encarregado das distribuições da Companhia no estrangeiro, manifestaram sua grande satisfação com a assinatura do acordo, para a distribuição dos três grandes filmes de Disney, a cargo da RKO, acordo que simboliza a feliz continuação das relações entre as duas entidades cinematográficas, como demonstra a popularidade cada vez maior das produções de Walt Disney, em todo o mundo.



O sr. Van Johnson, a sra. Van Johnson e a senhorita Van Johnson (Schnyler), que nasceu no dia 6 de janeiro de 1948. Estamos em 1949, mas a família continua muito feliz e unida. Em tempo: a senhorita Van Johnson não tem sardas; tem sardinhas... (Foto Metro)

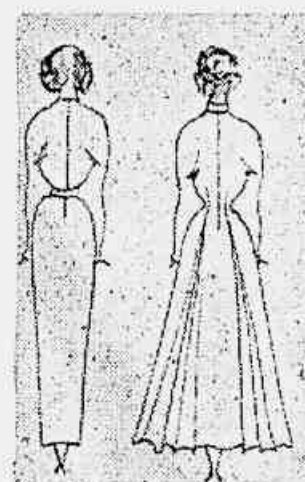
FLAGRANTES

Carmen Miranda e Jane Powell, que trabalham juntas em "O Príncipe Encantado", da Metro-Goldwyn-Mayer, ficaram muito amigas. E como é costume entre as mulheres, "um amorzinho de chapéu" foi o pretexto para o começo da camaradagem...





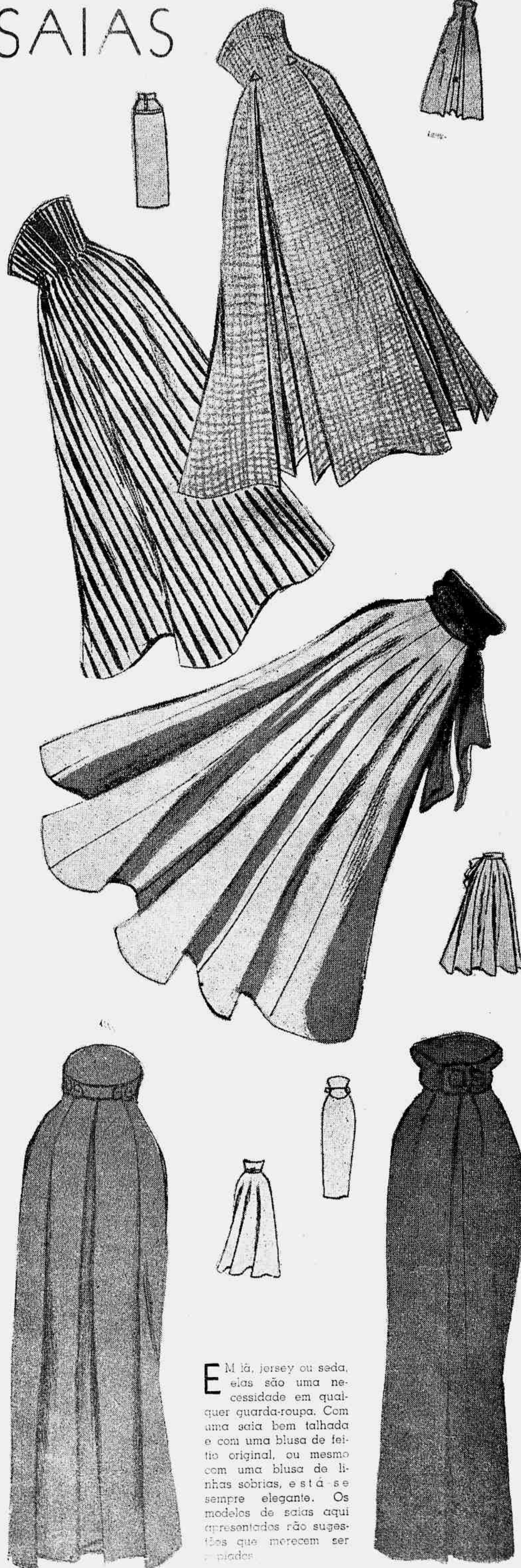
Variar não é difícil quando se tem bom gosto e imaginação. Vejam por exemplo o que se pôde obter com êsses dois modelos simples, executados em seda preta e que se transformam de um momento para outro, numa "toilette" inteiramente diversa.



SUGESTÕES

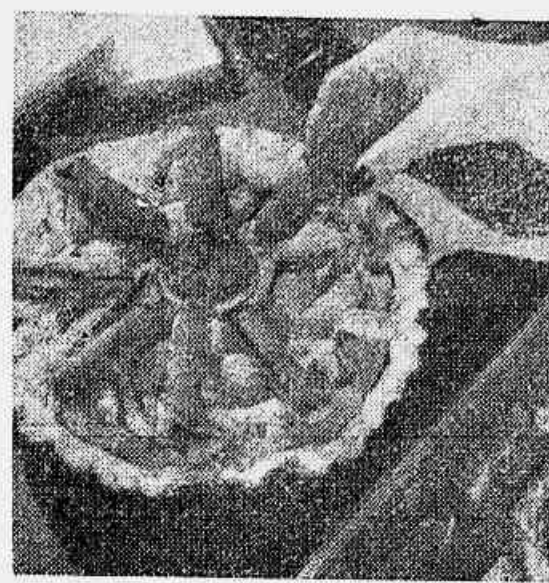
PARA VOCÊS

SAIAS



EM lã, jersey ou seda, elas são uma necessidade em qualquer guarda-roupa. Com uma saia bem talhada e com uma blusa de feitiço original, ou mesmo com uma blusa de linhas sobrias, está-se sempre elegante. Os modelos de saias aqui apresentados não sugerem que mereçam ser copiados.

Week-end NA COZINHA



Uma arrumação cuidadosa dos pratos farão com que eles se tornem mais agradáveis à vista e pareçam mais saborosos.

FELJÃO MANTEIGA COM MANTEIGA

Tome 250 gs. de feijão manteiga e leve a cozinhar em bastante água e sal. Quando estiverem bem macios, escorra a água e leve o feijão ao fogo numa caçarola com uma colher de manteiga e um pouco de salsa picadinha e frita e 1 pitada de pimenta. Passe um pouco e sirva.

BATATA COM MOLHO BLANQUETTE

Leve a cozinhar 24 batatas pequenas com casca, depois descasque-as e deite no molho Blanquette quando juntar as cebolas.

MOLHO BLANQUETTE

Cozinhe ligeiramente 24 cebolas bem pequeninas e passe em manteiga quente. Leve ao fogo uma colher de manteiga e outra de farinha, toste ligeiramente, molhe com 3 xícaras de leite, junte as cebolas, leve a engrossar e adicione 2 ovos cozidos e picados.

BOLINHOS DE XÍCARA

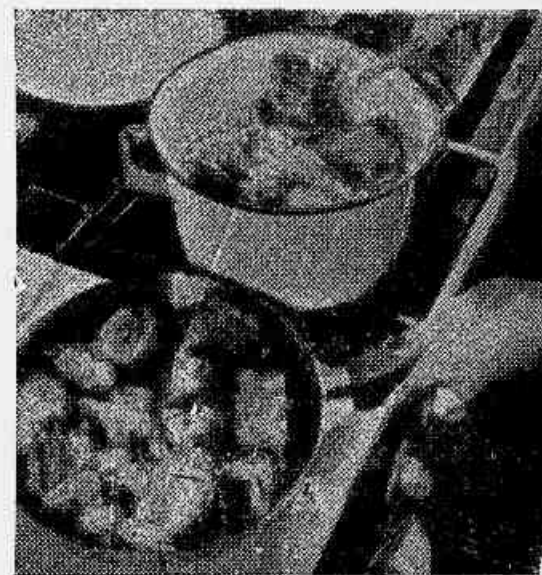
Tôdas as medidas rasas — Bata uma xícara de manteiga com 2 de açúcar, junte 4 ovos batidos 1 xícara de leite e 3½ xícaras de farinha peneiradas com 1 colher de Royal. Deite em forminhas redondas, altas, untadas e leve a assar no forno. Prontos, passe glaze por cima.

BISCOITOS INGLESES

Amasse 300 gs. de farinha de trigo, 200 de açúcar e 200 de manteiga. Abra com o rôlo até ½ cm. corte em rodinhas e leve a assar em forno brando.

BONS-BOCADOS DE LEITE DE CÔCO

Faça uma calda grossa com 400 grs. de açúcar. Depois de fria junte 6 gemas, 3 claras, o leite



Um guisado de carneiro, completará bem qualquer menu elegante

de 1 côco, 50 grs. de farinha, 1 colher de manteiga derretida e leve a assar no forno em forminhas untadas.

DOCE DE AMENDÔAS

Faça uma calda com duas xícaras de açúcar, junte 3 gemas, 100 grs. de amendoas moídas e leve ao fogo só até ferver.



Arranjo de mesa para dia de festa ou para a celebração de uma data íntima...

A PEQUENA ARLETE... Oh, destino cruel! Por que escolheu você esta indefesa criaturinha de apenas 6 anos de idade, para doar-lhe a humilhação, o desespero, a fome e a miséria, como partes integrantes de sua existência? Ela é tão pequenina e fraca que talvez nem alcance a metade do íngreme caminho da vida, que mal começa a despontar para o mundo.

Toda vez que a encontro sentada no meio do gramado infecto — pois é adubado com lixo — daquele terreno baldio que está situado à entrada do Bairro de Fátima, tão elegante e pitoresco, sinto-me inútil e mesquinha, por não poder fazer nada muito embora já tenha tentado várias vezes. Ali, em companhia de uma irmãzinha menor, ela passa o tempo procurando entre os entulhos de lixo, latas de conserva vazias, um brinquedo, um brinquedo que foi desprezado pelas crianças mais favorecidas pela sorte; enfim outra qualquer coisa que, para os pequeninos seres estranhos ao conforto e aos desejos satisfeitos, é sempre um motivo de grande felicidade...

Todavia, Arlete, o imaculado botão que num esforço sobre-humano tenta desabrochar no lodo, está atualmente me causando sérias preocupações. É uma menina esperta — precoce demais para a sua idade. A mãe, uma desnaturada e inconsciente do drama pavoroso a que está expondo aquela inocente criança, acredita que nada possa fazer para evitar a desgraça que, mais cedo ou mais tarde, desfechará o seu golpe certo em mais uma vítima.

O local em que vegetam Arlete e sua família está infestado de malandros — embora desconheça as razões que a prefeitura alega para conservar incólume semelhante antro, em pleno centro da cidade — e, confesso que é justamente este, o motivo que em demasia me preocupa. Ontem quando dirigia-me para o ponto do bonde — precisamos em frente ao terreno baldio — assisti horrorizada uma cena que estava se passando com a pequena Arlete. Para muitos e mormente para a própria mãe, aquilo talvez nada significasse. Entretanto, para mim, oh, Santo Deus, que pensamentos angustiosos assaltaram a minha pobre cabeça! Numa touceira de capim, um preto — um bêbado inveterado, conhecido pela criança do bairro, pelo nome de Tarzan — de cara cínica e ruim, estava deitado tendo ao lado aquela inocente criaturinha. Ora, acariciava-lhe a cabeça, ora, alisava-lhe ou, antes, maculava-lhe o pequeno rosto. Percebi, no seu olhar congestionado, a mesquinhez dos seus sentimentos e de um relance pude concluir a tragédia que se anunciava. Intercedi, pois, não me era possível suportar por mais tempo semelhante barbaridade. Todavia, em determinadas ocasiões a inocência das crianças nos dói profundamente! Arlete, levantando-se de um pulo, chegou perto de mim, exibiu, num lindo sorriso, uma fileira de dentinhos muito brancos e disse-me simplesmente: — "A gente tava brincando... o Tarzan é tão bonzinho... olhe aqui o que ele me deu" — e mostrou-me na palma da mãozinha suja uma moeda de dez centavos! Por que, por que meu Deus, há de pagar esta inocente criança um preço tão alto, pela dose de maldade existente no coração de uma mãe desnaturada e irresponsável?

O preto ergueu-se nos cotovelos e meio rouco balbuciou: — "Arlete, minha pequena, vem cá"...

Pequei-a pela mão e disse-lhe que não fôsse. Ela, porém, reagiu e quase gritando falou: — "Vou sim, mamãe não se incomoda que eu brinque com ele!"...

Deu uma carreira e amparada pelo véu da inocência que, se Deus não proteger, cedo se partirá, foi se deitar ao lado do bêbado e monstruoso "Tarzan". Desesperada, sem poder fazer coisa alguma, segui o meu destino.

Todavia, a todos que chegarem a ler esta crônica, residentes no Distrito Federal, que possuam meios para salvar de um destino cruel esta infeliz criança de apenas 6 anos de idade, dirijo um apêlo: arranjem um colégio ou orfanato, onde ela possa ser internada para receber a formação moral, tão necessária para vencermos o duro e longo caminho desta vida, que para muitos é demasiadamente ingrata. **Qualquer auxílio ou sugestão neste sentido, enviem para a redação desta revista, à Rua Maranguape n. 15 — Lapa — Nesta. E, desde já, os meus sinceros agradecimentos.**

RESPONDENDO... a Marga — Juiz de Fora — Minas.

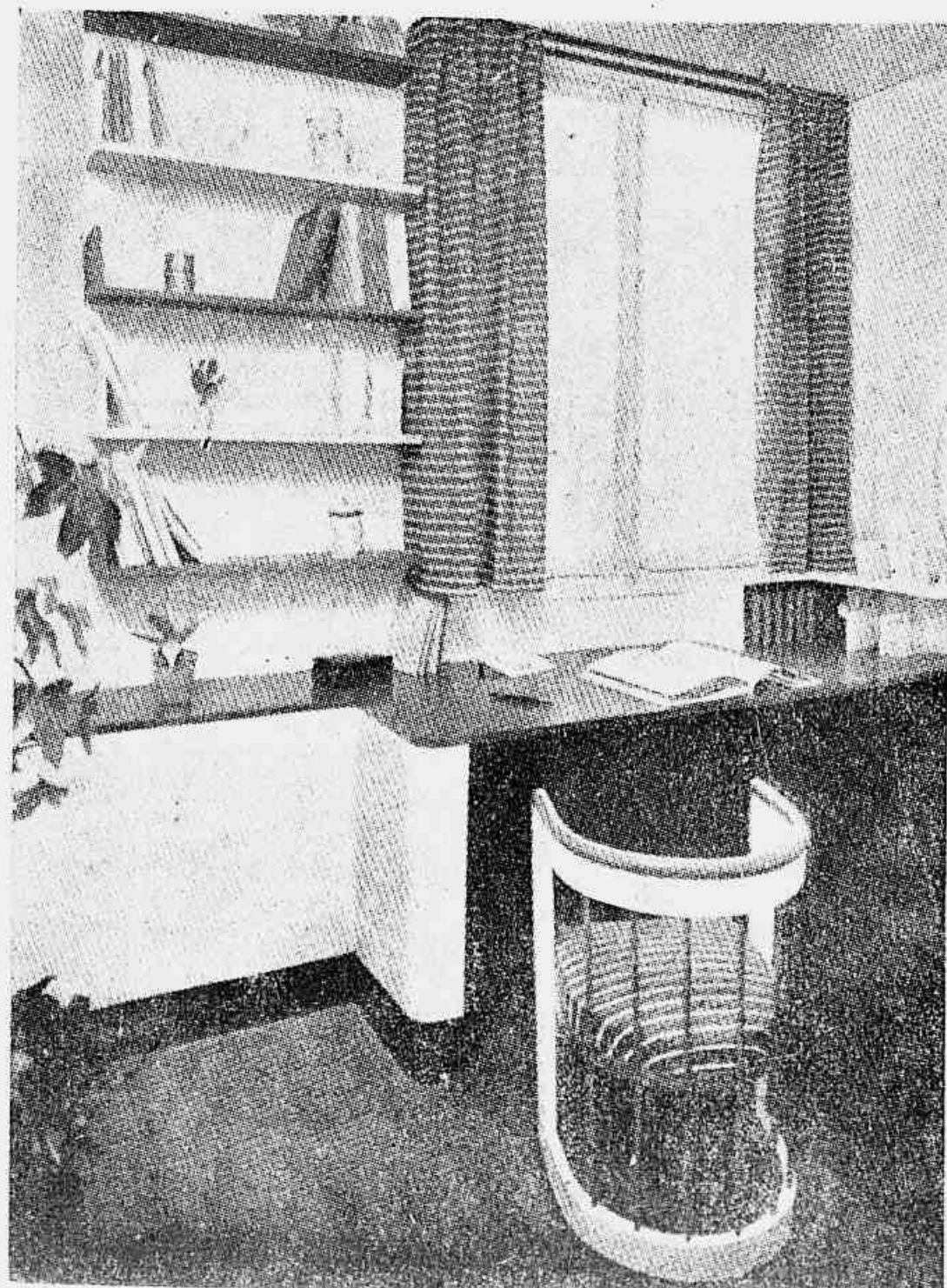
Vejamos o seu caso Marga: Você, — usando as suas próprias palavras — é uma viúva jovem, inteligente e bonita, já possuiu recursos, porém, perdeu tudo. Ama e é amada por alguém que não é livre e pretende casar-se com um homem mais velho do que você muito embora não o ame. No entanto, ele é rico e você acredita sacrificar-se simplesmente porque gosta do conforto que a fortuna proporciona.

Marga, estou certa, que não é aconselhável o caminho que você está inclinada a tomar. Se assim você proceder, não sacrificará somente a si própria, mas, também a esse homem, que tudo lhe pode oferecer, menos a felicidade que jamais se comprará com o dinheiro. Bonita e inteligente como diz ser, não lhe será difícil realizar um casamento livre de interesses materiais e plenamente feliz. Espere Marga, espere, mais um pouco...



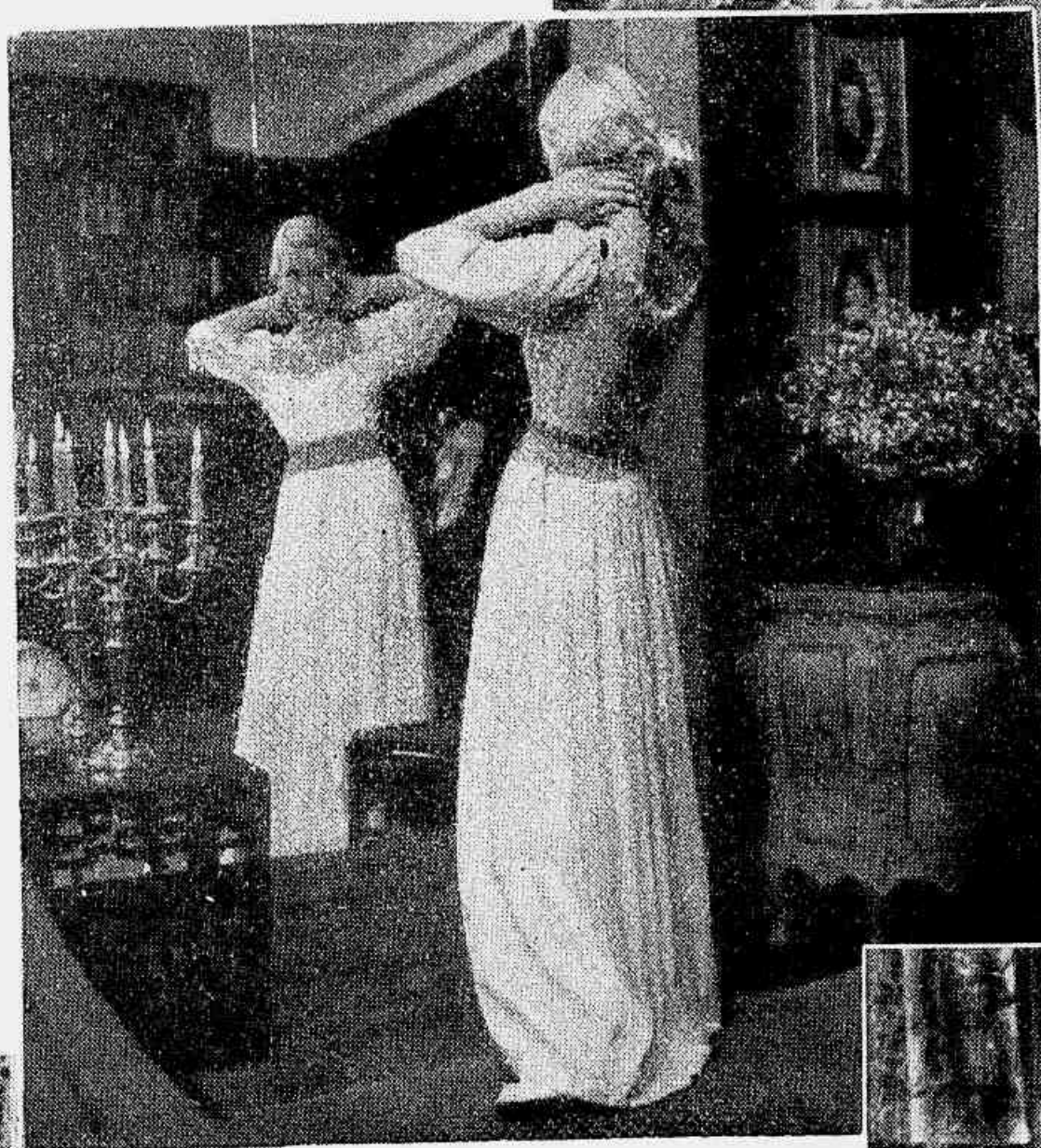
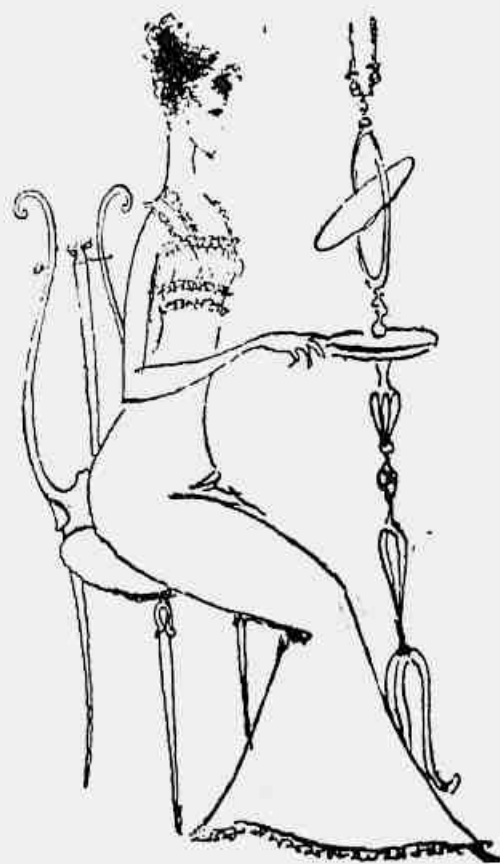
INTERIORES

O escritório que temos em casa, não deverá obedecer, necessariamente às regras gerais de um escritório. Aqui, a imaginação e o bom gosto poderão criar coisas originais e ambientes elegantes onde o trabalho venha até a constituir um prazer. Não é preciso também que sejam suntuosos para serem confortáveis, como indicam os três exemplos aqui indicados. Em todos, as linhas são simples e harmônicas, notando-se a preocupação de fazer de uma coisa austera, uma coisa alegre, leve e elegante.

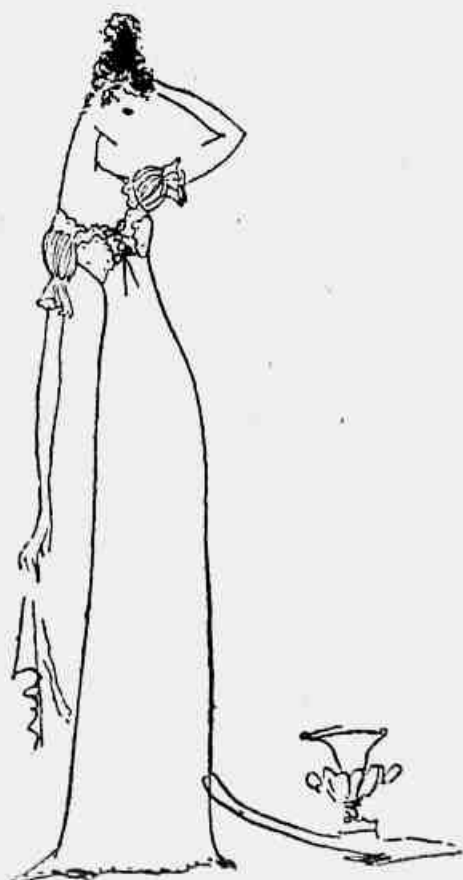




Intimidade



PRA você, jovem recém-casada, ou para você que compreende a importância do arranjo da mulher dentro do lar, na intimidade, eis algumas sugestões para "robes", alguns executados em tafetá, outros em lã e outros em jersey de seda. Qualquer um deles é uma recomendação à sua elegância.

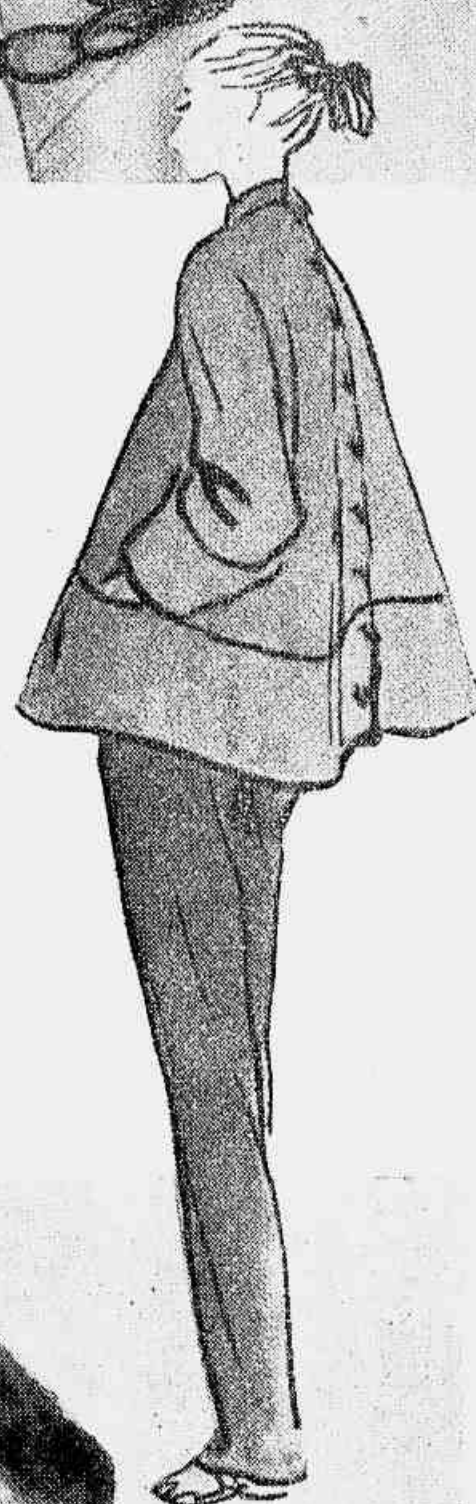




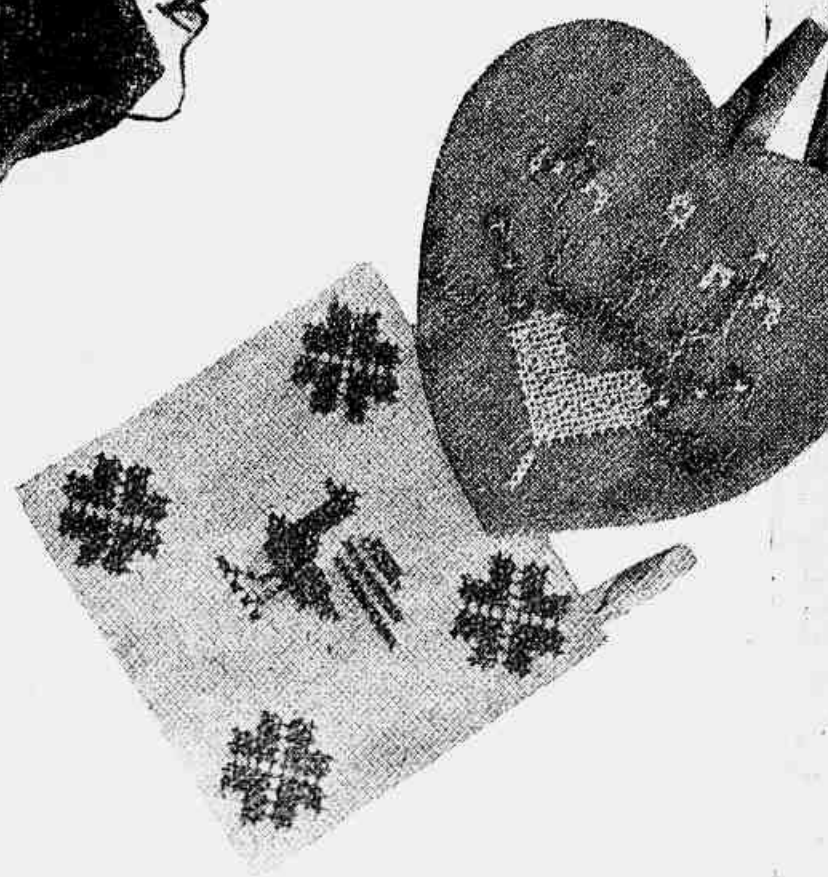
Rico colar de ouro com "elips", brincos iguais, em formato de coração. ★ Schiaparelli garante de um grande laço de cetim preto e branco, um "tailleur" de veludo preto. ★ Um pé de galinha, feito em metal dourado, prende corrente ao redor do pescoço

DETALHES E NOVIDADES

Luvax esportivas em pelica com parte em camurça aplicada com ponto de casear. ★ Para usar em casa, pijama com calças justas e casaco estilo mandarim. ★ Sweater de malha, verde esmeralda, com franzidos ao redor da gola

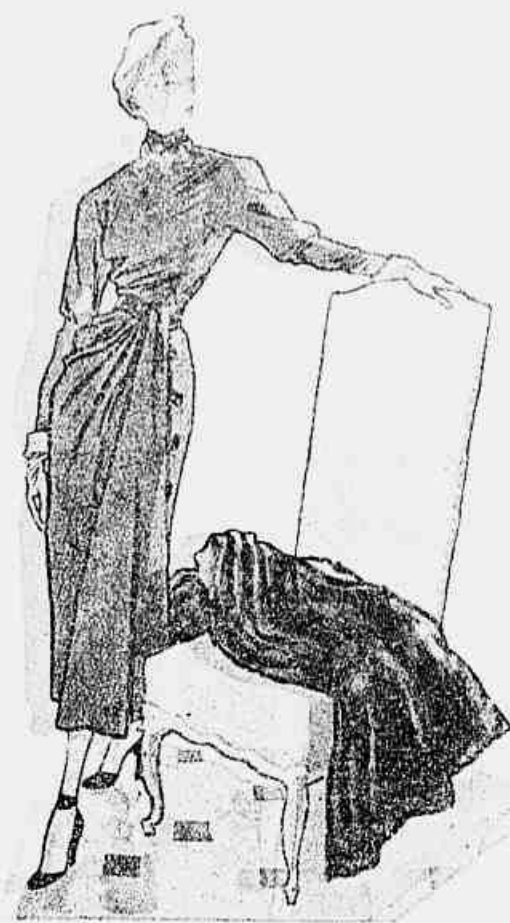


Elegantíssimo chapéu de veludo negro, guardado de pelo. ★ Duas bolsas práticas e econômicas que você mesma poderá fazer





Só porque chove, não vá você sacrificar a sua elegância. Não há necessidade de só usar roupas velhas e calçados já um tanto estragados, tudo o que é preciso, é usar as coisas adequadas. Esse detalhe não escapa aos costureiros franceses que, de vez em quando lançam modelos originais para os dias de chuva, inclusive acessórios, como aqui se vê.

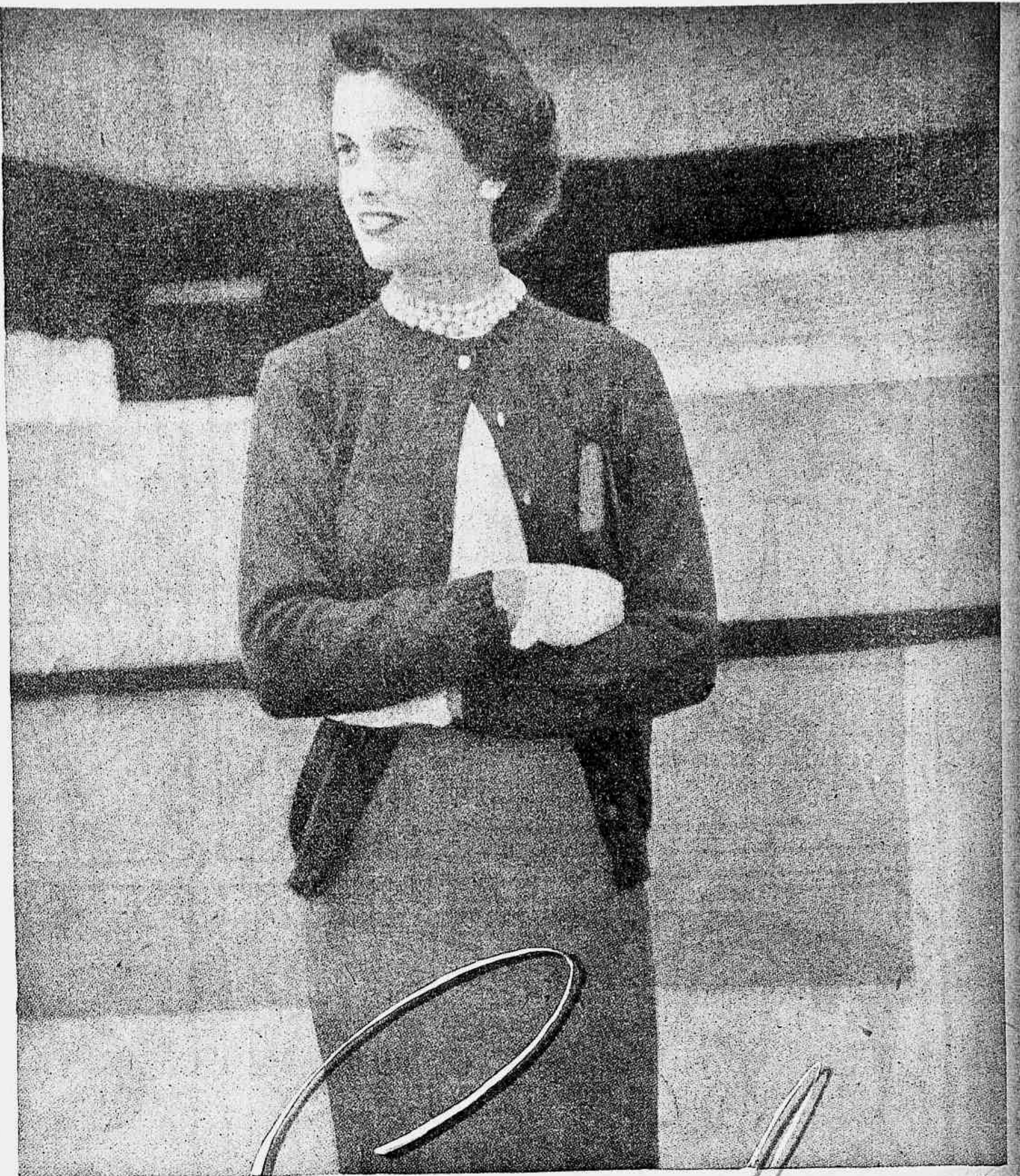


DEPOIS DAS CINCO



Em cima, da esquerda para a direita: Em veludo preto é o modelo de Marcelle Chaumont, com echarpe em tafetá listrado verde e preto. ★ Modelo de Balenciaga, em veludo negro, saia composta de dois babados. ★ Também Jeanne Lafaurie escolheu o veludo para esse "tailleur" com grandes bolsos e largos punhos em tom contrastante. ★ De Pierre Clarence, modelo em jersey de seda preta com drapeado passando sobre o cinto. Grande botões do lado oposto. Em baixo: De Marcel Rochas, modelo em cetim brocado, saia pregueada, fita de veludo enfiada, terminando em laço atrás. ★ Também de Marcel Rochas, é o "tailleur" em veludo negro, de linhas sóbrias, acentuando, ligeiramente, os quadris.



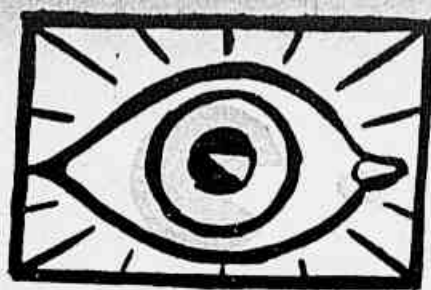


gente

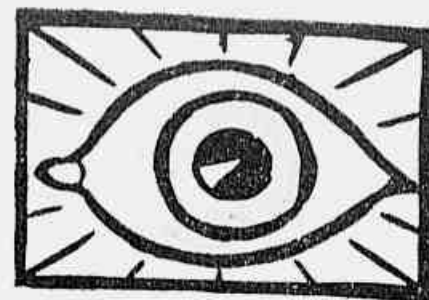
NOVA

PARA gente nova, a moda é simples e graciosa. Usam-se as "sweaters" e os "cardigans" em tons vivos, os tecidos quadriculados, os pequeninos chapéus. Aqui, algumas sugestões de como andar rigorosamente em dia com a moda, aos dezesseis anos.





OLTO MAGICO



AS FAVELAS

— Não adianta, general, querer tapear os turistas cá em baixo, enquanto houver essa triste exibição lá em cima!



PIOROU MUITO...

— Que teria dito o Dutra quando passou o governo?
— Atrás de mim virá quem bonito me fará...



FAZENDO MÉDIA

Ademar — Se a história é uma viagem ao estrangeiro, eu também vou a Boston.



PARA INGLÊS NÃO VER...

— Não viram as pedras?!
— Nem tudo que temos é para inglês ver...



OU OITO OU OITENTA

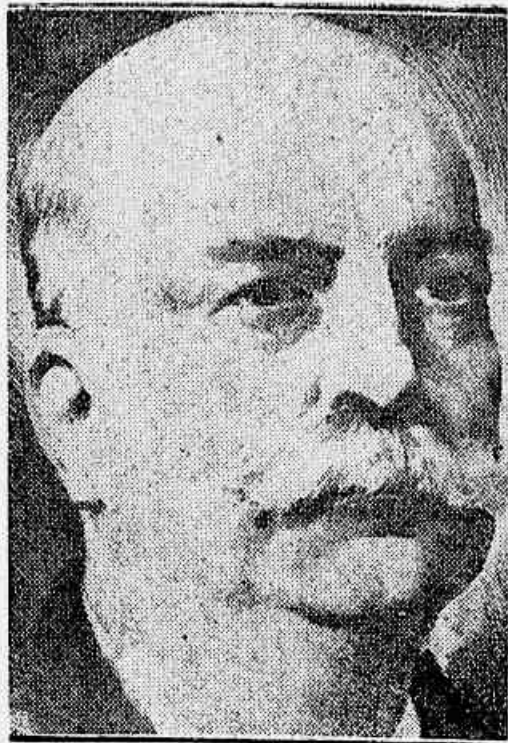
O Serviço Contra as Sêcas do Ceará está socorrendo as vítimas das inundações...



GENTE DE CIRCO

O clown — Precisamos fazer alguma coisa pelo Barreto Pinto, para que não se diga que a classe dos palhaços é desunida!

A HABILIDADE DE RIO BRANCO



Barão do Rio Branco

O barão do Rio Branco era um grande escritor, dedicando-se, especialmente à literatura histórica. Entre suas maiores afeições, estavam os jornalistas, aos quais dedicava sincera amizade, tantas provas deu desse afeto. Muitos intelectuais privavam de sua convivência. Dentre vários deles, contavam-se Euclides da Cunha, Leão Veloso, Alcino Guanabara, Laet, Bilac, Medeiros e Albuquerque, etc.

Era natural que, em tão culto e vivaz meio, muitos episódios interessantes sucedessem. Rio Branco, certa vez, estava na entrosagem para o desfecho de uma séria questão política de aspecto internacional e muito importante. Como sempre sucedia, mantinha tais casos no mais completo segredo. Mas, quando já estava seguro da vitória, certo do êxito diplomático, chamava a um canto um desses amigos da imprensa e soprava que todos os esforços seriam em vão estando o caso absolutamente perdido.

O Barão fingia estar desanimado, desiludido. Com aquela grande habilidade, solicitava, em segredo a um outro que escrevesse alguns artigos sobre o provável desventurado desfecho do caso de maneira que não se viesse causar desagrado no espírito público com a mais triste impressão. Em seguida chamava um outro amigo da imprensa e lhe narrava a coisa em termos e finalmente completamente diversa da que já aplicara aos dois primeiros, mas, pedindo a cada um que guardasse o mais absoluto sigilo... Se aos primeiros dissera uma coisa, a este terceiro fizera ver que a vitória era certa, absolutamente certa.

Era evidente que, com tantas sementes plantadas na seara da curiosidade

jornalística, cada qual dando um fruto, os amigos se atacassem pelas colunas da imprensa, numa confusão tremenda... A essa batalha assistia ele de camarote, procurando apaziguar, conciliando, reconciliando, mostrando-se também muito admirado de tanta confusão...

O Barão do Rio Branco, era, em verdade, um grande espírito, um dos maiores intelectuais que já teve este país. Cultura, talento e o mais profundo conhecimento da natureza humana...

O ALMANAQUE DE GOTHA

Anuncia-se o desaparecimento desse famoso almanaque, célebre registro e armorial da aristocracia que já contava cerca de dois séculos de existência. Desde muito, seus pequenos e grossos volumes luxuosamente encadernados, tinham um caráter rigorosamente objetivo, como qualquer outro manual de genealogia. No início, porém, publicava esse almanaque uma série de conhecimentos úteis, inclusive receitas culinárias, bem como uma curiosa coleção de modelos de declaração de amor entre diversos povos. O almanaque tomou seu nome da cidade alemã de Gotha, e sua primeira edição foi em 1763.

SUPERSTIÇÕES NA INGLATERRA

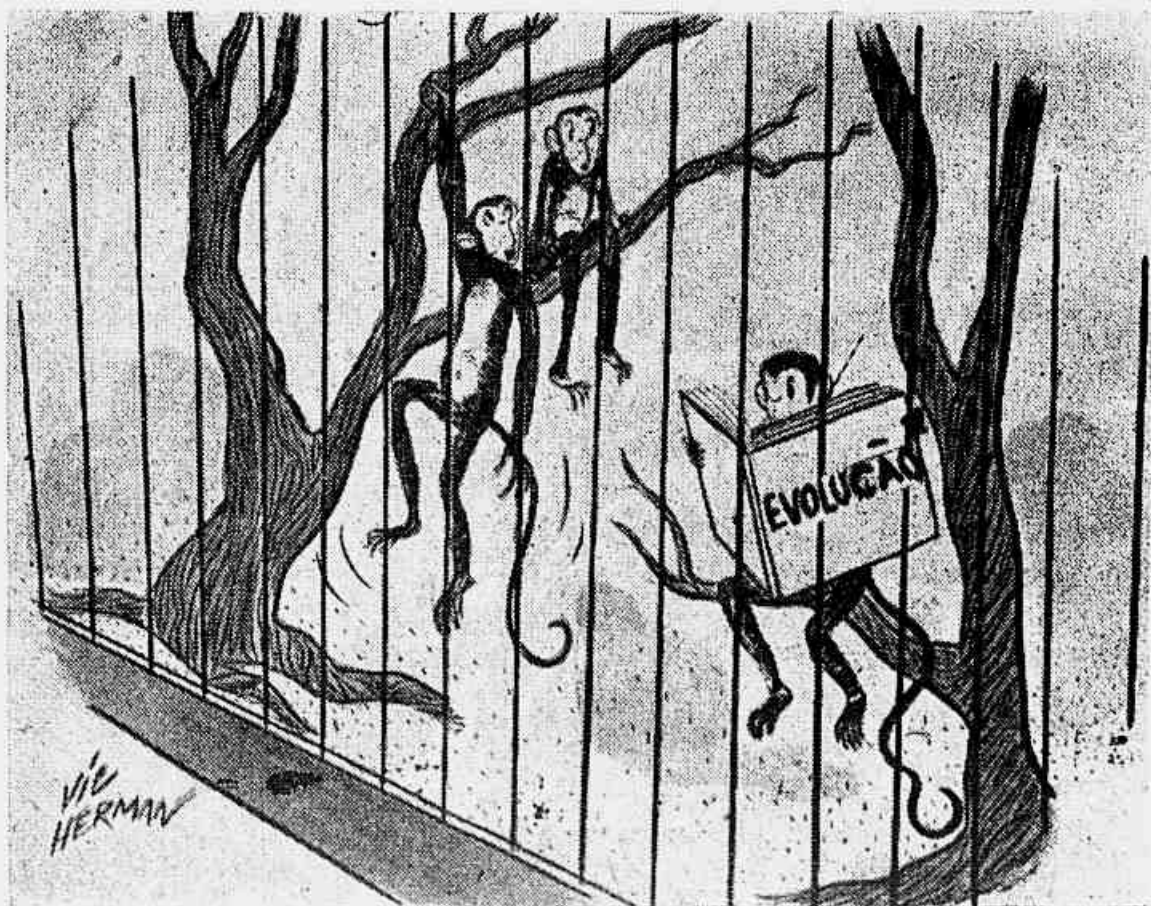
Quando se diz que é na Inglaterra onde se nota o maior número de crenças entre o povo, muitos duvidam, por tratar-se de uma nação civilizada. Pois fiquem sabendo que, para tirar a teima, o pesquisador E. M. Radford acaba de publicar em sua "Enciclopédia de Superstições" uma lista de nada menos de 2.300 crenças naquele país. Num confronto paralelo com outros povos, anota o autor fatos parecidos ou semelhantes a tais superstições entre o povo inglês.

EPIGRAMAS DE QUINTINO CUNHA

O nome lateiro desse grande poeta repentista de inigualável genialidade, era José Quintino da Cunha. Nasceu no Ceará em 1875 e morreu em Fortaleza, em 1943. Orador poeta, jornalista, advogado, possuía uma prosa fluente, encantadora, pontilhada de ditos espirituosos, por vezes, transformados em agudas farpas...

Uma vez, tendo sua segunda esposa revelado que seria capaz de morrer de desgosto se viesse a ficar viúva Quintino não perdeu o ensejo e escreveu, incontinentemente uma poesia sob o nome de "Spes Unica" (Única esperança), que findava assim:

"Para evitar essa hora amargurada,
Esse quadro de dor tão verdadeiro,
Deus há de ser servido, minha
[amada,
Que tu morras primeiro..."



— Que é que ele está lendo?
— Uma história trágica...



Flagrante colhido pela objetiva da nossa reportagem na Matriz da Glória, durante o enlace matrimonial do Cônsul Gil Guilherme Mendes de Moraes, filho do Prefeito Angelo Mendes de Moraes e de sua Exma. Sra. D. Débora Mendes de Moraes, com a Srta. Maria Alice Granado Paranhos, filha do Dr. Mário da Rocha Paranhos e de sua Exma. esposa, D. Maria Judith Granado Paranhos. Foram padrinhos do noivo o Embaixador Osvaldo Aranha e sua Exma. Senhora, e da noiva o Sr. Jorge Latour e D. Judith Granado Paranhos



Fotografia tomada por ocasião do enlace matrimonial da Senhorita Nelly Maria Alexandre Lima com o 2.º Tenente Alberto Oracio de Paula Hage realizado no dia 9 de abril próximo passado nesta capital



Flagrante da encantadora festa do aniversário de José Augusto, filho do alto funcionário da Fazenda, Sr. Dr. Aloisio Gadelha e Melo e Caery Gadelha e Melo



*Gosto dos teus lábios assim...
com o novo baton Van Ess*

criado especialmente para a mulher brasileira!

Os lábios se tornam ainda mais sedutores e irresistíveis, quando realçados com o novo baton Van Ess — "Rose". Doçura inesquecível... Harmonia de cores... Van Ess é o baton perfeito! Acentue ainda mais a beleza dos seus lábios, com uma das lindas cores Van Ess.



Adquira hoje o seu VANESS em novo estojo de gala!

MINHA JANGADA DE BAMBU

UM ROMANCE DE AMOR, DE RENÚNCIA, DE PAIXÃO ATRAVÉS DA HISTÓRIA DIVERTIDA DE UMA CRIANÇA.

FOLCLORE DO NORDESTE, COM O CARNAVAL E O SEU ENTRUDO DOS COMEÇOS DO SÉCULO, OS PASTORIS, AS "SENTINELAS" AOS MORTOS.

O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLÉRO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU

DE RENATO DE ALENCAR É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS OS BRASILEIROS.

Preço: Cr\$ 25,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Visc. de Maranguape n.º 15 — Lapa — Rio de Janeiro

A DENÚNCIA DO VESTIDO...

(Cont. do número anterior)

pelo fato de não ter dado resultado o seu plano? Nem sei, nem procurarei apurar nada...

— Nós nos entregaremos a essa tarefa, fique certa, madame.

Depois de ligeiro silêncio, ela murmurou:

— Não sejam impiedosos... Ela é ainda tão jovem!

Alguns instantes mais tarde, deixei o Comissariado de Polícia e saí pela rua inteiramente fora de mim mesmo. Andei a perambular durante muito tempo, completamente indiferente à gente que se me atravessava à frente ou que me dava esbarros, sob um sol escaldante cujos raios pareciam setas de fogo a ofuscar-me a vista. Duas interrogações me perseguiam sem tréguas: seria Odile a mulher vampiro de que falara a viúva do coronel? Teria sido Odile a assassina do coronel Simon? E, confesso: dessas duas terríveis interrogações, a primeira me torturava muito mais...

A fadiga, a fome me detiveram os passos à toa e eu regressei ao meu apartamento. Logo que ali cheguei, o meu ordenança me comunicou que Odile me havia telefonado e pedia que fosse vê-la em sua residência. Decidi, desde logo, que não devia ir vê-la em seu domicílio. Sem dúvida — pensei com os meus botões — deseja ela servir-se de mim para fugir às suas responsabilidades, pois que ela sabia que o meu depoimento era de valor inestimável. Mas eu não podia contraditar-me a mim próprio, não podia mentir. Esta a verdade. Assim, seria melhor evitar os seus olhares tão tristes. O melhor seria afastar-me de sua voz, a voz daquela pobre pequena tão triste que me havia dito naquela noite do baile: "Ninguém me espera, ninguém notará minha presença..."

Entretanto, ao cair da noite, eis-me batendo à porta da residência de Odile... Era uma casa de aspecto oriental, sombria e fresca como um lago nas montanhas. A velha judia, que me pareceu ser a proprietária da mesma, me guiou os passos, depois de lançar-me um olhar de suspeição, até ao quarto em que vivia a pobre Odile. Quando entrei, estava ela deitada de bruços no leito, e a chorar. Parecia uma criança desconsolada, em soluços. Debrucei-me para ela e lhe acariciei a cabeça sem pronunciar uma só palavra. Durante muito tempo assim nos

mantivemos em meio da penumbra que envolvia o quarto. Os ecos de uma lancinante música chegavam, de quando em quando, aos nossos ouvidos. Por três vezes a sirene de um navio lançou aos ares o seu mugido surdo. Brusca-mente ela se ergueu, lançou-se contra meu peito e fitou-me com os seus olhos imersos em lágrimas. Eu não resisti e lhe cobri o rosto de beijos, sentindo em meus braços o perfume de seu corpo jovem e perfeito, completamente entregue à minha vontade.

— Roland... — balbuciou ela. — Roland... eu te amo!

Então mergulhei meu rosto nos seus cabelos e esqueci todos os meus temores...

Mas quando passou a embriaguez daquela paixão louca que nos havia jogado aos braços um do outro, eu me encontrei diante da mesma angustiosa dúvida, e lhe perguntei ansioso:

— Odile, não é verdade que foste vê-lo naquela noite, não é?

Ela baixou a cabeça, sem nada dizer-me.

— Fala... Eu te suplico! Odile, fala! Sofro por ver-te sob uma suspeita... Mas esta suspeita nada é diante da tortura que sinto quando penso que tu ali ias para...

Subitamente ela voltou a chorar encostando o rosto em meu peito, e falou entre soluços:

— Sim... eu fui vê-lo...

— Odile! És louca!

Num rápido impulso eu a afastei de mim quase com brutalidade.

Seu rosto ficou branco como a cera.

— Oh! Roland! Tu! Tu supões uma tão ignóbil coisa?...

E começou a falar tumultuariamente, sufocadamente, com frases entrecortadas, com voz arquejante, como se nem ao menos pudesse tomar fôlego:

— Sim, fui até lá porque ele me ameaçou até de perseguir-me se eu deixasse de ir vê-lo... E, mal entrava eu no seu gabinete, ele tentou... Oh! meu Deus! Tive que reagir, que enfrentá-la com decisão e energia. Peguei uma estatueta de mármore e joguei-lhe na cabeça. Ele ficou aturdido e eu, então, aproveitei o momento para fugir... Depois disso, de nada mais sei, e te juro que nunca houve entre nós qualquer intimidade. Eu te juro que não o matei...

Odile tomou as minhas mãos e as apertava nervosamente.

— Pode crer-me, Roland? Tu me crês?

— Sim... — respondi em voz baixa.

Mas quem respondia era apenas o meu coração. Aquelas duas perguntas lancinantes continuavam a voltar-me na cabeça, sem que eu pudesse dar-lhes uma resposta satisfatória e definitiva. E quando eu me dizia a mim mesmo: "Ela está inocente do assassinio do coronel, uma outra voz se levantava em meu íntimo e me segredava: "Sim, ela está inocente da morte e é preciso que a salves; mas foi ela uma amiguinha do assassinado...". E quando eu me acusava a mim próprio de leviano, quando me procurava entregar ao nosso amor, uma outra voz murmurava ao meu ouvido: "Você acabará por descobrir que ela fôra até lá para encontrar-se calmamente com ele, e estava usando aqueles vestido amarelo..."

Com a cabeça escondida entre as mãos a fim de evitar o angustioso olhar de Odile, procurei refletir. Mas foi em vão. Eu estava com a cabeça às tontas, sem poder fixar nada, indo e vindo como peteca, de uma tortura a outra...

Ao amanhecer, deixei sua morada. Ela parecia mais calma, como se estivesse resignada com o seu destino.

Depois disso, dois dias se passaram intermináveis. Enfim, fomos convidados para uma acareação geral. Esta começou em meu escritório. O inspetor pediu que eu precisasse exatamente o momento em que vislumbrei o vestido amarelo. Depois, passou a interrogar novamente Odile. Respondia ela com voz apenas perceptível. Aflito, eu estava absorvido por pensamentos tumultuosos e comecei a fixar persistentemente o tapete. Ao erguer a cabeça, meus olhos se puseram em Mme. Simon, que acabava de sentar-se diante de mim. Senti como que um raio de luz. Inspirado por um pensamento, corri ao detetive:

— Inspetor... queira sentar-se ali na minha cadeira — pedi-lhe eu em voz baixa. — Fixe o tapete durante alguns minutos e olhe em seguida para o chapéu de Madame Simon.

O inspetor fitou-me com certa surpresa, porém obedeceu. — Vê? — voltei eu. — Qual é a cor do chapéu de Madame?

(Continua na pág. 48)

ASSIM É O AMOR

(Continuação da pág. 22)

venal trabalhando com os animais. Não demorou muito que ele percebesse isso. Nas primeiras vezes não fez caso, deu-se até por distraído. Mas numa tarde em que ele estava azoradado, foi até o esconderijo da menina, agarrou o galho que a cobria e puxou com força, dizendo fingindo estar bravo:

— Por que a senhora vem me espiar todas as tardes?

— Ana Maria, ao ver-se surpreendida tão bruscamente, ficou ruborizada, titubeante, sem saber o que responder. Entreolharam-se mudos alguns minutos, até que ela cortou o silêncio:

— Venho espiar porque gosto.

— Gosta por que?

— Gosto porque... Gosto!

— E assim foi, moços. Dêse dia em diante não houve mais esconderijo nem distraído. Encontravam-se de propósito e conversavam de propósito. E vocês sabem o que é a mocidade, são moços como eu também já fui: Juvenal ficou cego de paixão pela moça — e quem não houvera com aquela graça e formosura? E o que foi pior ainda: Ana Maria ficou do mesmo jeito por ele.

— Entretanto, desgraça pouca é bobagem e o capêta quando quer fazer faz mesmo. Não sei que vento mau assoprou no ouvido de Damião Pereira o que se passava. O velho ficou furioso. Chamou o rapaz e disse-lhe uma porção de desaforos. Que sua filha não se casava com tropeiro amansador de chucros. E que ela já estava comprometida com um homem muito rico do lugar o qual Juvenal devia conhecer. Era o Otacildo Silveira. E uma infinidade de coisas mais. Juvenal não quis saber de mais nada. Acertou as contas com o homem e saiu, ficando proibido até de se aproximar daquela fazenda.

— Aquilo foi duro, gente. Era de se ver o rapaz chorar as mágoas aqui p'ra este vosso criado. Uma judiação, moços!

— Um dia veio aqui para despedir-se.

— Vou-me embora, "seu" Eufrásio. Já falei com meu irmão Juca e ele concordou, vim apertar sua mão de amigo.

— Eu ainda quis dar jeito nas coisas, dizendo que não se fosse, tudo passaria. Mas qual! Coração machucado de amor fica no lugar da cabeça e pensa por ela. Disse que ia e foi mesmo.

— E, conforme prometera a Ana Maria, iria arriscar a sorte, jurando voltar custasse o que custasse. Voltaria rico para fazê-la feliz e fez a moça jurar também que esperaria sua volta, e ela jurou.

— Entrementes, o velho Damião tramava seus planos com Otacildo Silveira. Este todos os dias passava pela fazenda do futuro sogro arrastando a asa pro lado da moça, com pleno consentimento do pai. Apesar de ser feio e bem maduro para Ana Maria, era rico mesmo o diabo. Só a dinheirama que costumava carregar na algibeira dava para comprar três fazendas iguais à do Damião.

— E assim foi até que um dia Damião chamou a filha e disse o que queria e sentia. Ela devia casar-se com Otacildo e pronto. E aquele, eu bem que sei, quando pedia mandava e estava acabado. Não aceitava resposta contra.

— Ana Maria conhecia bem o gênio do pai. Não respondeu nada. Foi curtindo a tristeza com ela mesma, na esperança de que voltasse Juvenal em tempo. Quanto sofreu aquela pobre alma!

— Os tempos se foram passando. Quase um ano e nada de voltar o Juvenal.

— Uma tarde apareceu aqui neste mesmo botequim o sr. Damião. Vinha dar-me a notícia de que sua filha ia casar-se no próximo sábado e fazia gosto que eu fosse e levasse alguns amigos. Eu aqui comigo até estremeci mas não disse nada. Aceitei o convite e agradeci.

— Chegou o sábado marcado. Esperei a noitinha. Fechei a minha casa e convidei o Juca p'ra me fazer companhia. Ele não queria ir. Pensava no seu irmão. Onde andaria nesta hora o pobre? Mas devido à minha insistência concordou em ir também. Estávamos já de saída quando ouvimos um tropel de galope. Pronto! — pensei eu — lá vem um forasteiro. Tenho de abrir o botequim outra vez porque vai parar aqui na certa. Ficamos esperando, mas o cavaleiro passou por nós como uma bala num belo alazão, levantando um poe-

rão danado na estrada. Não fosse o barulho, o cavalo estava voando. Conhecemo-lo, porém. Sabem quem era? O Juvenal, em carne e osso. Pelo jeito, disse o Juca, meu irmão não está bom e vai direitinho pela estrada da fazenda do Damião. Precisamos ir depressa pois tenho um pressentimento mau.

— Saímos quase correndo. Chegamos na casa grande da fazenda e lá estava o Juvenal cumprimentando os conhecidos. Entramos bem no momento em que ele estava felicitando os noivos. O cabra Otacildo amarelou cuspidando raiva pelos olhos. Agarrou o braço de Ana Maria que estava branca como o próprio vestido, puxando-a para ti, enciumado.

— Juvenal quando nos viu, veio até nós meio sem jeito. — Olá, "seu" Eufrásio! Eh! mano, como vão as forças? — Ele sorria. Um sorriso frio, fingido, como quem sorri por sorrir, sem gosto, sem alegria.

— Quisemos levá-lo dali. Mas quem diz! Não houve jeito. Quis ficar e quis ficar.

— A sala estava cheia de gente. Os músicos chegaram e começaram as danças.

— De repente se ouviu um estalo longo, em seguida Ana Maria cambaleou e caiu. Otacildo dera-lhe um tapa, dizendo: "Você já é minha. Não adianta olhar mais não, lindura dos infernos. Vira essa cara p'ra cá. Nunca viu tropeiro de esporas?". Aquilo de tropeiro era para o Juvenal, o único que estava de esporas na sala. Este nessa hora — foi pôr fogo na fervera — não se aguentou e gritou com força que parassem o baile. Depois, dirigindo-se a Otacildo:

— Quem bate em mulher não presta, "seu" moço. Bate em homem. Vamos ver quem é o tropeiro já. — Seus olhos relampeavam de ódio. O pessoal compreendeu aquelas palavras. Era pé de briga. Puro desafio. O outro avançou coçando a cinta dum lado.

— Juvenal recuou, encostando-se na parede, ficando bem debaixo do lampião grande que iluminava a sala num pisca-pisca como se estivesse também na expectativa do desfêcho. Ergueu os braços e agarrou o lume atirando-o pela janela fora. Aquilo foi grito por todo lado. A sala ficou vazia. Somente na escuridão os dois corpos que se debatiam numa luta de morte.

— Juca estava a meu lado e vira como eu o último movimento de Otacildo antes de chegar no Juvenal. Escapou de mim correndo em direção aos vultos. E era como tínhamos pensado: o homem coçou a cinta para tirar a lapiana que tinha palmo e meio pouco mais, pois o Juca correu em defesa do irmão quando vimos ela riscar a treva como corisco num céu de noite chuvosa, alumiando de cima p'ra baixo e de baixo p'ra cima. Correu porque sabia que Juvenal não tinha arma.

— De onde eu estava, mal se distinguia os três vultos que se juntavam, separavam e se juntavam novamente formando um só. Mas ouvia-se bem o resfolegar cansado de quem estava lutando. Num momento em que os três vultos se juntaram, a lapiana riscou o escuro de baixo p'ra cima e sumiu... Um grito doloroso, estranho, rouco, se ouviu como de quem está se afogando. Alguém estava estrebuchando no chão. Eu então corri para fora. Não queria testemunhar.

— No dia seguinte a notícia que cortava o coração se espalhava por toda a redondeza: Juca na briga conseguira tirar a faca de Otacildo e, na escuridão, afogado, rasgou a barriga de baixo até em cima do próprio irmão, sem saber.

— Andou sumido desde então. Uns dizem que esteve preso. Outros, que andou metido pelo mato feito bicho. Eu não sei. Só sei que quando apareceu, apareceu assim como está — meio bobo, meio gira.

Cada dia, há mais Kolynos-istas*



Xavier Cugat

O famoso diretor de orquestra e violinista, também é Kolynos-ista, porque tem que sorrir diante do público que o aclama, e sabe que dentes brilhantes embelezam o sorriso. As gravações de Xavier Cugat são apresentadas pela Columbia Record, Inc.



Seja Kolynos-ista
Conserva seus dentes divinos
Visite o dentista
Prefira Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais — comumente denominado sabão — neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, agindo contra as manchas, alcalinizando os dentes e limpando-os por completo. Por isso, Kolynos

limpa mais



Gosto de hortelã
e frescor de orvalho!

Três essências naturais produzem esse sabor refrescante e característico de Kolynos, agradável a todos os paladares. Por isso, todo o mundo diz que Kolynos

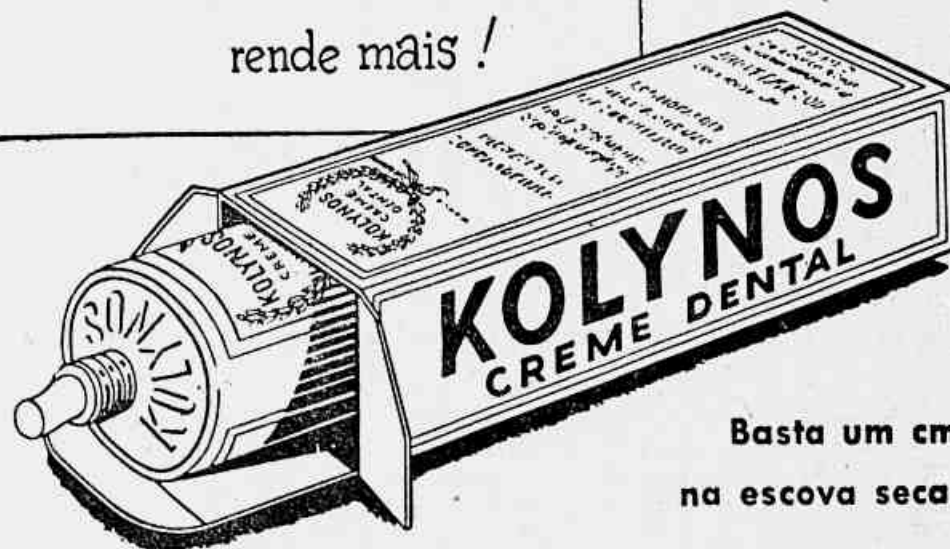
agrada mais



Em cada hora mais
de 1.359.949 Kolynos-istas limpam os
dentes com Kolynos!

E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!



Basta um cm
na escova seca.

*** USE KOLYNOS. SEJA TAMBÉM KOLYNOS-ISTA!**

TEATRO

JOSE FOMM

A PROPÓSITO DO FESTIVAL SHAKESPEARE LANÇADO PELO DIRETOR DO TEATRO DO ESTUDANTE, PASCHOAL CARLOS MAGNO, APRESENTAMOS AQUI UM PEQUENO RELATO SOBRE O SHAKESPEARE MEMORIAL THEATRE, EM STRATFORD-ON-AVON

MAIS de 250.000 pessoas de todas as partes da Inglaterra e do mundo são atraídas todos os anos para o Festival Shakespeare no Memorial Theatre, em Stratford-on-Avon. Este é o único e gracioso edifício idealmente construído às margens do rio Avon, que, circundado por lindos prados, jardins e terraços floridos dominando o rio, torna-se um quadro de rara beleza. Nenhuma visita à Inglaterra é completa sem que os visitantes tenham apreciado as pitorescas ruas de Stratford e visto ao menos uma peça no teatro dedicado ao maior dramaturgo inglês.

O Festival de Stratford, desde sua inauguração, têm-se estendido nos acontecimentos nacionais e estrangeiros, e o seu crescimento, de simples começo, é citado entre os mais românticos casos da história dos teatros.

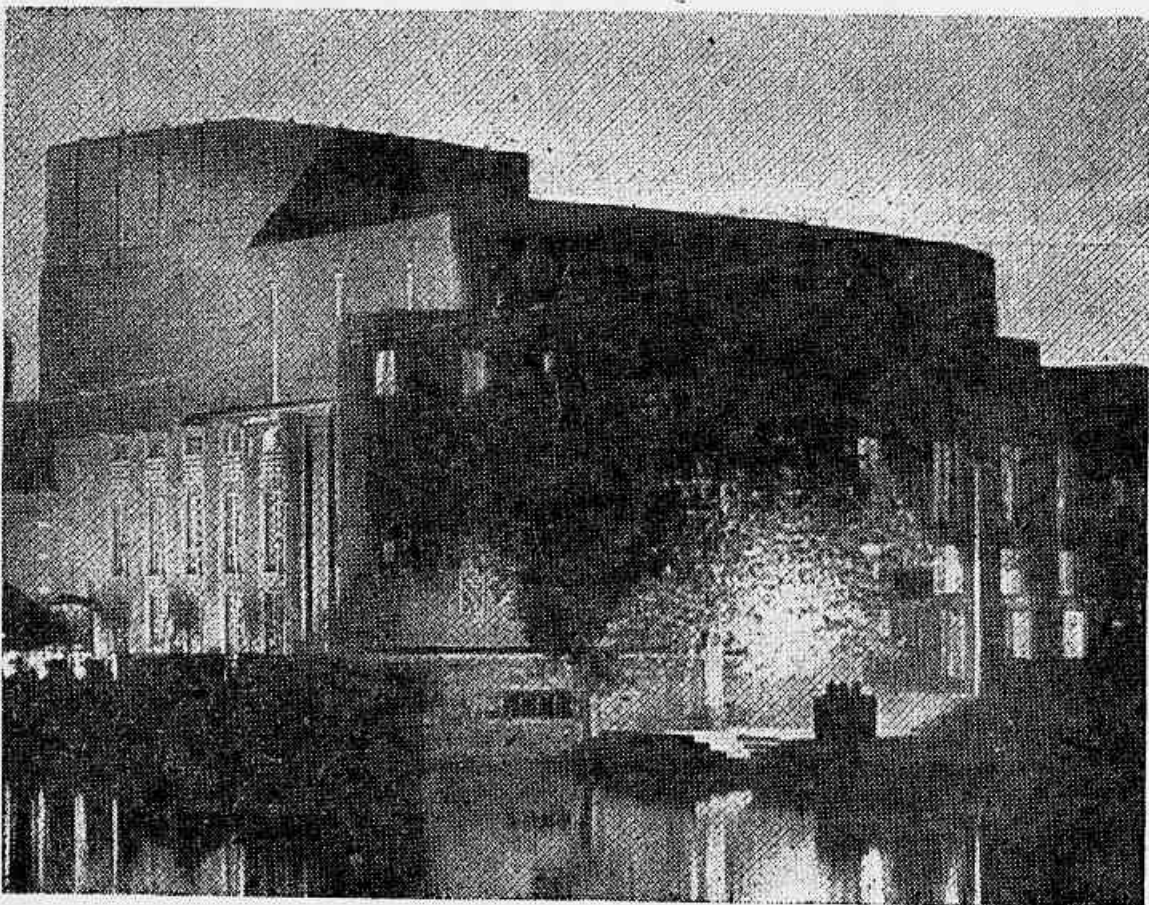
Charles Edward Flower, proeminente morador de Stratford, tinha há muito idealizado a cidade como um centro de peregrinação dos devotos de Shakespeare, com o maior teatro de sua povoação. Em 1847 ele apresentou um esquema para a construção do teatro, ocupando dois acres às margens do Avon, o que foi motivo de zombarias, por parte de alguns cidadãos, contudo, Charles Flower não desanimou. Por ocasião do aniversário de Shakespeare, em 1879, o primeiro Memorial Theatre foi erguido, em estilo gótico. Desde esse ano os festivais vêm sendo realizados anualmente.

Em 1886, Frank Benson apresentou sua 1.ª temporada em Stratford e assim principiou uma história da associação entre o produtor e os festivais, quebrada apenas pela Cia. de Osmond Tearle (em 1889 e 1890) e pela Cia. de Ben Great (em 1895). Com Frank Benson advieram os áureos dias em Stratford. O mundo intelectual voltava-se em grande proporção aos Festivais e os espetáculos eram apresentados com casas lotadas. Tornava-se, assim, realidade o grande sonho de Charles Flower.

Durante os últimos anos da primeira Guerra Mundial o Memorial Theatre foi fechado, mas Benson retornou para a temporada de 1919 terminando sua longa associação no ano seguinte, isto é, em 1920. Pelos seus relevantes serviços ao Teatro Inglês, e particularmente a Stratford, Benson foi nomeado cavaleiro pelo rei George V.

Em 1925 o rei concede ao Memorial Theatre o privilégio de Incorporação Real. Em março de 1926 o velho teatro é devorado pelo fogo. O país inteiro abalou-se com o desastre, com exceção de Bernard Shaw, que declarou: "Estou muitíssimo contente de ouvir as novas; será uma ótima oportunidade para ter uma construção própria e moderna".

A perda do teatro não interrompeu o Festival; por seis anos foi realizado no Picture House, enquanto Archibald Flower dirigia uma campanha de fun-



O Shakespeare Memorial Theatre construído às margens do rio Avon

dos para a reconstrução. Foi inteiramente devido ao entusiasmo desse inglês, que aproximadamente 250.000 libras esterlinas foram arrecadadas pela campanha.

Em 1929 foi lançada a pedra fundamental e o novo teatro foi inaugurado pelo príncipe de Gales em 23 de abril de 1932.

Desde os primeiros dias, várias personalidades famosas do Teatro dirigiam os festivais anuais, mas em setembro de 1946 os governantes do teatro, por intermédio de seu representante Fordham Flower apontou Sir Barry Jackson para o 1.º diretor estável do Memorial Theatre, passando às suas mãos tanto a Companhia do Festival quanto a administração geral da casa. Assim, o teatro tornou-se autônomo, desenvolvendo fábricas e salas de costura para a própria manufatura de todos os cenários e costumes.

As duas 1.ªs temporadas de Sir Barry Jackson foram notáveis pelas brilhantes produções, incluindo um debatível "Romeo and Juliette", de Peter Brook; outro jovem, Michael Benthall, produziu um ligeiro e colorido "The Merchant of Venice"; Walter Hudd foi responsável por um magnífico "Richard III" com Robert Harrys como o rei; o jovem Paul Scofield destacou-se como um dos mais importantes atores atuais em uma série de representações.

Em 1948 o Festival comportou um total de 290.000 pessoas, representando para casas lotadas em todas as sessões. Muitas pessoas que desconheciam Shakespeare viram quase todas suas peças em apenas uma temporada.

Durante esse retumbante Festival foi representado "King John", "The Merchant of Venice", "Hamlet", "The Taming of the Shrew", brilhantemente produzidas por Michael Benthall. Anthony Quayle foi responsável por um lindo "Winter's Tale" e um movimentado "Troilus and Cressida", tão raramente apresentada; "Othello" constituiu um dos maiores sucessos do Festival com Godfrey Tearle como produtor e primeiro ator.

O "cast" compôs-se de Diana Wynyard, Robert Helpmann, Anthony Quayle, Ena Burrill, Esmond Knight e Paul Scofield, que superaram as expectativas.

Sir Barry Jackson foi sucedido na direção do Teatro por Anthony Quincey, cujas atividades no último festival como produtor e ator mereceram os aplausos de todos os frequentadores, e afirma-se que a temporada de 1948 foi um marco na história do Teatro Inglês.

A VIDA DE HAECKEL

(Continuação da pág. 7)

meçar o novo século, quando a evolução já adquirira certa respeitabilidade, um visitante da Universidade de Iena falou ao zelador sobre a popularidade das aulas de Haeckel. "Sim", respondeu o funcionário, "mas eu já vi o professor perseguido a pedradas ali por aquela rua". Quando pronunciava uma de suas primeiras conferências sobre o darwinismo perante numerosa assembleia de naturalistas, o auditório se levantou em péso e retirou-se, deixando-o a expor suas idéias numa sala vazia. Outra vez, quando foi tomar parte numa Convenção de Livres-Pensadores em Roma, o Papa ordenou uma "fumigação divina" de toda a cidade.

O nome de Haeckel era anátema em toda parte — exceto na pequena Universidade de Iena. Ali permaneceu ele cinquenta anos sem ser molestado. Mais de uma vez apresentou a sua demissão da universidade, a fim de que esta "se eximisse à pecha de abrigar um infiel". Mas o dr. Seebeck, chefe do conselho dirigente, sempre lhe recusava a demissão pedida. "Não gosto das suas idéias, e é por isso que faço questão da sua permanência aqui. Numa universidade pequena, o senhor só tem uma influência limitada. Numa universidade maior, poderia causar um mal considerável... Além disso, quanto mais o senhor envelhecer, menos radical se tornará".

E Haeckel envelhecia e se tornava mais radical — e continuava em Iena. Com o correr do tempo e a crescente popularidade de suas idéias, recebeu numerosas propostas de universidades maiores, com honorários mais atraentes. Mas recusou-as sempre. Ali em Iena, Goethe compusera alguns dos seus mais belos poemas líricos. Ali, Schiller havia ensinado história durante dez anos. E ele gostava do ambiente da cidade — das *liebe närrische Nest*, com as suas ruas sinuosas calçadas de pedras redondas, as suas torres góticas, os jardins zinhos fragrantados e as casas bisbilhoteiras cujas empenas, como cabeças de comadres de touca vermelha frisada, se inclinavam umas para as outras "num cochichar perpétuo". Acima de tudo, amava as Montanhas Turingias que rodeavam a cidade, separando-a do tráfego e do ruído do mundo exterior. "Aqui, tenho tudo o que desejo, tudo o que possa precisar. Para que havia de pensar em desarraigar-me?".

Na tranquila concavidade desse vale aninhado sob a taça invertida do céu, Haeckel dava os seus longos passeios, pronunciava as suas palestras, escrevia os seus livros e esboçava um novo credo científico — "a religião irreligiosa do Monismo".

V

O Monismo de Haeckel é o Panteísmo de Spinoza traduzido na linguagem científica do século XIX. O Monismo (do grego *monos*, que quer dizer único, ou só) é a doutrina segundo a qual todo o universo constitui uma só unidade. Esta doutrina é o oposto da teoria dualística, segundo a qual o universo se compõe de duas partes — o Criador do Mundo e o Mundo Criado.

O mundo, de acordo com Haeckel, não foi criado por um Deus exterior. Resulta de "um vasto processo de evolução que se desenrolou por uma cadeia ininterrupta de transformações casualmente ligadas".

Nessa cadeia causal e ininterrupta de conexões, todas as plantas e animais formam uma única árvore genealógica, desde a célula primordial até o homem moderno.

A alma do homem não difere da alma dos animais inferiores. Tanto no homem como nos animais, a alma não é senão "o conjunto das funções cerebrais". Essas funções vivas do cérebro terminam com a morte, de modo que é absurdo — declara Haeckel — "acreditar na imortalidade pessoal da alma".

Assim como não existe alma separável do corpo do homem, assim também não existe Deus separado do corpo do universo. Deus é a totalidade da matéria e da energia — o corpo e o espírito — que formam a unidade indivisível da substância do mundo.

Até aqui, o lado teórico do Monismo. Relanceemos agora o olhar pelo seu lado prático. Na luta evolutiva pela existência — afirma Haeckel — a lei da competição entre os animais inferiores é substituída pela lei da cooperação entre os homens. O indivíduo humano pode sobreviver melhor pela aplicação do instinto social de mútua dependência. A forma de governo mais eficaz para a sociedade humana é a Nemoeracia — o império da justiça de

acôrdo com as leis da natureza. Essas leis da natureza, na sua aplicação ao comportamento humano, exigem o mútuo respeito das opiniões, a tolerância em matéria religiosa, e a liberdade de cada indivíduo até o ponto em que a sua liberdade colida com a dos outros indivíduos.

Esta concepção científica da ética humana aproxima Haeckel — e ele o reconhece — da concepção religiosa. Sumariando a "moralidade racional" de sua religião monística, ele, chega à conclusão de que "o homem, sendo um animal gregário (social), deve esforçar-se para alcançar o equilíbrio natural entre os dois impulsos diferentes — a exigência do egoísmo e a exigência do altruísmo. O princípio ético da Regra de Ouro expressou essa dupla obrigação há dois mil e quinhentos anos na máxima: *Faz aos outros o que desejarias que te fizessem*".

E assim deparamos em Haeckel o paradoxo de um homem que nega Deus e aceita Jesus. No fim de contas, Haeckel não era um livre-pensador, mas um pensador livre. Desvencilhado das algemas do preconceito, ele seguiu um novo caminho para o âmago do mistério do mundo. E encontrara ali a mesmíssima verdade que os profetas das antigas religiões haviam descoberto. Os velhos profetas diziam: "Deus é amor". Haeckel se limitava a parafrasear essa frase no aforismo científico: "A natureza é propícia às mais nobres aspirações do homem".

VI

A idade de sessenta e cinco anos, Haeckel condensou todo o seu pensamento científico e filosófico num único volume — *O Enigma do Universo*. A obra se tornou imediatamente um best-seller, e assim continuou por um quarto de século. Mas esse êxito pouco alegria trouxe ao autor. Pois enquanto se achava dedicado à composição do livro, tivera início o segundo dos seus romances trágicos. Em 1898, recebeu uma carta de uma jovem desconhecida. "Perdoe esta liberdade de uma estranha, e tenha um pouco de paciência. Seréi tão breve como pode sê-lo uma mulher... Por acaso me caiu nas mãos um de seus livros, *A História Natural da Criação*. Que novo mundo se ergueu diante de mim!... E' de admirar que, depois de ler o seu livro, eu peça mais?... Quer estender-me a sua mão, estimado professor, e dizer-me o que devo ler?... Assinado: Franziska von Altenhausen".

Haeckel enviou-lhe uma lista de livros a ler. Depois de algumas cartas mais, permutaram retratos, e logo permutaram os corações. Haeckel era infeliz na Vila Medusa. Tinha a existência amargurada pelas rixas incessantes entre uma filha débil de espírito e uma esposa valetudinária. E eis que essa jovem — contava apenas trinta anos — vinha confortar-lhe o "velho coração magoado" com o bálsamo da adoração. Durante cinco anos mantiveram uma correspondência clandestina e apaixonada. "Que coisa extraordinária", escreveu ele, "que uma moça como tu e um velho como eu se enamorassem tão desesperadamente um do outro!". E ela escreveu em resposta: "Não digas que és um velho. Em espírito, és um jovem deus".

Tiveram diversas entrevistas secretas, em vários pontos da Alemanha. "Do fundo do coração", escreveu ele depois do primeiro encontro, "agradeço-te os dois dias memoráveis que me trouxeram a felicidade de conhecer-te pessoalmente... Sem dúvida há de ter percebido, pelo meu porte canhestro, quão completamente a tua gentil visita veio transtornar a serenidade habitual da minha existência prosaica — como a radiação de uma doce fada primaveril, que trouxe o recender de flores a um pobre cativo solitário".

E, após outro encontro: "Como foi encantadora a nossa viagem nupcial de ontem!".

E Franziska a Haeckel, depois de nova entrevista: "Os dias adoráveis que passamos juntos parecem-me um sonho belo de mais para durar. Essa recordação ainda me envolve e enfeitiça de tal maneira que me é difícil exprimir em palavras o que me agita o coração. Mas fica certo de uma coisa — naquelas poucas horas tu te tornaste muito, muito mais caro para mim do que jamais o fôras anteriormente".

A idade — escreveu Haeckel em uma de suas cartas a Franziska — não é garantia contra as loucuras. Dividido entre a deslealdade para com sua esposa — enganava-a, dizia Haeckel, no interesse da paz de espírito dela — e a paixão por Franziska,

alimentou algum tempo a idéia de suicídio. "O importante problema da auto-destruição (a própria palavra é absurda — devia chamar-se autoliberação) tem-me ocorrido com muita frequência nas últimas semanas". Renunciou a essas idéias em favor de outro meio de fuga — uma viagem ao Oceano Índico. "Franziska, minha querida, bem-amada esposa do meu coração — parto para os mares tropicais a fim de escapar de ti e de mim — duas almas raras e extraordinárias, feitas uma para a outra, e que, separadas, devem errar solitárias pela vida...". Visitou a Índia, Singapura, Buitenzorg, Sumatra, Java — mas, aonde quer que fosse, levava a sua mágoa. "O homem", escreveu de Port Said a Franziska. "não pode fugir de si mesmo em parte alguma".

Assim, voltou à pátria e esperou — o quê? "Temos que tomar a resolução de nunca mais nos vermos enquanto tua mulher existir", escreveu Franziska. Haeckel anuiu a essa proposta. E logo se tornaram a ver mais uma vez — e mais outra.

Ansiavam pelo dia em que a esposa de Haeckel os deixasse em liberdade. Mas só exprimiam indiretamente esse desejo. "A colitada", escreve Haeckel, "passou novamente de cama as últimas oito semanas. Asseguro-te que redobrei de paciência e atenções agora". E Franziska, em resposta: "Deves ter muito cuidado com tua boa e infeliz esposa. Como está o seu coração? Há alguma esperança?".

Na verdade, os médicos esperavam a todo momento que o coração da pobre mulher se detivesse...

Mas foi o coração de Franziska que deu de si. Numa manhã de inverno, Haeckel recebeu um telegrama de Ursula Altenhausen: "Minha irmã Franziska morreu subitamente à noite passada".

VII

Haeckel viveu ainda dezesseis anos — tragicamente só. E então, numa noite de estio de 1919, chegou o sono misericordioso. "O enigma da vida humana", escreveu alguns dias antes de morrer, "continua indecifrado. Mas... impavidi progrediamur, avancemos sem temor!".

(Do livro "Vidas de grandes cientistas.")

TENTAÇÃO

(Continuação da pág. 18)

de sócios da firma, seguida de um jantar entre eles, chegou Armando à minha casa com aquela mesma veemência costumeira.

— Sabe você a quanto tempo já não nos vemos a sós?

— Três semanas completas — disse-lhe eu com ar alegre.

— E foi um inferno, Irma! Está você a parecer-me um pouco indiferente...

Cada dia que passava mais eu me sentia nervosa. Toda vez que ouvia soar a campainha, vinha-me um estremêco. Sempre pensava que era ele que chegava. No íntimo eu o desejava; mas, por outro lado, sentia medo, pavor, angústia. Nada tendo a dizer, apenas expliquei:

— Tenho estado só. Muito me agrada a tranquilidade.

— A tranquilidade é uma perda de tempo. É mentira sua, que esteja satisfeita em ficar sentada a contemplar a vida. A vida é para viver-se. Agora, você me acompanhará. Vamos sair juntos.

— Impossível. Estou muito desarranjada.

— Não precisa mudar de roupa. Está muito bonita assim. Vamos!

— Não.

— Então marquemos um encontro dentro de um ou dois dias.

— Está você a iludir-se em pensar em tal coisa. Sabe que não irei!

— Tem medo?

— Talvez.

— Não tema nada. Serei discreto. Jamais saberiam de nosso segredo. Veja que precisamos libertar-nos de uma vida monótona, com pessoas insípidas! Você com ele, e eu com ela...

— Não... nunca...

Procurei afastar-me dele. Armando era um homem ardoroso, capaz de atrevimentos, e eu sentia meu coração abrasado por ele, capaz de submeter-me, cheia de alegria. Beijou-me uma vez mais e me disse:

— Até a próxima semana. Não esperei mais.

Era uma ameaça. Eu sabia que ele cumpriria. Eu me sentia assustada. Durante seis anos viverei eu com um homem vulgar, sem imaginação, mas numa vida tranqüila, sem maiores emoções. Sabia que uma mulher necessita mais do que pão e teto. Eu começava então a fazer certos raciocínios. Quando um homem sentia estar levando uma vida tediosa, procurava novas aventuras. Por que estavam vedadas a uma mulher que precisa de expansão emocional ainda mais do que um homem, esse mesmo direito de viver?

Na segunda-feira da semana entrante, eu estava abalada em minha fortaleza de resistência. Ao anoitecer Teo me chamou ao telefone e me comunicou que ia viajar até Puebla para firmar importante contrato naquela mesma noite, acrescentando que iria com Armando e regressariam no dia seguinte, ao meio-dia. Pediu-me, em seguida para arranjar-lhe o necessário numa valise, pois tinham pressa.

Obedeci com certa satisfação de alívio. Era como uma pausa naquela luta entre mim e ele, nos fluxos e refluxos de meus desejos para entrar numa outra vida da qual tinha medo e para ela me sentia impelida. Estava adiada nossa entrevista definitiva. Não havia passado muito tempo depois desse telefonema de Teo, quando Armando me falou pelo fio.

— Não podia ausentar-me sem falar-lhe, querida. Muito gostaria de vê-la antes, mas não é possível afastar-me. De toda forma quero dizer-lhe que a adoro, divina! Não o esqueça!

Armando jamais me falara com tanta doçura. Talvez por isso o meu encantamento por ele tomou mais força e cheguei a convencer-me de que poderíamos tornar uma realidade os nossos idílios sem maiores preocupações. Ele se achava amarrado a Dora, e eu, a Teo, com quem vivia feliz até certo ponto. Por isso não havia necessidade de desfazer nossos lares. Podíamos ajustar as coisas muito habilmente. Assim fiquei eu a pensar depois da chamada telefônica de Armando. Seria uma loucura? Sim, eu bem o sabia. Porém as mulheres às vezes concebem idéias positivamente fantásticas.

Temendo passar uma noite em claro, convidei uma antiga amiga, companheira de colégio para irmos ao cinema e ceiar comigo em casa. Já era quase meia noite quando a deixei em seu apartamento e uns vinte minutos depois chegava eu em meu carro à porta de minha residência. Ao abrir a porta da garagem, ouvi por detrás de mim uma voz que me dizia:

— Senhora Iriarte...

Voltei-me sobressaltada. Era um policial imponente e robusto.

— Acaba de verificar-se um acidente, minha senhora; está em nosso carro madame Gorman. A senhora tem que nos acompanhar também.

— Um acidente? Onde? Como?

— Dir-lhe-emos durante o trajeto.

Ao chegar ao carro do policial vi o rosto de Dora muito branco, lívido, no qual luziam os seus tristes olhos negros.

— Que sucedeu?...

— Ainda não sabemos com detalhes — disse-me o policial, ao mesmo tempo em que o motorista fazia andar o motor.

— Sabemos que, numa curva, ou porque foram empurrados por outro carro, ou porque manobrassem mal, o fato é que o auto se despenhou num precipício e se incendiou. Um deles está com graves queimaduras e o outro está morto.

— Morto? Quem?...

— Não sabemos. Por isso convidamos as senhoras para identificá-los.

É impossível descrever o quanto sofri durante o caminho. Sentia-me como que sufocada. Seria Teo o morto? Ele, meu esposo, tão doce, tão bom, tão carinhoso, tão generoso? Teo que jamais se impacientava comigo, que tanto me adorava, que jamais havia conhecido outra mulher? E sem dar-me contas de mim mesma, comeci a implorar:

— Oh! Meu Deus! Que não seja Teo o morto! — Ao meu lado estava Dora, hirta, com os seus olhos secos e fixos na estrada, a olhar o caminho sem uma palavra, um gesto que denunciasse o seu estado d'alma, que traisse os seus pensamentos.

Chegamos, enfim, à pequena casa dos guardas florestais, de onde nos conduziram até o local do acidente, vindo-se uma

"É um motivo de satisfação constante em meu lar"



Refrigerador G. E.

Os novos refrigeradores General Electric são agora ainda mais espaçosos que os anteriores — embora mantendo as mesmas dimensões externas — e também mais econômicos! Qualquer dos revendedores General Electric terá grande prazer em lhe demonstrar porque G. E. merece a sua preferência.

GENERAL  ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — P. ALEGRE



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



Certamente... Está faltando o melhor à sua refeição quando falta a nutritiva Malzbier da Brahma! E sua presença à mesa torna-se ainda mais indispensável quando há necessidade de compensar a ausência de um ou outro alimento. Sendo rica em malte — o saboroso ingrediente revigorante — Malzbier da Brahma enriquece seu almoço, completa seu lanche... e melhora seu jantar. Levemente adocicada, Malzbier da Brahma é a cerveja que entra em todos os lares devido à sua baixíssima graduação alcoólica. Tenha sempre à sua mesa o melhor em sabor... o melhor em prazer: a deliciosa Malzbier da Brahma — a cerveja do lar!

EM GARRAFAS E 1/2 GARRAFAS

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA — RIO DE JANEIRO — S. PAULO — CURITIBA — PORTO ALEGRE — PASSO FUNDO

A DENÚNCIA DO VESTIDO...

(Continuação da pág. 24)

— Amarela — responde o Inspetor.
— Não — corrija eu. — Viu-a amarela; mas, na realidade, é branco esse chapéu.
— É curioso... — reflete ele.
Volta o Inspetor a fazer a experiência. Olha fixamente o tapete e depois muda a vista para o chapéu da viúva do coronel Simon. Certificado dessa engenhosa descoberta, diz:
— É... o senhor tem razão... O chapéu é branco, em verdade...
Eu então lhe cortei a conclusão:
— Nada mais simples. Quando se fixa longamente uma cor e, de repente, mudamos a vista para um objeto de superfície branca, ele se nos afigura com a cor complementar da primeira. Por esse motivo é que o chapéu branco de Madame Simon nos parece de cor amarela, quando, na realidade, não é, e sim branco...
Depois de ligeiro silêncio, voltou:
— Desta forma, já não há certeza de que o vestido que vi preto, na verdade, amarelo. Tal vestido poderia ser branco, da mesma cor do chapéu de madame, pois eu olhava o tapete quando vi o vestido.
Notei que o Inspetor parecia estar de perfeito acordo

com estas minhas conclusões. Mas moveu a cabeça como se estivesse entre sérias dúvidas. Súbito se dirigiu à esposa do coronel.

— Madame — começou ele com ligeira hesitação na voz. — Queira perdoar-me; porém é preciso reformarmos essa história do vestido amarelo... Muito lhe agradeceria se a senhora quisesse esclarecer-me...

Assistimos, então, uma cena extraordinária, que nos perturbou. Madame Simon se tornou lívida... Seu rosto pareceu descompor-se e, bruscamente, ela caiu em grande crise nervosa.

— Sim... — gemeu. — Foi eu quem o matou... Eu sabia que ele amava Odile Lemerclier... Constantemente ele vivia a dizer-me que ia divorciar-se de mim... E quando o vi com aquela vestimenta de luta, ferido, todo unido ao rosto, compreendi muito bem o que se havia passado. Conduzi-o ao procedimento; ele me insultou, agrediu-me... Então, perdi de todo a cabeça. Estava decidida a apresentar-me espontaneamente à justiça... Mas, ao ver que as suspeitas caíam sobre Odile, deixei que assim continuassem a pensar... Mas tenho vivido no constante pavor de ser descoberta... Tremia a um simples toque de telefone... Agora, porém, já não tenho mais medo...

O Inspetor se aproximou dela e disse docemente: Madame, peço-lhe ter a bondade de...

amor... Assim, dentro de uma palmeira es-
tava um corpo estendido e morto com
um pano branco. Era o morto. O ou-
tro já havia seguido para o hospital de
la Cruz Vermelha do cadáver tanto eu
como fora as manuseadoras estavam sem
querer tomar a consciência de verificar.
Logo eu imediatamente fui até ao cor-
po e examinei o pano. Eu estava como que
paralisada. Integridade de uma palmeira, de
um pensamento. Pelo canto da Dora vi
que ela estava mais brava ainda. Em se-
gunda deixei cair a cabeça um pouco
para trás e vi. Era com uma gargalha-
da sônica, indefinível, semita tão hor-
rível que não desejo mais ouvir uma
igual em vida e nunca vida. Aquilo me
pareceu como um grito dentro da
alma. Dora parecia estar numa alegria
selvagem, demoníaca. Ao olhar não
pude deixar de murmurar a medo, esta
pergunta.

— E... Teo?

— E Armando!... Oh! Meu Deus!...
— e começou a solgar tão histéricamen-
te como havia sido.

Voltamos à cidade. No percurso pro-
curi consultar a pobre Dora, mas parecia
nada ouvir. Chovia convulsivamente.

No hospital fui encontrar Teo quase
sem sentidos, mas os médicos me disse-
ram que ele estava fora de perigo, pois
o seu organismo reagira bem. Depois le-
vei Dora até sua casa e segui para a mi-
nha, onde aguardei que amanhecesse.
E quando estava a adormecer surpreen-
dida com o meu estado de espírito em
relação a Armando. Não sentia o menor
abalo, a menor pena, a menor saudade.
O que me havia transformado assim tão
bruscamente? Não pude receber resposta
à minha pergunta e, vencida pela fadiga,
pelas emoções daquela madrugada, ador-
mei profundamente.

No dia seguinte, ainda muito cedo,
corri a visitar Teo, que ainda estava em
estado de choque. Depois fui ver Dora.
Julguei encontrá-la acobalhada, deso-
lada. Qual nada! Estava alegre, parecen-
do mesmo que se sentia muito mais feliz
que tivesse morrido o seu esposo do que
o meu!

— Sente-se melhor?

— Sim, agradecida. Como está Teo?

— Vai melhor. Sinto muito a morte
de Armando...

Houve uma pausa incômoda, que ela
rompeu, vacilante:

— Ontem a senhora deve ter-me jul-
gado uma estúpida.

— Oh! Eu compreendo o choque tre-
mendo de uma pessoa sensível que vai
identificar um cadáver e vê que é o do
homem a quem se ama!

— A quem se ama! Já não sei o que
isso significa. Adorei Armando no prin-
cípio. Depois...

— Mas... não foi sempre bom para
você?

— Eu sei de tudo! Sei que ele lhe
fazia as mesmas juras de amor que me
fizera a mim, e que fizera a todas as
outras. Impediu-me de manter amizade
com você, Irma, e chegou até a bater-
me... Eis por que lhe parecia eu tão
estúpida... Ele me proibia de falar-lhe
temendo que eu o denunciasses.

— Que horror!

— Não terminei ainda. Sei que a se-
nhora soube que eu estava doente. Pois

(Continua na pág. 51)

Record 3120

A essa altura já eu nada podia ouvir. Havia tomado
a mão de Odile e saía com ela para fora, lá para os lados
dos jardins floridos da cidade, para os lados das ruas
brancas e ensolaradas, para a vida, para o amor, para a
felicidade...

CASPA! CABELOS BRANCOS!

use LOÇÃO XAMBÚ

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA COR NATURAL. ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Por D. G. COIMBRA

NOS dias em que me sobra tempo, costumo tomar um ônibus e ir ao fim de qualquer linha, modo pelo qual, às vezes, como que me encontro na Penha ou na Lapa, no Jardim América, na Gávea ou em Cascadura.

Na semana passada fui parar num bairro como Engenho de Dentro, mas como sempre com largos "boulevards". Em vez de ruas estreitas com prédios de um ou dois andares, aqui são em geral de cinco a oito andares. Gosto de andar pelas avenidas parisienses a examinar as vitrines. Como há casas de objetos antigos nesta cidade!... Louças, cristais, bibelots, móveis, quinquilharia antiga e inútil. Às vezes faço um cálculo rápido, a olho, dos cacarecos expostos numa vitrine. E não acho mais do que mil cruzeiros no valor de tudo isso! Mas há belos lustres de cristal de lalique valendo 10 mil cruzeiros, cadeiras Luis XV que devem andar por alguns milhares de cruzeiros. E há muitas lojas só com tralha miúda. A vida dos milhares de antiquários é sempre um mistério. E eles existem por toda parte, em qualquer bairro, tanto em Copacabana como no Realengo ou Gamboa, na avenida Ipiranga ou na Quinta Parada ou Tucuruí. Não que seja um negócio muito compreensível no próprio Rio de Janeiro ou outras cidades do Brasil — mas a verdade é que em Paris é realmente um grande mistério. Jogo do bicho não é o que lhes dá o pão porque aqui não trouxeram ainda esse divertimento popular.

cada um contava uma aventura culinária. Às vezes o grupo inteiro concordava a respeito do saboroso paladar de "Tripas à la mode de Caen" encontrado somente no restaurante tal; às vezes dois cabeçudos discordavam e tomavam atitudes enérgicas a favor das tripas de um outro estabelecimento onde os condimentos eram ainda mais finos. Enfim, o assunto por todos os lados era somente cozinha e pratos!

Retirei-me mentalmente do "Horloge de Pantin" e levei meus pensamentos aos Estados Unidos. Ouvi então discutirem em todos os lugares, somente sobre dinheiro, dólares, ganhar mais, negócios, riquezas, caro ou barato, aumentos de ordenados, melhoria de vida, compra de automóveis.

Mudei-me para a Inglaterra, ouvi falar em tempo bom, tempo chuvoso, o frio que não veio ainda, gente que anda imigrando, impostos, partido trabalhista, exportação, Estados Unidos e câmbio, educação dos filhos, o último jogo de futebol...

Imaginei os assuntos que seriam referidos no Rio, num restaurante semelhante. E quando voltei a mim já o grupo do lado esquerdo se levantava para se despedir um por um da dona da casa, enérgica, ativa, hábil conhecedora do seu negócio, que sorria amavelmente para cada um.

Os quatro do lado direito continuavam discutindo ostras e mexilhões quando resolvi ir embora pelo "boulevard" largo, alegre, frio, de uma tarde de inverno pari-

Almoçamos num deles, bastante bom, mas quando espiei a nota não gostei por terem cobrado uma garrafa de vinho, quando somente pedi e me serviram meia. O garçom explicou que o erro era do "patrão", mas quem ia "morrendo" nos cem francos era eu. De agora em diante começaremos a examinar melhor as somas das despesas. É verdade que já em muitas ocasiões deram-me o troco a mais, numa delas 500 francos. E ficaram alegres quando lhes devolvi os excessos.

Napoleão residiu neste palácio várias vezes e mostraram-me a mesa onde assinou sua abdicação um tanto a contragosto. Visitei todos os aposentos, inclusive o banheiro onde o general tomava seu banho quente, com pia para lavar as mãos, com torneiras de água quente e fria. Eu que reclamara banheiros nos palácios e castelos que visitara, fiquei imensamente satisfeito em ver esse quarto de banho em Fontainebleau. Mesmo um num palácio de 1.250 quartos, já é notável.

Os salões são ricamente decorados, mobilados, tetos e paredes maravilhosamente artísticos — os gobelins e tapetes de Beauvais são obras de arte de grande mérito. O salão de jantar, a sala de recepção e o grande salão de baile, são coisas ligadas à história da França que nunca se pode esquecer.

Essa gente já sabia viver muito bem antes de aparecer o automóvel e os grandes navios. Mas não podemos deixar, em todas as ocasiões em que visitamos palácios importantes, de nos lembrar da enorme capacidade artística dos italianos daquela época, pois mesmo numa nação sabidamente artística e de notável bom gosto como é a França, inúmeros são os salões, quadros, móveis e obras de grande valor feitos por artistas italianos importantes na época.

Isso não diminui o valor dos franceses e mostra a sua sabedoria. Fontainebleau é um palácio muito antigo: cada rei que ali morou fez suas alterações ou reconstrução de modo que apresenta vários estilos, de várias épocas, ao passo que Versailles todo é uma obra quase exclusivamente em estilo do tempo de seu construtor, Luis XIV. Os reis há tantos anos atrás levavam uma vida bem diferente da vida do povo. Assim é que os apartamentos do soberano estão, tanto em Versailles como em Fontainebleau, a muitas centenas de metros distante das acomodações da rainha. Não podiam, desse modo, ter muita intimidade. Napoleão, plebeu, já não se afastava tanto da esposa: Maria Luísa da Áustria, cujo quarto de dormir é quase ao lado dos aposentos do Corol. Quando Napoleão não achava os botões do colarinho ou coisa semelhante, era só assobiar!... Quanto mais a gente anda vendo esses palácios e castelos, menos se tem vontade de ser rei. Luis XIV, por exemplo, valdoso como ele só, fazia questão de reunir nobres para ajudá-lo a vestir-se pela manhã ao despertar. Esse assunto era mesmo uma importante cerimônia de todos os dias. Os tais cavaleiros da corte faziam questão de estar presentes. Um ia buscar as meias, outros as ceroulas; o mais importante, algum visconde, trazia a camisa de seda toda rendada e perfumada! Os barões, sem dúvida, colocariam as botas nos augustos pés!

Nem um ídolo de futebol de hoje ganha tanta atenção no vestuário do Pacaembu ou do Vasco!

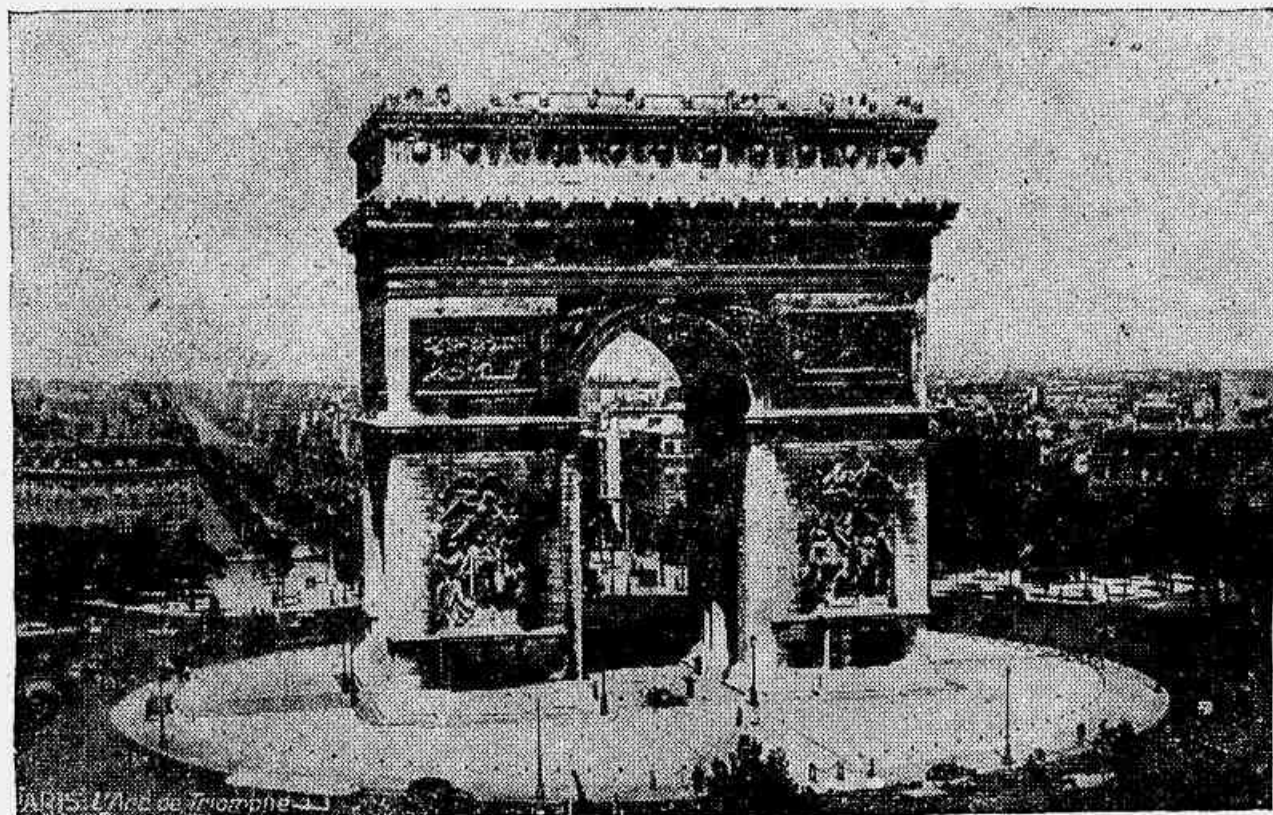
PARIS DE 40 ANOS ATRAS

Não era à toa que os nossos abastados fazendeiros e negociantes de 1910 e antes andavam sempre por estas avenidas. Esta maravilhosa Paris já era naquela época o que é hoje; era mesmo melhor, bastante mais luxuosa e esplêndida.

Se hoje ela ainda tanto nos agrada devido à grandiosidade de suas largas e movimentadas avenidas, cabarets e muitas outras atrações, imaginem o que ela representava então para o fazendeiro do Brasil de 1905/1912, com aquele hotelzinho "Rotisserie Sportsman", de um andar, o melhor de São Paulo, o Hotel Internacional ou dos Estrangeiros, o melhor do Rio, o Meridional, no Salvador, a Pensão Bidu, no Ceará, o velho Jung, em Porto Alegre! E assim por diante...

Os nossos patrícios chegavam aqui e viam o Metro, e tudo mais que hoje existe, mas ainda mais novo, mais bem conservado, e, por cima, muitíssimo mais barato! Não é sem motivo que muitos rapazes filhos do papai rico iam dilatando a estada. E não era preciso visto no passaporte, nem pen-

(Continua na pág. 51)



Paris — O Arco do Triunfo

As apostas e acumuladas de cavalos são oficializadas e se fazem nos cafés onde se encontra o letreiro: P.M.U.

A Loteria Nacional só corre às quartas, e os bilhetes são vendidos abertamente nas baraquinhas espalhadas por todas as ruas da cidade ou na roda de jaburu, em certos "boulevards".

Assim precisamos descobrir como é que os tais antiquários se arrumam para pagar o aluguel, a luz, os impostos e a limpeza dos objetos expostos!...

CONVERSAS

Como sempre, entro em qualquer restaurante e almoço. Aqui não é necessário perder tempo; há muitos em qualquer bairro — bons, regulares e baratos.

Entrei no "Horloge de Pantin", um restaurante semelhante a milhares de outros. E notei logo que, apesar da modestia externa, por dentro era outro. Estava repleto e as empregadas, alertas, corriam de um lado para outro atendendo à freguesia. Sentei-me entre duas mesas laterais onde havia dois grupos de homens de negócios ou gerentes de fábricas ali da redondeza conversando animadamente. Fiquei quase uma hora almoçando e tomando uma garrafa de "Beaujolais" delicioso e ouvindo o bate-papo dos vizinhos.

De princípio a fim toda a animação se referia a comidas, pratos disto ou daquilo, molho assim, molho de outro jeito. Variavam uns dez minutos para discutir vinhos, vinho desta qualidade, vinho de outra, e

siense. É raro o restaurante onde não ouço semelhantes conversas nas horas das refeições.

FONTAINEBLEAU

Ontem fomos passar o dia no grande palácio de Fontainebleau, na floresta enorme de 170 quilômetros quadrados. As árvores estão quase todas despidas, pois em certos lugares havia montes de gelo. A estrada é muito boa e quase sem curvas. O motorista, exatamente como nos Estados Unidos e na Inglaterra, manteve a mesma marcha firme de 60 quilômetros por hora, não assustando ninguém com correias só porque a estrada é boa.

Como toda floresta que se preza, esta tem suas árvores antigas, grossas, altas, sólidas, outras médias e uma infinidade de arvorezinhas. Os únicos claros no meio dela eram os ocupados por alguns quilômetros quadrados de pedras de tamanhos regulares — digamos mil a três mil quilos, de consistência meio mole, calcária como as que às vezes encontrávamos em "glaciers" no degelo. Até agora nos parece que não encontramos aplicação para essas pedras, e ali continuam com sua cor cinza clara, oferecendo um notável contraste às árvores que ladeiam esses claros da floresta. As vezes formam grandes e altos montes, outras vezes se espalham quase que horizontalmente aos milhares, perdendo-se de vista.

Há uma cidadezinha bem no centro da floresta, em frente ao palácio enorme, e, numa praça ampla, vários restaurantes.

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA
A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo, borracha leve maleávelíssima. Vaqueta marrom e havana

De ns. 33 a 38 - Preço: Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR
Distinção, nobreza e durabilidade. Inteiro, fivela niquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA
Garantia absoluta. Vaquilha, havana e marrom, solado de borracha. De ns. 36 a 44. Preço de abafar: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável vira francesa. Todo feito à mão, extra leve, forma anatômica, salto de borracha.

Preto e marrom. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 165,00

Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de borracha, fivela niquelada.



De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 120,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos queiram. Inteiro e fortíssimo. De ns. 36 a 44. Preço: Cr\$ 100,00



E VAREJO ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na
ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACEITAMOS REVENDEDORES
O nome "ZEFERINA" é uma garantia
Av. Amazonas, 753 — Belo Horizonte

PELAS estradas do CEU

ANDRÉ MAX

Telegramas recentes nos dão conta do término do bloqueio da cidade de Berlim.

Com o início do cerco estabelecido pelos russos, o abastecimento da antiga capital alemã tornou-se um problema sério, cujo único recurso para fazer sobreviver uma população calculada em 2 milhões era o estabelecimento de uma rota aérea, que pudesse fornecer, regularmente, mantimentos e provisões aos moradores da zona bloqueada.

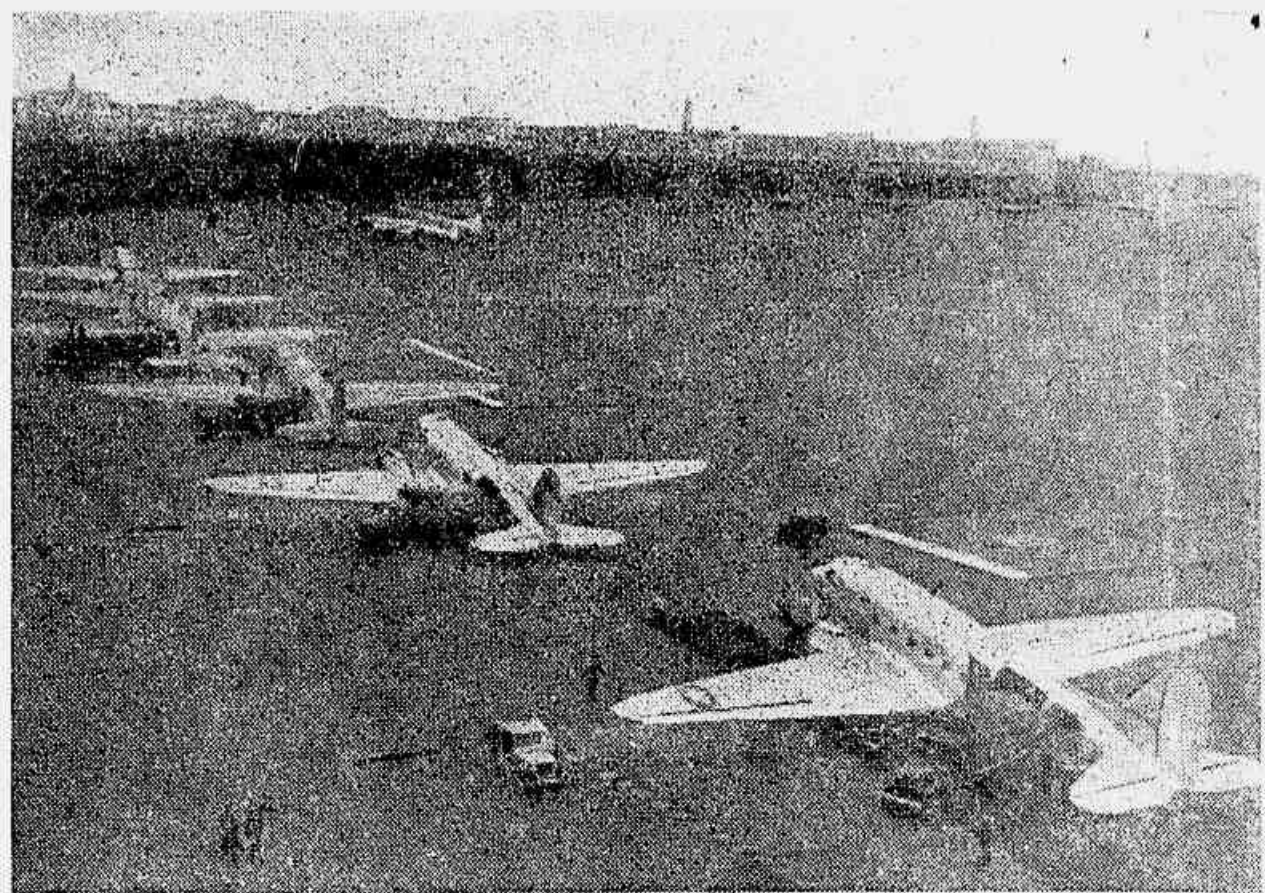
O "corredor aéreo", organizado pelas potências ocidentais, trouxe ao povo de Berlim toda sorte de mantimentos e demais artigos necessários à sua subsistência, enfrentando os azares do mau tempo, estabelecendo diariamente novo "record", quer quanto ao número de vôos, quer na quantidade de toneladas de suprimentos transportados. No 294º dia de operações consecutivas do "corredor aéreo", 1.398 vôos levaram à zona bloqueada nada menos que 12.041 toneladas de provisões, o que ultrapassou o "record" anterior em 4.964 toneladas e 476 vôos. Com 95% dos aviões destinados às operações do "corredor aéreo" em funcionamento, os pousos se sucediam nas principais bases de Berlim — aeroportos de Tempelhof, Gatow e Tegel — com a frequência de intervalo de 61.8 segundos entre um e outro avião. A 16 de abril próximo passado, véspera da Páscoa, estabeleceu-se um novo "record" de 54.000 toneladas de provisões. Ao todo, desde o início do bloqueio, mais de 1.365.000 toneladas foram descarregadas na antiga capital do Reich. A magnífica cooperação entre os Estados Unidos, França e Inglaterra teve como resultado os surpreendentes efeitos do "corredor aéreo". Em um certo ponto da Alemanha ocidental, pilotos ingleses tripulavam os aviões; rádio-operadores norte-americanos controlavam os pousos, e tripulações francesas faziam o serviço de terra.

Em Tempelhof, a principal base dos Estados Unidos em Berlim, os aviões ingleses e norte-americanos pousavam a intervalos de três e meio minutos, dia e noite, com qualquer tempo.

Os pilotos do "corredor aéreo" voaram mais de 35.000.000 de milhas.

Como resultado desse tremendo esforço das potências ocidentais, o povo de Berlim ficou em melhores condições de alimentação do que antes da imposição do bloqueio, com uma reserva de víveres para quatro semanas sempre à disposição. A ração normal de consumo foi aumentada de 1.600 para 1.880 calorias por pessoa.

Ao se declarar definitivamente suspenso o bloqueio de Berlim, o total diário de 10.000



Vista do aeroporto de Tempelhof, no setor ocidental de Berlim. De 3 em 3 minutos, dia e noite, aviões da Força Aérea dos Estados Unidos descarregavam toneladas de mantimentos e combustível para a zona bloqueada (Foto U.S.I.S.)

toneladas de provisões estava quase sendo alcançado, aproximadamente o equivalente à quantidade de descargas feitas por via terrestre e marítimas.

★

Muitas empresas de aviação comercial estão agora consultando representantes da indústria do petróleo sobre a possibilidade de negociar a gasolina em libras em vez de galões. Ressalta-se que isso economizaria muito tempo, visto que as cargas do combustível precisam agora ser reduzidas de galões a libras, antes da decolagem, quando os tripulantes calculam o peso bruto do avião. Além disso, ter-se-ia maior aproveitamento da carga do combustível independentemente da temperatura exterior. No tempo muito quente, a gasolina, sofrendo expansão, passa a pesar menos. Ganhando peso, ao contrário, quando a temperatura baixa sensivelmente.

Segundo revelam técnicos no assunto, os motoristas de automóveis perdem muitos galões de gasolina durante os meses quentes, devido ao fato de que um tanque cheio de combustível no verão, leva menos gasolina aproveitável do que no inverno.

Qualquer ponto do Mundo



**PELOS MAGNÍFICOS AVIÕES DA
CRUZEIRO EM TRÁFEGO MUTUO COM
GRANDES EMPRESAS
ESTRANGEIRAS**

SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA

SEGURANÇA E CONFORTO INSUPERÁVEIS AV. RIO BRANCO, 128 - INF. 42-6060

TENTAÇÃO

(Continuação da pág. 48)

foi porque descobri, há seis meses, que ia ser mãe. Armando não queria que eu tivesse um filho. Uma noite, numa acesa de cólera me espancou, derrubando-me escadas a baixo. Perdi meu filho e estive três semanas no hospital. Nunca foi ver-me, senão quando me foi buscar para trazer-me para aqui.

— Mas... por que motivo continuou com ele?

— Porque assim ele quis e porque eu tinha medo dele... Além disso eu me sentia envergonhada e temia voltar para a companhia de meus pais, que não queriam o casamento. Ademais, não sei trabalhar e a vida é difícil hoje em dia. Armando era habituado a fazer chantage com senhoras casadas, e fôra despedido de seu último emprego porque tentara seduzir a filha do chefe.

— Então aquele seu rir, foi um alívio, não?

— Sim. Senti-me como que libertada.

— Creio que Deus nos livrou a ambas, mas eu não o mereço. Fui uma imbecil, e ainda seria pior se o destino não houvesse intervido tão trágicamente...

— Irma, Teo muito a ama. Não arruine esse carinho.

Como ia eu, tão facilmente, perder o único homem que, em verdade, interessa à minha vida! E por uma aventura reles que terminaria em chantagem! Agora estou tratando de reparar minha loucura e espero que a criatura que está a formar-se em meu seio venha a parecer com o pai, único homem a quem amo e ao qual, por um triz, não atraí o momento de loucura. Este filho que lhe darei, provar-lhe-á toda a força, toda a firmeza de meu amor.

CANTADORES DO...

(Continuação da pág. 6)

nas cômodas, estofadas, tendo à frente bem localizado palco, com grande visibilidade. Ao alto, o lema do educandário: "Perscientiam ad lucem".

Foi nesse ambiente de grande expectativa que o poeta Rogaciano subiu ao palco em companhia dos poetas Aderaldo, Domingos Fonseca e do acompanhante violinista Máriô Aderaldo, neto adotivo do famoso poeta cego, cujo nome enche todo o sertão nordestino num halo de luz e fama.

As 9 horas, teve início a sensacional noite de arte declamatória, de poesia sertaneja da legítima, da autêntica poetização do nordeste brasileiro. Rogaciano Leite é uma espécie de Castro Alves do lirismo. Esbelto, dicção fluente, clara, gestos simples, espontâneos e perfeitos, dá a impressão de um Fausto Cardoso declamando. É uma espécie de exegeta da poesia sertaneja. Seu preâmbulo ilustra o auditório, predispondo-o para ouvir e compreender os cantadores. Sem esse exórdio verbal seria impossível, mesmo a muitos nordestinos, entender bem o sentido, a razão desse torneio encantador e tão necessário à nutrição de nosso nacionalismo em desagregação.

Não é possível darmos aqui tudo o que se passou naquelas duas horas e meia de brasilidade e encantamento. Mas, para ligeira amostra do estro, da inspiração, do espírito vivo e repentista dos cantadores, reproduzimos o que nos foi possível colher.

Iniciando a cantoria, o cego Aderaldo, com seu violão, e o parceiro Domingos Fonseca à vida, disse este:

"Cariocas, meu sertão
É de uma beleza rara;
A noite é limpa e solene,
A manhã é muito clara..."

A essa altura o nosso fotógrafo, o Vieira, se aproxima e o repentista continua, com esta advertência ao cego:

Lá vem um "troço" de fogo
Aderaldo, te prepara!"

Nesse momento faz-se o flagrante, quemando-se a lâmpada, e o cego Aderaldo responde em cima da bucha:

"Senti um calor na cara
Que chega del uma popa,
Seria até mais miúdo

Se esse pano fôsse estopa,
Que o fogo desse negoço
Vem sapecá minha roupa."

O Domingos Fonseca pegou a deixa:

"O negócio não é sopa.
Que fogo quente danado!
Se essa chapa é em papel
Não pode dar resultado:
Um retrato desse jeito
Só pode sair queimado."

Como o fotógrafo mudou de posição para apanhar o grupo em outro ângulo, colhendo flagrantes, Domingos Fonseca cantou:

"Lá vem de novo o rapaz,
Com a mesma arrumação.
Ele só mexe com isso,
Quando a gente abre o bocão.
Responda se quer retrato
Da cara ou do coração."

Referindo-se à diferença de clima entre o norte e o sul, disse o poeta:

"O clima do meu sertão
É mais quente e mais sadio;
Não é um clima abafado
Como esse clima do Rio;
Os cururus do nordeste
Vindo aqui morrem de frio."

Cantando a "gemedeira", nova modalidade de cantorias dos violeiros do nordeste, recentemente inventada no Ceará, e que consta de um gemido entre o quinto e sexto versos da estrofe, Fonseca improvisou:

"As vezes geme o rapaz
Quando gosta da donzela,
E às sete horas da noite,
Trata de falar com ela,
E quando chega vê outro...
Ai! ai! um... um..."

Alisando os braços dela."

Imediatamente lhe respondeu Aderaldo:

"Essa história de gemido,
Tá até me aborrecendo,
Porque depois disso tudo,
O pessoal sai dizendo,
Que no salão do Colégio,
Ai! ai! um... um...
Viram dois besta gemendo."

Seguiram-se trocas de desafios entre os dois, até que terminou essa parte entrando no gênero de poesia chamada "mourão", em forma de sêstilha a sete sílabas, na qual um cantor irradia o duelo com dois versos, o adversário acresce dois e o que rompeu o canto conclui com três. É um gênero de poesia difícil, forçando o poeta a improvisar, reter as rimas, manter o sentido e o ritmo. Damos aqui a recomposição de um "Mourão" naquela noite entre Fonseca e Aderaldo:

Fonseca: "Enfrentando grande luta,
Eu venho do Piauí

Aderaldo: Até que, graças a Deus
Já estamos por aqui.

Fonseca: E eu vou pedir nesse instante
Para o senhor Almirante
Me colocar na Tupi."

Arrancou quentes aplausos a espécie de cantoria chamada "Quadrão", outra concepção poética incrível. Como não nos foi possível fixar o que cantaram no palco, depois da audição pedimos ao Domingos Fonseca e ao cego Aderaldo que nos fornecessem um exemplo, o que fez o primeiro romper fogo:

"Doutor Renato Alencar
Jornalista singular
Está prá nos escutar
Prestando toda atenção.
E ao voltar à redação
Da REVISTA DA SEMANA
A reportagem é bacana
Descrevendo o meu "Quadrão".

Aderaldo que nos ouvia, emendou no mesmo ritmo:

"Eu canto o quadro quadrado,
Quadrado bem quadrejado
Meu quadro é quadrilado,
Por causa da quadração
Porque minhas quadras são
De maneira bem quadrada,
Por isso meu verso enquadra
Quadrado, quadra e quadrão."

Antes de encerrar-se a festa, para dar alguns minutos de descanso aos cantadores, Rogaciano Leite declamou poesias de sua lavra, de grande emotividade, dig-

nas de nossas antologias. Também declamou versos matutos originais, o poeta paraibano Jansen Filho, jovem de mérito, sendo muito aplaudido.

Na segunda parte do programa, a pedido do dr. Renato Almeida, o cego Aderaldo reproduziu o desafio que travou há muitos anos, quando se iniciava na arte de fazer versos, com o já afamado repentista e violeiro Zé Pretinho, dos sertões do Piauí. Foi um sucesso. Só esse episódio valeria a noite.

Depois veio à baila outra espécie de cantoria, o "Martelo à beira-mar", de concepção difícil, mas que os dois cantadores a executaram com maestria, com muitos improvisos. Ainda se atracaram em duelos, com aquelas agressões ingênuas dos nossos cantadores, cada qual procurando esmagar o adversário com pragas e alusões ferinas, sarcásticas, injuriosas. Mas tudo acabou em paz. Os membros da Comissão de Folclore e outras pessoas de destaque posaram com os cantadores, sendo aí mais uma vez posta à prova a inspiração de Domingos Fonseca. Pediram-lhe que saudasse cada uma das pessoas que estavam no palco e ele as decantou magistralmente, provocando risos e grandes aplausos na plateia.

O jovem que acompanha os cantadores ao violino é neto adotivo do cego Aderaldo. Rogaciano Leite explicou essa inusitada relação de parentesco. O cego Aderaldo, perdeu a vista aos dezessete anos, quando, depois de receber muito calor de uma forja de ferreiro, em cuja oficina trabalhava como mecânico, foi imprudentemente beber água, cegando instantaneamente, estourando-lhe ambos os olhos. Se não fosse seu imenso talento poético, então abrolhando como uma flor agreste dos sertões de sua terra, o Crato, coração do Cariri, o cego, vítima de uma espécie de acidente no trabalho, teria ficado a esmolar inutilmente pelas entradas das feiras e à porta das igrejas. Cresceu, fez-se homem e já hoje conduz na "cacunda" seus 67 janeiros. Nunca se casou nem se amaridou com mulher nenhuma. Mas conta apenas com 27 filhos adotivos, meninos a quem criou até ficarem homens, muitos deles levando netos por tabela... Eis a explicação curiosa, excêntrica, insólita de um pai, de um avô, e, se Deus quiser, de um bisavô que é cego há meio século e que jamais casou ou formou um lar com as mulheres. Ele é como um pássaro cego. Canta com a alma, com o coração de um poeta dentro da noite eterna de sua vida na gaiola de sua escuridão profunda; mas de seus lábios, de sua garganta saem clarões fulgurantes que iluminam a vida dos que têm olhos mas não podem transformar as trevas em luz.

BILHETES DO MEIO DO...

(Continuação da pág. 49)

sar em câmbio ou controle cambial; era só telegrafar e, no dia seguinte, o Banco lhe entregaria 800 francos ou 500 mil réis, boa moeda de prata ou ouro. Oitocentos francos eram mais do que 25 libras douradas, novinhas, a fazer tin-tin-tin nos bolsos...

Não há quase nada novo em Paris. Pode-se afirmar que tudo quanto é grandioso e imponente — a ópera, todas as grandes casas de varejo, os museus, os parques — já existia naqueles anos, quando a nossa terra era de fato ainda muito atrasada, sem conforto e sem atrações.

No Brasil tudo anda mudando, tudo vai melhorando: novos prédios, novas avenidas, novos cinemas e até mesmo nova mentalidade. Aqui na Europa, não: o que digo de Paris é também verdade quanto às outras grandes capitais. Eles estão parados. Nós andamos. Nós progredimos. Falta-nos muito ainda, é verdade, mas vamos melhorando rapidamente. Paris, Londres, possuem subterrâneos bons há quase 45 anos. Nós ainda os temos em desenhos no papel e nos artigos nos jornais, mas havemos de lá chegar.

Esta narrativa em nada diminui o valor, os encantos e beleza das grandes cidades da Europa. Estou, apenas, frisando como deveriam ser enormes, estonteantes, as sensações dos antigos visitantes brasileiros que aqui aportavam pela primeira vez.

Se isto aqui hoje é agradável, interessante, antigamente era mesmo uma espécie de paraíso terrestre, com as serpentes e as maçãs também.

UMA OFERTA EXCEPCIONAL PELO REEMBOLSO POSTAL

★
MODELO
GILDA



Em verniz preto e búfalo branco — Saltos 5½ e 3½ — Preço Cr\$ 90,00

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio. Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte. Os vales postais devem ser emitidos a favor da FÁBRICA DE CALÇADOS NILO LTDA. — Belo Horizonte, e remetidos à CAIXA POSTAL 5.273 — Rio de Janeiro

A ÚLTIMA PALAVRA EM CONFORTO E ELEGÂNCIA

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA ESTADO
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Publicidade para a "Revista da Semana"

em São Paulo:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

★
Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

DR. MOISES FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhoras — Distúrbios sexuais — Esterilidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS

CABELOS!

Por que V. S.
deve usar o
OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NÃO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tinteira. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

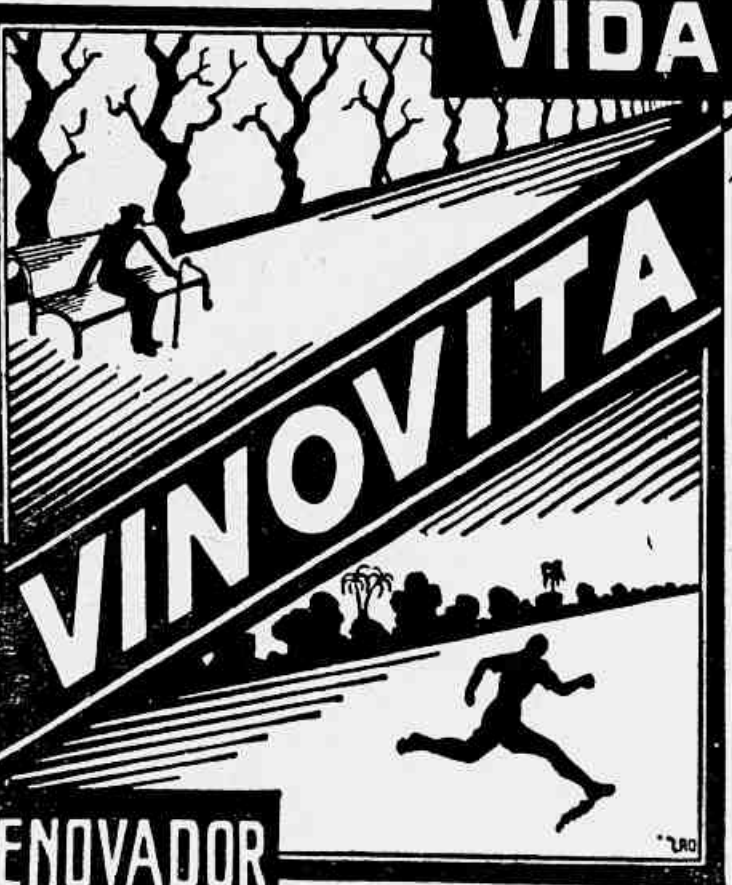
A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros
Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00
Pedidos à

Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.

Contra o esgotamento
físico e mental!

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso

LIVROS NOVOS

(Continuação da pág. 10)

falsos. Escrever-se que alguns cabeços rodeiam uma caverna, certo está; quer dizer que há, ali, uma caverna e há cabeços, picos, visos, cumes em torno, em volta dela. Mas os anjos de que se trata não cercam o altar, pela simples razão de não estar nenhum atrás dele; e nem sequer podemos admitir que o rodeiem voando, porque são de ouro e sem engenho ou mola capaz de os acionar, ouro oco ou maciço, mas ouro legítimo — e tanto assim que o maroto do padre Januário os passa, como se costuma dizer, a cobres. Que demônio! Parece claro isto!

4) A frase "jamais o deixando de limpar" recorda-me — com o devido respeito, meu ilustre confrade! — outra anedota, esta da famosa roda da Colombo, nos seus tempos de boêmia literária. Costumava aparecer ali um rapagão que Bilac e os seus companheiros deveras apreciavam pela elegância robusta, a bem merecida fama de conquistador e, no fundo, um gênio bonacheirão, adoravelmente inofensivo. De uma feita, tendo ele deixado, por certo tempo, de comparecer à hora sagrada do vermute, foi depois acolhido com joviais expansões de simpatia e curiosidade. "Mas que foi feito de você? Que sumiço levou? Por onde se perdeu todo este tempo?". E o herói, exultante e misterioso, desculpando-se da longa ausência:

— Se vocês soubessem... Andei aí metido numas "peripcias"...

— Peripcias? Que é isso, rapaz!

— Bom... Peripcias ou peripcias, como vocês quiserem.

Assim você, estimadíssimo amigo, — e devidamente respeitadas as distâncias — das três frases que lhe teriam ocorrido, escolheu a pior. Relembro-lhe Machado, bem como os outros mencionados artistas da prosa e do verso brasileiros. E por esta altura lhe peço para deixar em paz a Academia Brasileira que não foi para aqui chamada e não tem culpa nenhuma desta discussão nem do fato de me haver eleito, como a todos os membros correspondentes — e por unanimidade.

5) Cândido aceitou o termo "recuada", não, porém, a expressão "às recuadas". Do mesmo modo assinalou "avançada": sem abonar "às avançadas". Camilo não se equipara a S. S. o Papa; está humanamente sujeito a falhar. Neste mesmo Cândido se registram lapsos do gigante de S. Miguel de Seide. E Moraes, meu excelente colega, V. o faz entrar aí, como Pilatos no Credo.

Parágrafo seguinte: Não estranhei isoladamente — como V., para meu castigo, dá a entender — a forma "veio vindo" e sim o seu complemento "às recuadas". Neste ponto, procedeu V. por equívoco ou para caçoar comigo?

6) Encontrou em Machado de Assis "apenas fechou a noite" e em Camilo "Fechou-se a noite". O interessante, porém, seria encontrar as duas formas no mesmo autor, em lugares quase a seguir e absolutamente sobre o mesmo assunto. O que provavelmente nunca sucedeu àqueles nem a quaisquer outros escritores... Era uma singularidade, Montello, que lhe estava preciosamente reservada.

7) Perdoe-me ainda uma vez, generoso camarada, e espero que seja a última: Não percebo que analogia V. descobriu entre as frases "sentir às costas a borda saliente da mesa" e o sacerdote encostou-se ao gavetão. Menos ainda entrevejo, enxergo, lobrigo a aproximação que V. estabelece, por meio dos decassílabos de Camões. Outro governador da Judéia — quantos! — no Credo da nossa palestra fraternal... Sentir "às" costas só pode indicar um peso que temos ou trazemos em cima de nós. Que haverá de comum entre essa situação ou sensação e o caso de alguém se encostar a um móvel de sacristia ou qualquer outro, sagrado ou profano? São dois efeitos diversos; um, de peso: "às" ou "sobre" as costas; outro, de apoio ou pressão: "ao". Como se confundirão indicativamente tão diversas locuções? Palavra de honra: parece-me que só mesmo pela intenção decidida, voluntariosa, violenta de confundir.

Meu talentoso, culto e inegavelmente vitorioso Josué Montello, com toda a sinceridade me penitência desta imensa parlenda. Mas, também a V., lhe cabe alguma culpa de tudo isto. Se, logo de começo, me houvesse falado de equívocos, como agora, perto do fim, eu, com a permissão da REVISTA DA SEMANA para abandonar, por uma vez, a minha obrigação de registrar novidades de livreria, imediatamente publicaria a sua carta, sem me sentir obrigado a comentá-la. Em vez disso,

porém, me acusou de lhe imputar "erros graves"... A expressão foi sua e não minha. Falei de "exemplos graves" e não de "erros", tênues ou espessos, rudes ou ligeiros. "Erro" é uma palavra que me repugna — pelo menos aplicada a outrem. Assim nós abordamos, examinamos alguns problemas do nosso ofício, mas longe de mim a pretensão grosseira de lhe dar palmatoadas. Prefiro mil vezes apertar-lhe, com particular afeto, a mão cuja obra mais de uma vez já louvei espontânea e calorosamente. E assim como lhe estende a dextra — e também a esquerda, a do coração — cordialmente o abraça o seu confrade admirador o — J. L.

LEVANTA-SE O BLOQUEIO DE...

(Continuação da pág. 29)

sobre o qual roncavam os aviões ocidentais no serviço de abastecimento das zonas bloqueadas, terminaria por provocar outra guerra de imprevisíveis consequências.

Vivia o mundo inteiro sobressaltado, aflito, com esse estado de infecção em seu organismo ainda em convalescença, quando começou a correr mundo, através das agências noticiosas, a boa nova de que os quatro grandes estavam tratando de acabar com o bloqueio.

As atenções de toda a humanidade passaram a ser dirigidas para a capital germânica, ansiosamente, angustiosamente, como se fosse aquela cidade a sede da esperança universal.

E tudo se confirmou. Berlim ia ser aberta ao tráfego das quatro zonas, resguardadas apenas as questões de fiscalizações rotineiras. Todas as barreiras seriam retiradas à hora zero do dia 12 de maio, dia de festa para toda a capital de Berlim.

O que sucedeu é indescritível, mas bem podemos mostrar aos nossos leitores o entusiasmo do povo que veio todo para as ruas, a sorrir, a pular de contentamento, sabendo que agora todos teriam batatas, luz, gás, matéria prima para fábricas, energia elétrica para as indústrias e, sobretudo, a certeza de que os perigos da guerra haviam sido afastados para longe, e a paz voltava a encher de contentamento a alma da população.

EXPLOSAO DE GERICINÓ

(Continuação da pág. 58)

são usadas e jamais se verificou um acidente. Não é questão de defeito. O morteiro funciona ou deixa de funcionar. Por outro lado, não procede a notícia de que recebemos as granadas condenadas. Pelo contrário, da última remessa que recebemos deixamos de lado um pequeno lote, assim que fomos informados de que não se aconselhava mais o seu uso."

E finalizou:

— "Vamos ver o que apurará o inquérito."

AUTORIDADES EM VISITA AOS FERIDOS

Cientes do triste acontecimento rumaram para o Hospital onde foram internados os oficiais e praças atingidos, o sr. Nereu Ramos, vice-presidente da República, no exercício da Presidência; o sr. ministro da Guerra; o prefeito do Distrito Federal, parlamentares e outras altas autoridades civis e militares.

TELEGRAMA DO GAL. DUTRA

Tão pronto foi informado do lamentável acidente ocorrido no campo de manobras de Gericinó, sua excelência o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, que no momento se encontrava nos Estados Unidos, determinou a expedição de um telegrama de condolências extensivo à família das vítimas.

O ENTERRAMENTO

Na tarde do dia 19, com a presença do sr. ministro da Guerra e outras altas autoridades militares e civis, o cortejo fúnebre deixou a sede do Hospital Central do Exército em demanda à necrópole do Caju, onde grande número de oficiais, autoridades civis, bem como pessoas de todas as classes sociais aguardavam a chegada dos féretros. A entrada, os corpos foram conduzidos em carretas, por oficiais superiores, achando-se as urnas cobertas com o Pavilhão Nacional.

A frente do cortejo iam-se os ministros da Guerra, Marinha, Aeronáutica e da Justiça; o presidente do Clube Militar, acompanhado dos demais membros da diretoria daquela entidade; adidos militares estrangeiros; membros da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos; o prefeito Mendes de Moraes; todos os generais em serviço na Guarnição do Rio de Janeiro; parlamentares e várias comissões, dentre as quais as do Colégio Militar e da Polícia Militar do Distrito Federal.

Os féretros foram acompanhados à sepultura pelos capitães-militares rev. padres José Bussato e João Batista Cavalcanti, que encomendaram os corpos.

Um oficial procedeu à chamada de cada um dos mortos, em torno de cujos corpos foram se aproximando as pessoas de suas famílias. Terminada a cerimônia, foi feito o sepultamento dos corpos, ao toque de silêncio.

Nº 7

A MULHER SCARLET INVISIVEL

POR RUSSELL STAMM

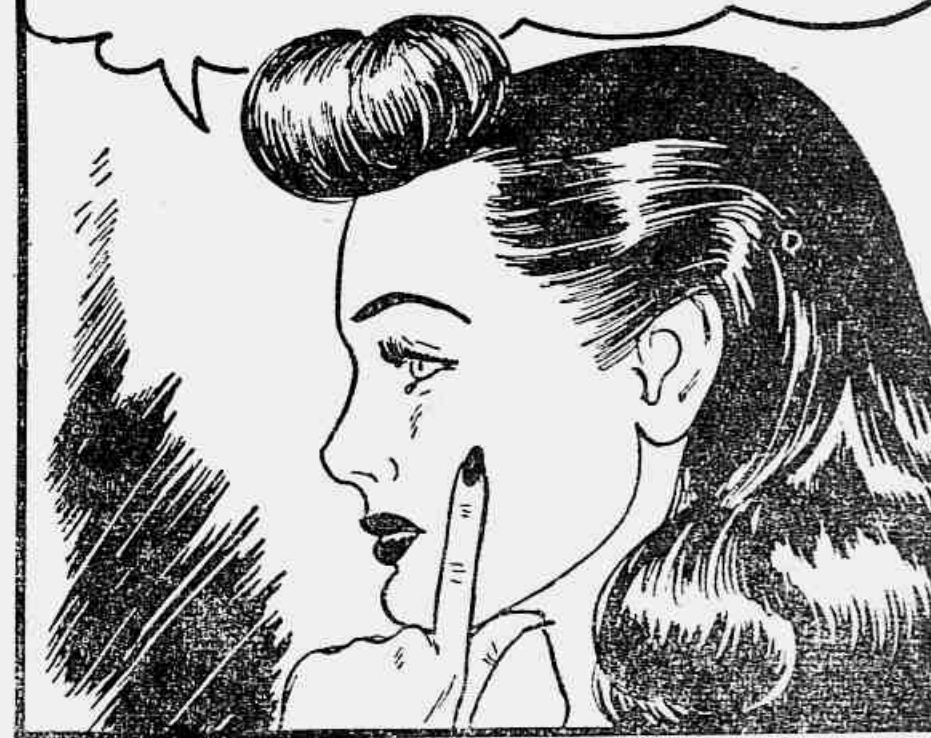
DESTRUIU COMPLETAMENTE O CARRO. NÃO HA' PISTAS.



FERIU-ME NA COSTELA. DEVE TER APANHADO TAMBEM O MENINO.



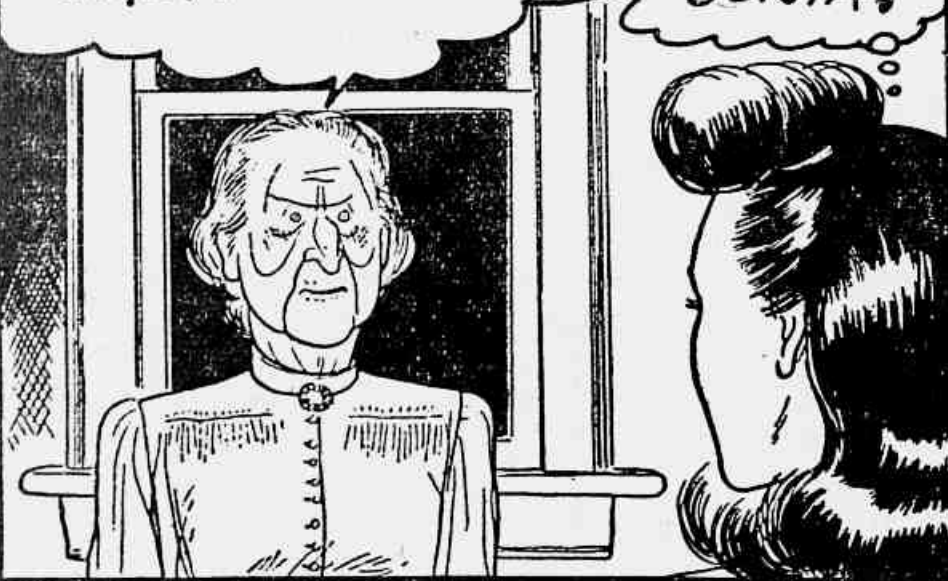
SERA' QUE ELE FUGIU DE ALGUM ORFANATO...



NINGUEM COMUNICOU O DESAPARECIMENTO DE UMA CRIANÇA. SCARLET VISITA UM ORFANATO

NINGUEM FUGIU DAQUI.

NÃO ESTOU CERTA.



O MENINO PROVAVELMENTE JA' ESTA' EM CASA. INVESTIGAREI O CARRO.

MUITO OBRIGADA



O DONO DO CARRO DISSE QUE ESTE RECORTE NÃO ERA DELE.



VOCÊ PRECISAVA VER AS ROUPAS QUE COMPREI PARA ESTA VIAGEM. TENHA CUIDADO, SCARLET.



DOIS MESES DEPOIS SCARLET CHEGA NUMA PEQUENA CIDADE ATRAZ DE UMA "TROUPE"



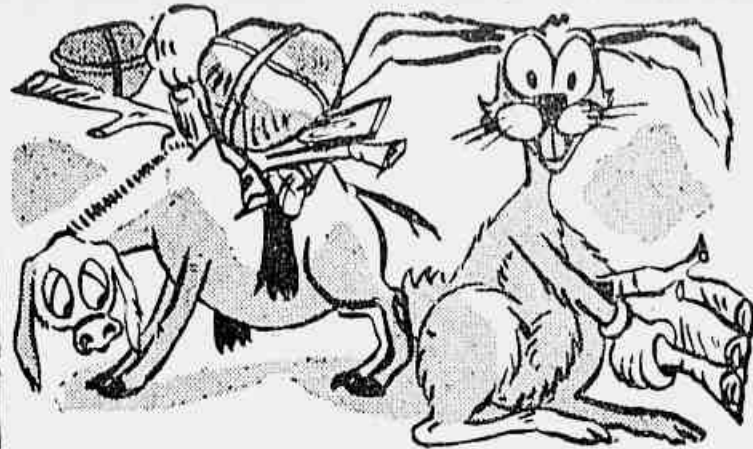
NOW PLAYING E ENFIM, CHEGUEI...





MUNDO manca & MULA Murcha

DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES • PAGINA DE AGITAÇÃO ANÔNIMA • ARTE • MANHA • DIVERSÕES • BONECOS DE RAFAEL



SUSPENSÃO DO BLOQUEIO



Já faz cerca de quatro anos que estou vivendo sob a pressão anticristã de indivíduos sem entradas, que bloquearam os meus sagrados direitos de créditos nos armazéns de diversos bairros, onde sempre comprei em cadernetas a prazo longo.

Só Deus sabe o quanto têm sofrido os meus pobres desvalidos a quem socorro, fornecendo alimentos e, muitas vezes, até dinheiro em espécie, conseguido sabe Deus com que risco.

O bloqueio vem sendo mantido



e agravado com a negativa de meu trânsito livre em alguns botecos, sob a falsa alegação de que já estou com vários «pendurados». Mas isso é infâmia. Sempre que me sirvo do direito de andar sem dinheiro por causa dos assaltos, faço despesas e mando

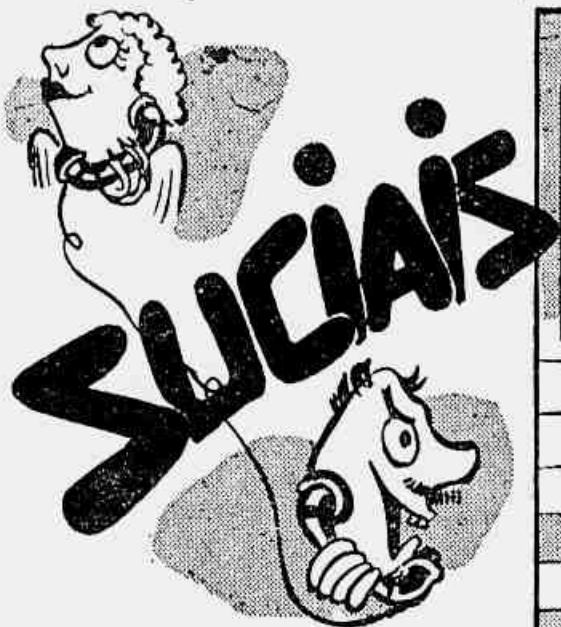
que me cobrem outro dia, e não que «pendurem», pois isso é uma expressão plebéia, e eu, o Conde de Salamaleques, fidalgo senhor de extensas terras devolutas em Mato Grosso e além do Roncador, detesto termos de giria.

A guerra fria deve acabar. Todos os bloqueios à minha liberdade de dever seja a quem for, precisam ser suspensos. Vejam o exemplo de cordialidade, de fraternidade, de cristianismo, que os três «big four», Estados Unidos e Rússia, acabam de dar ao mundo inteiro depois de quase um ano de bloqueios daqui para lá e de lá para cá, levantaram os travessões e todo mundo confraternizou. Não há mais câmbio negro, nem prisões, nem infrações por motivo de fome. Entra-se no setor soviético com a mesma facilidade com que se entra no setor ocidental e versa-vice.

Eu também estou esgotado. O bloqueio que decretaram os meus gratuitos inimigos do leste e do oeste, já foi ultimamente imitado pelos desconfiados da zona Norte e, possivelmente, pelos da zona Sul. Somente amanhã é que vou experimentar se isso já aconteceu, pedindo um churrasco para o meu almoço.

É necessário que os magnatas dos restaurantes e cafés leiam as palavras de Cristo: «Se queres a salvação, dá tudo aos pobres e segue-me». Oh! nababos! Cumprai as escrituras, oferecendo-me o que possuídes!

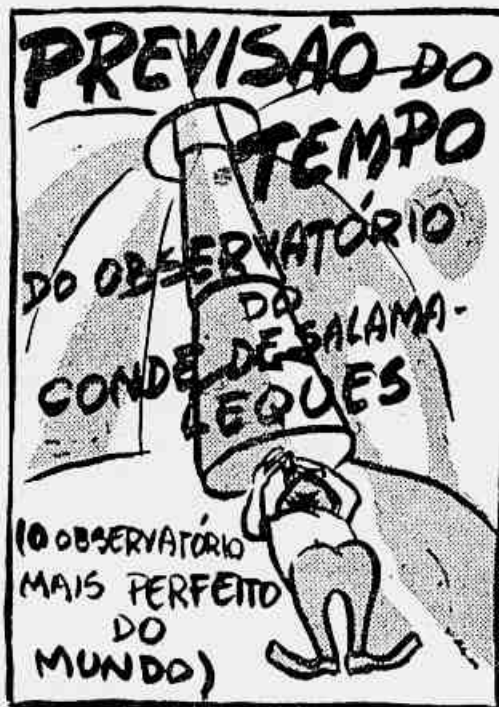
Conde de Salamaleques



Casamento — Josefina Dido vai desposar, hoje, sem falta, o sr. Rafael Agre. Fazemos votos pela felicidade do jovem par Agre-Dido.



Noivado — Entre alegrias de ambos os lados, ficou noiva a senhorita Maria Atro, com o distinto alcaide Jorge Pelado. É de esperar que, se nenhum se arrepender, brevemente formem o casal Atro-Pelado.



Durante todo o período entre a hora zero de hoje e a última hora de amanhã, o tempo deverá estar bom, se não chover. Se chover, é sinal de que o tempo não está sopa.



Retificação — Veio até esta oficina de árduos trabalhos o estimável senhor Natanael Prazeres, pedir que tornemos público e notório que o homônimo que foi preso por estar jogando «pil-pal» não é ele, e sim outro.



Desaparecida — Maria Aparecida, chegada do Norte, está desaparecida na zona Sul. Este é o retrato desaparecido da desaparecida que apareceu.



na. Os cálculos de um matemático podem não ser dele e sim dos rins ou do ligado. E isso é de doer.

5 — Diga depressa, muitas vezes, sem parar: pinga a pipa para o prato, pia o pinto, mia o gato.

Barão do Buteco



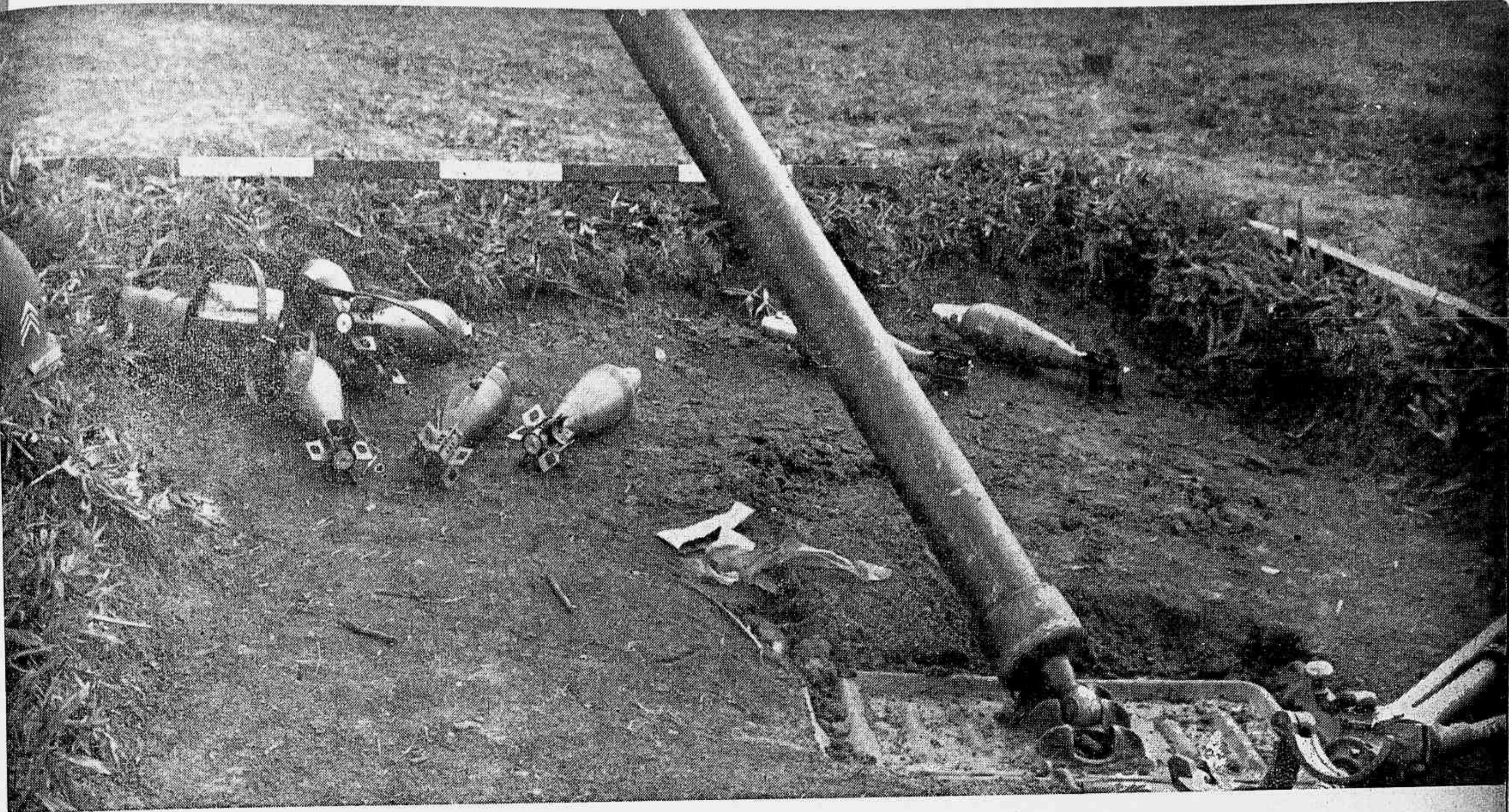
1 — Depois que a casa de d. Felismina ficou com pena d'água, ela não ficou com pena d'água. Mas a água da pena dá pena. Houve críticas e ela briga quando se faz referência a penas d'água, com ela só se fala apenas d'água.

2 — O prefixo des tem sentido do contra. Assim, fazer e desfazer. Dizer e desdizer. Embarcar e desembarcar. Logo, se alguém retira as telhas de uma casa, esta fica destelhada. Mas quem pode afirmar que uma pessoa que perde o tino fica destinada?

3 — Diclroditenilicloretono. Sabe lá o que é isso!

4 — Só porque aquele amigo trabalha numa máquina pode-se afirmar que age maquinamente? Quem máquina faz cálculos, mas nunca os cálculos de uma máquina.





O morteiro Brand, de 81 milímetros — a peça causadora do lamentável acidente

A EXPLOÇÃO DE GERICINÓ

AINDA mal refeito do duro golpe sofrido com a explosão de Deodoro, novo desastre vem enlutar o Exército Nacional, roubando preciosas vidas ao serviço da Pátria, e levando a dor e o sofrimento a dezenas de famílias brasileiras.

No campo de manobras militares de Gericinó, nas proximidades da Vila Militar, praças e oficiais de nosso Exército foram vitimados quando em pleno exercício de treinamento constante do programa do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo.

A explosão inesperada de uma bomba para morteiro, denominada "granada defensiva", de alto teor explosivo, ocasionou a morte de dez brasileiros, inclusive um tenente-coronel, um major, vários capitães, tenentes e praças, atingindo na sua trajetória sinistra dezenas de oficiais-alunos que recebiam instruções naquele local.

A notícia do lutuoso acontecimento causou profunda

consternação em todo o País, privando o Exército Nacional do concurso de brilhantes oficiais dos mais dedicados à nobre profissão que tinham abraçado.

OS EXERCÍCIOS

O exercício que se estava levando a efeito na manhã do dia 18 do corrente, no campo de Gericinó, era destinado aos oficiais-alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, tendo sido empregada a tropa do Regimento Escola de Infantaria que faz parte do Grupamento de Grandes Unidos.

O treinamento, realizado no alto do morro da Jaqueira, estava prestes a terminar. Cerca de duzentos oficiais-alunos do E.A.O. acompanhavam os trabalhos que vinham sendo realizados por um contingente do Regimento Escola de Infantaria, comandado pelo tenente-coronel João Ururai de Magalhães. Os oficiais recebiam instruções que lhes

vinham sendo ministradas desde cedo pelo major Moura. Já tinham sido realizados, em perfeita ordem, os exercícios de tiros de metralhadora, de granada e morteiro. Entretanto o treinamento se havia prolongado um pouco mais, em face justamente do mau funcionamento desse último tipo de arma — o morteiro.

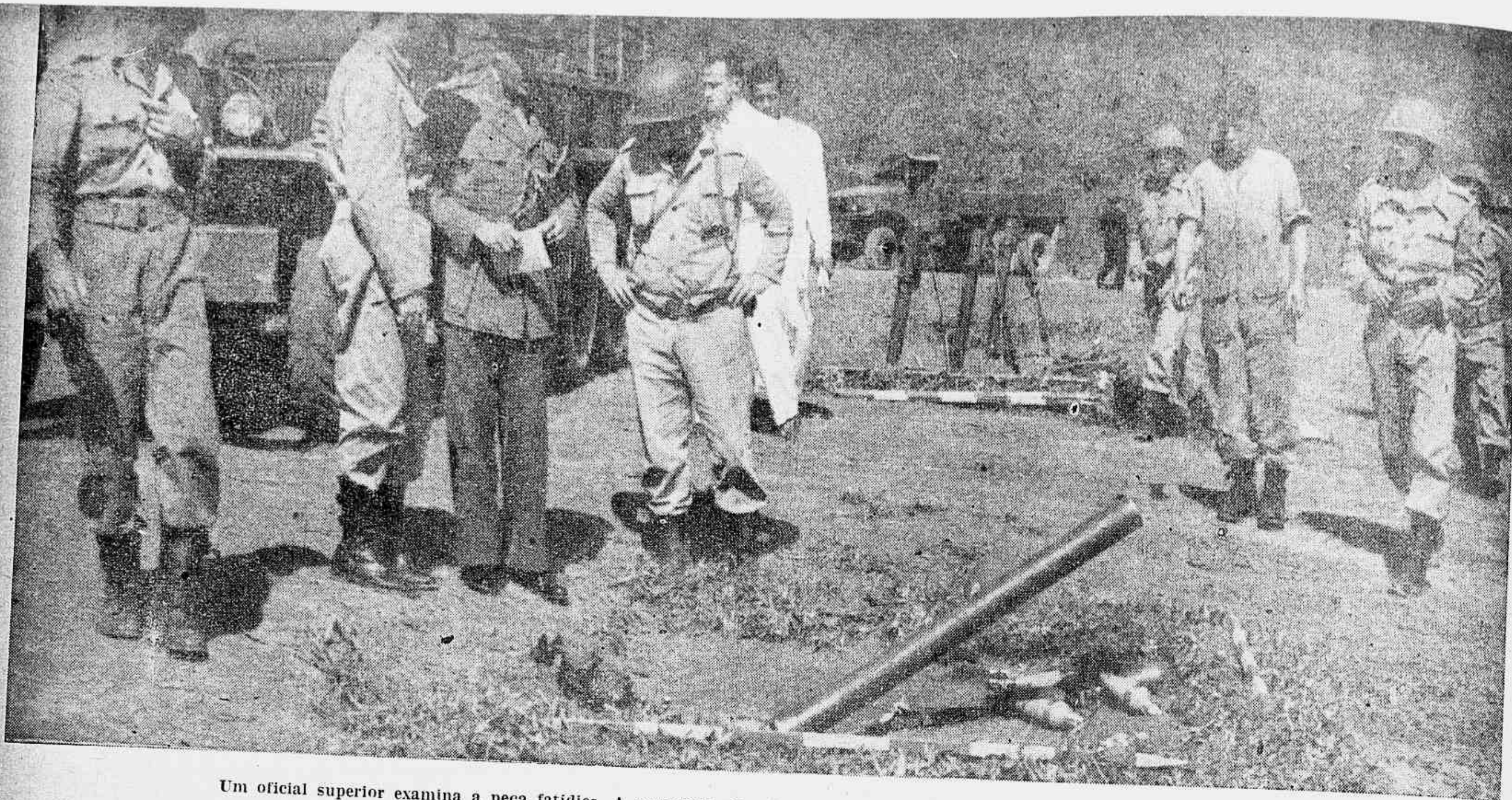
Cerca de duzentos oficiais-alunos assistiam aos exercícios. Alguns deles ocupavam um palanque de madeira armado a cerca de trinta metros de distância do local onde foram assentadas as quatro peças de morteiros. Os demais sentaram-se no chão, sobre lençóis ou folhas de papel, numa pequena elevação do terreno, situada a quinze metros daquele ponto.

A EXPLOÇÃO

Cerca das 9 horas, soldados e oficiais iniciaram os preparativos para o último exercício daquela manhã. Agrupa-



A esquerda: "Granadas defensivas" — foi um petardo desse tipo que explodiu a dois metros de altura, lançando estilhaços mortíferos em todas as direções do campo de Gericinó. A direita: As peças de morteiro devidamente assentadas para o exercício de tiro. O alvo estava situado a 500 metros de distância.



Um oficial superior examina a peça fatídica. A percussão não foi bastante forte para lançar a granada à distância pretendida

mentos foram feitos em torno dos morteiros, e o exercício teve início com a detonação de doze tiros, em direção ao alvo fixado a cerca de 500 metros de distância.

As quatro peças utilizadas estavam sendo recarregadas para o último tiro. Uma delas, no entanto, a que era dirigida por um sargento, um cabo e dois soldados, havia antes acusado defeito. Houve a percussão normal mas o morteiro ficou retido na peça. Retirado o morteiro e examinada a peça, esta foi dada como em condições de funcionamento, depois de recarregada.

Dada a ordem de "Fogo!", os artilheiros fizeram funcionar as suas peças. Todas elas foram disparadas normalmente, à exceção da peça que acusara o defeito. A percussão não foi bastante forte para lançar o morteiro à distância pretendida, indo este se projetar a dois metros de altura do campo de manobra, explodindo violentamente, espalhando seus mortíferos estilhaços por toda a área ao redor.

PANICO

Numerosos oficiais e soldados, apanhados de surpresa, foram atirados violentamente ao solo pelo deslocamento de ar seguido à explosão. Ao mesmo tempo que outros, menos afortunados, eram atingidos pelos estilhaços do petardo.

O pânico apoderou-se dos que tiveram a sorte de não

ser atingidos, e estes levaram algum tempo para compreender a gravidade da situação.

Por todo o campo, num raio de algumas dezenas de metros, soldados e oficiais lançavam gritos de dor e pedido de socorro.

O primeiro oficial a recobrar a lucidez e a prestar socorros às vítimas foi o tenente Vicente Feitosa Ventura, que, não tendo sido ferido, mas apenas sofrido as consequências da concussão, correu em auxílio do coronel Ururai, que se achava caído. Apesar de não ter sido atingido também, o coronel Ururai estava completamente tonto, tal a violência do deslocamento de ar produzido pela explosão do petardo. Minutos após, aqueles dois oficiais conseguiram reunir as vítimas, chamando para ajudá-los os soldados e oficiais ileso.

OS PRIMEIROS SOCORROS

Inúmeros feridos necessitavam de socorros imediatos. No local das manobras, entretanto, não havia meio regular de comunicações, e, por infelicidade, nenhuma das viaturas que ali se encontravam estavam munidas de rádio-transmissor. O único recurso era o transporte dos feridos em caminhões e "jeeps" para os centros de socorros mais próximos, o que foi providenciado em seguida, sendo os

primeiros feridos removidos para o Hospital Carlos Chagas e o Posto de Assistência da Vila Militar.

Imediatamente partiram para o local várias ambulâncias do Exército e dos Postos de Assistência Pública, removendo os restantes para os hospitais das imediações. Também do Hospital de Pronto Socorro, do Miguel Couto, da Aeronáutica partiram ambulâncias, conduzindo médicos, enfermeiros e equipamento necessário para serviços de emergência, inclusive doadores de sangue e considerável quantidade de plasma sanguíneo do Banco de Sangue da Prefeitura.

OS MORTOS

Em consequência da tremenda explosão, morreram os seguintes oficiais e praças: tenente-coronel João Valença Monteiro, da arma de Engenharia; major Luis Alberto da Cunha, de Infantaria; capitães Jorge Mesquita Caldas Xexéu, de Cavalaria; Manuel Machado Lacerda, de Artilharia; Antônio de Pádua Parente Miranda, de Infantaria; Hélio Veloso Padron, de Artilharia; Heitor Hohrer Dreon, de Artilharia; 2º tenente Valdir Vieira Cademartori, de Artilharia; sub-tenente Fernando Paulino, da Polícia Militar de Santa Catarina, e o soldado Valdemar Sarmento. No local tiveram morte instantânea o major Luis Alberto da Cunha, o capitão Hélio Padron e o soldado Valdemar Sarmento.

Tão pronto foram informados do trágico acidente, o Sr. Nereu Ramos, vice-presidente, da República, no exercício da Presidência, e o Sr. Ministro da Guerra compareceram ao Hospital Central do Exército em visita aos feridos

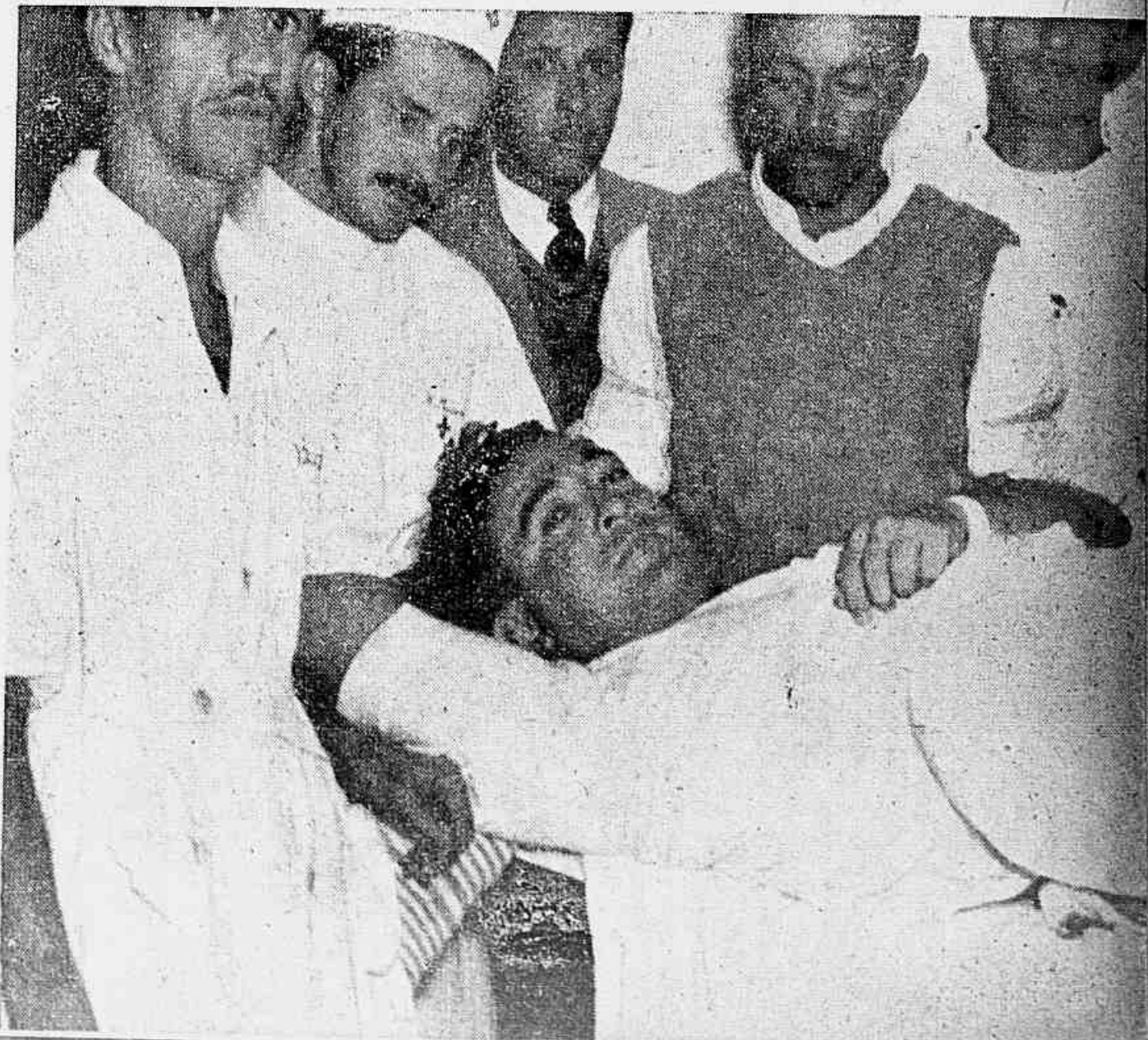
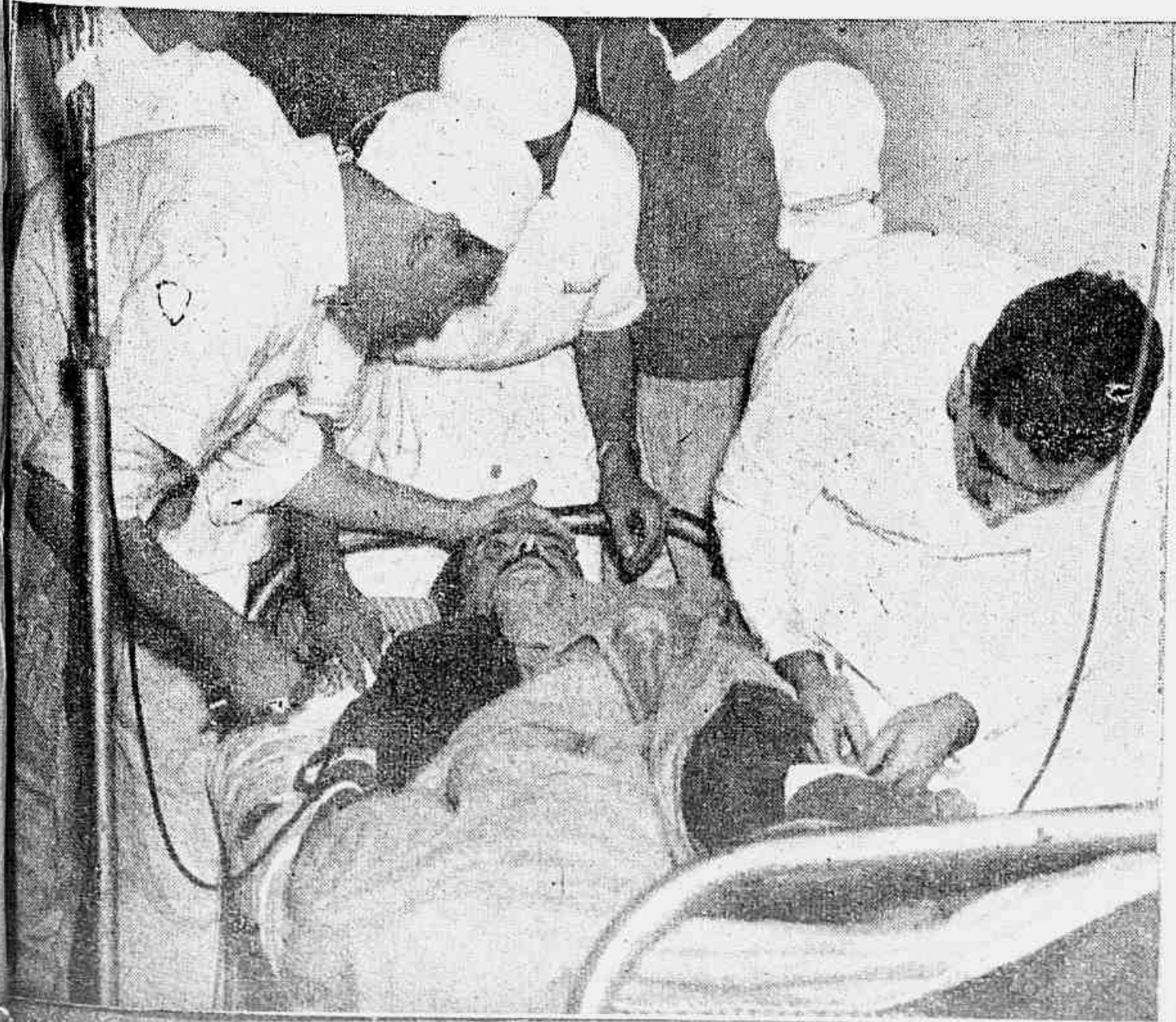




O General Zenobio da Costa, Comandante da Zona Militar de Leste, em visita aos feridos no Hospital Central do Exército. Todos os recursos dos hospitais municipais do



Rio foram mobilizados para prestar socorros aos feridos. Doadores de sangue, plasma san guíneo do Banco de Sangue da Prefeitura do Distrito Federal e toda sorte de medicação de emergência foram imediatamente providenciados pa ra atender aos oficiais-alunos vítimas da explosão





De cima para baixo: Aspecto do cortejo fúnebre à entrada do Cemitério São Francisco Xavier. Um oficial procedeu à chamada dos mortos. Terminada a cerimônia, foi feito o sepultamento, ao toque de silêncio. Os feretos foram



acompanhados à sepultura pelos Capitães-militares Rev. Padres José Bussato e João Batista Cavalcanti, que encomendaram os corpos



Ao sepultamento realizado na Necrópole do Gálio estiveram presentes altas autoridades civis e militares. Na foto: O Gen. Euclides de Figueiredo, Ministro da Aeronáutica e o titular da Guerra, Gen. Canrobert Pereira da Costa

A CAUSA PROVÁVEL

O tipo de projétil usado pelo Grupamento 7, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais foi uma granada de morteiro 51, que já estão sendo fabricadas no Brasil. O Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, há dois anos, já passou a ser usadas pelo Exército há cinco anos, logo no fim da guerra, tendo sido, no início, importadas da América do Norte.

Possivelmente o defeito observado que provocou o adiantamento da explosão se teria verificado no mecanismo de precisão da espoleta. Idêntico a um mecanismo de relógio e que regula o tempo de detonação, há ainda a possibilidade de ter havido defeito na carga de arrebentamento, entretanto a maioria dos acidentes provocados pela granada 51 é proveniente do mecanismo da espoleta.

A granada 51 é usada pela Infantaria como arma de artilharia, já tendo sido planejada a sua substituição por outro modelo norte-americano, leve, mais preciso e com a mesma eficiência.

Como sempre acontece em acidentes dessa natureza, a confusão reinante no momento impediu que se determinasse com precisão a verdadeira causa da catástrofe. Isso somente ficará definitivamente esclarecido por ocasião do término do inquérito instaurado pelo Exército Nacional.

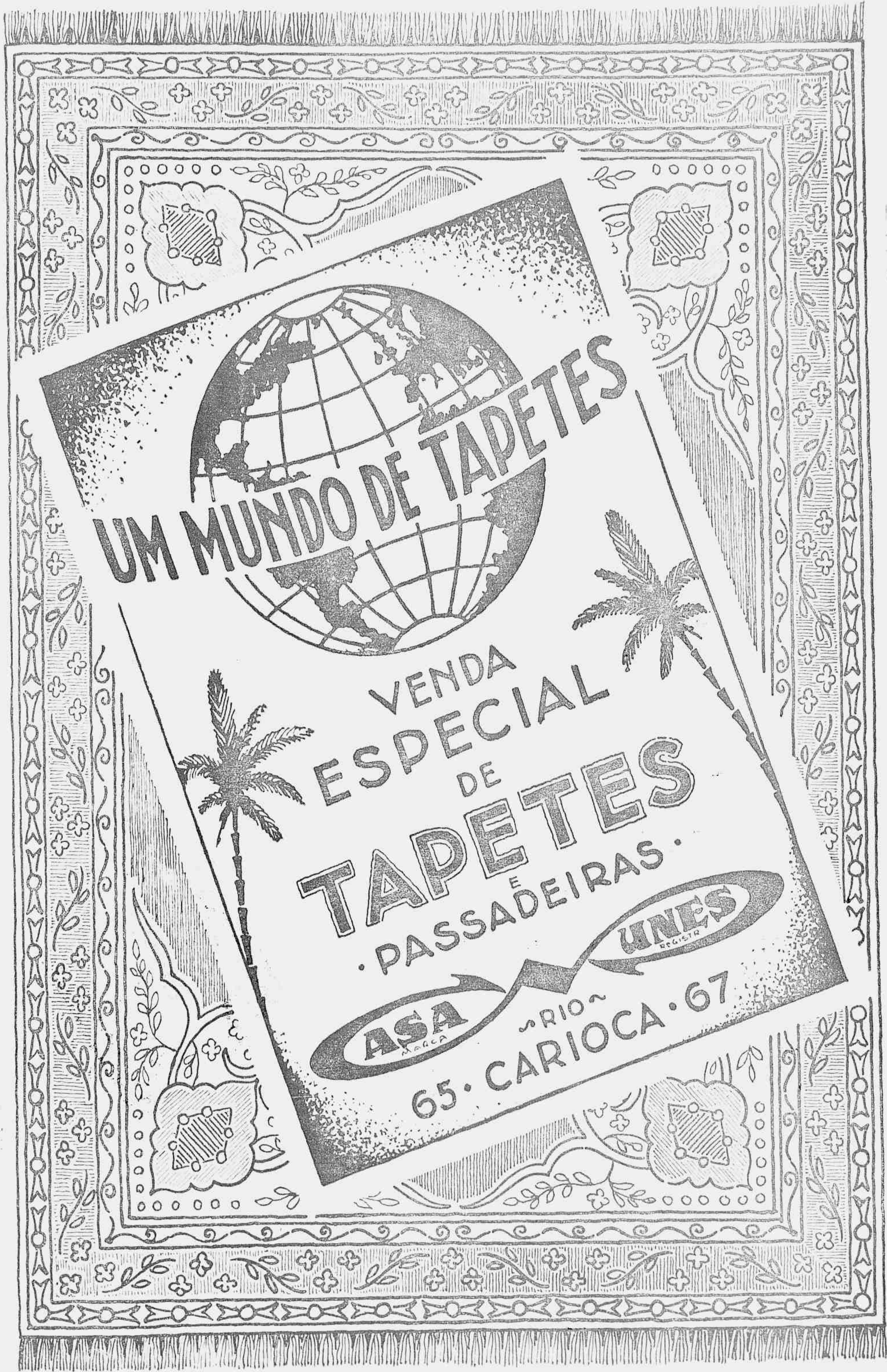
Todavia, o diretor do Material Bélico, presuindo, naturalmente à imprensa desta capital, teve oportunidade de adiantar a sua opinião a respeito do incidente.

— Não teria sido falha de fabricação da granada, não se insinua. Recuso-me a aceitar semelhante hipótese. Foi mero produto do acaso e da fatalidade. Um fato inexplicável, sem dúvida. Não houve nada parecido antes com o que sucedeu. Todos os dias granadas 51 são usadas.

(Continua na pág. 32)

Acompanharam o cortejo, os Srs. Ministros da Guerra e Aeronáutica, além de altas autoridades civis e militares, adidos estrangeiros, membros da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos e várias comissões, dentre as quais a do Colégio Militar e da Polícia Militar do Rio de Janeiro.





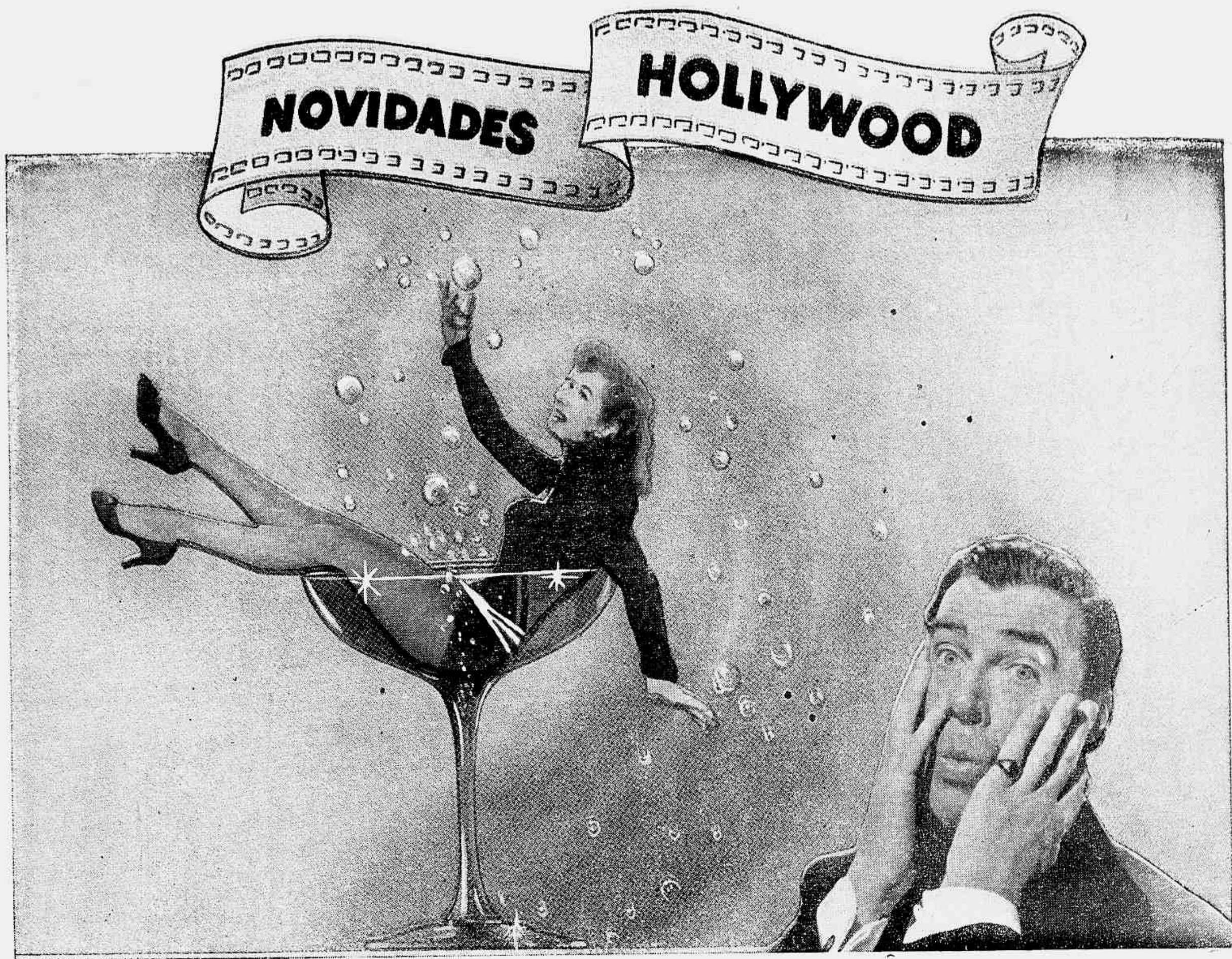
UM MUNDO DE TAPETES

VENDA
ESPECIAL
DE
TAPETES
PASSADEIRAS.

ASA

UNES

RIO
65. CARIOCA. 67



Hollywood - Calif. Uma inesperada Greer Garson surge no novo filme da Metro-Goldwyn-Mayer — "Travessuras de Júlia". Viva, glamourosa, alegre, em "maillot" de teatro, ela é o "outro lado" da artista que conhecemos em "Adeus, Mr. Chips". Com Greer Garson contracenam Walter Pidgeon, Peter Lawford, Elizabeth Taylor e Cesar Romero.

Hollywood, com seus artistas mundialmente famosos, sugere elegância, bom gosto e requinte. E é particularmente com bom gosto e requinte que esses artistas escolhem os seus cigarros, sempre cigarros capazes de agradar aos mais exigentes, onde entra a mesma alta qualidade de tabaco encontrada, no Brasil, nos cigarros Hollywood. Exija também alta qualidade, prefira os cigarros Hollywood.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre
o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz